

Projeto

POVOS

Território, Identidade e Tradição

TERRITÓRIOS DO

# NOR TE DE PA RA TY

Território é ser!  
 Do mar, da terra, da floresta e das serras  
 moldou-se um olhar,  
 um modo de estar e pensar e agir  
 em meio a tudo ao redor: vida,  
 toda forma de vida entrelaçada  
 vivendo e morrendo nesse chão  
 e alimentando quem vem depois  
 no ciclo natural do planeta.  
 Aqui, nestas vastas florestas tropicais,  
 o céu como teto para a liberdade,  
 o mar como estrada para as distâncias  
 a terra como mãe para o alimento  
 gerações nasceram e morreram  
 até essa geração de hoje  
 e assim seguirá!  
 Território é ser  
 E sempre seremos!

**Santiago Bernardes**

Essa publicação é dedicada à memória  
 da parteira Maria Augusta dos Reis,  
 “Madrinha Augusta” (1909-1999) e  
 aos mestre de ciranda de Tarituba -  
 Chiquinho, Bidico, Pedro e Pedrinho,  
 que se foram deixando um legado às  
 novas gerações caiçaras.

Executante



Empreendedor



Órgão Licenciador



A realização do Projeto Povos é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama.

Parceiros



OBSERVATÓRIO  
 DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E  
 SAUDÁVEIS DA BOCAINA



Ministério da Saúde  
 FIOCRUZ  
 Fundação Oswaldo Cruz

FÓRUM DE  
 COMUNIDADES  
 TRADICIONAIS  
 ANGRA • PARATY • UBATUBA



COORDENAÇÃO NACIONAL  
 DE COMUNIDADES TRADICIONAIS  
 CAIÇARAS



## Territórios do Norte de Paraty

### Realização:

Associação de Moradores e Pescadores da Praia Grande - AMORPG

A Associação Cultural Recreativa e Folclórica de Tarituba - ACRFT

Associação de Moradores de Tarituba - AMOT

Associação de Moradores de São Gonçalo - AMOSG

Associação de Moradores da Ilha do Cedro - AMICEDRO

Comunidade Indígena Pataxó do Iri

Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis (OTSS)

Fórum de Comunidades

Tradicionais de Angra dos Reis,

Paraty e Ubatuba (FCT)

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

### Coordenação geral:

Fabiana Miranda

### Coordenação de Campo:

Anna Maria Andrade

### Pesquisadores de Campo:

Fabiana Ramos, Gabriel Martins, Julio Garcia Karai, Priscilla Azevedo

### Textos:

Anna Maria Andrade, Fabiana Miranda, Gabriela Murua, Santiago Bernardes

### Revisão Técnica:

Helena Tavares, Anna Maria Andrade

### Mapas:

Janaina Cassiano dos Santos, João Oswaldo Cruz, Nicholas Saraiva, Tiê Passos

### Fotos:

Allan Yu, Anna Maria Andrade, Eduardo di Napoli, Felipe Scapino, Julio Garcia Karai

### Projeto Gráfico e Editoração de Imagens:

Eduardo di Napoli, Tiê Passos

### Diagramação:

Leticia B Dias

### Ilustrações e infográficos:

Tiê Passos, Eduardo Di Napoli

### Transcrição de Entrevistas:

Camila Gauditano, Gustavo Córdoba, Jéssica Donegá Barreto, Marília Lima

## OTSS – EXPEDIENTE FIOCRUZ

### Coordenação Geral:

Edmundo Gallo e Wagner do Nascimento

### Coordenação de Campo / Povos:

Fabiana Miranda

### Pesquisadores de Campo (FCT) / Povos:

Allan Yu, Anna Maria Andrade, Cristiano Lafeté

### Coordenação de Comunicação:

Eduardo Di Napoli, Felipe Scapino, Marina Duarte de Souza, Tiê Passos e Vinícius de Carvalho

### Coordenação de Governança e Gestão:

Leonardo Freitas e Helena Tavares

### Coordenação de Justiça Socioambiental:

Marcela Cananéa, Thatiana Lourival

### Validadores / Movimentos Nacionais:

Julio Garcia Karai, Comissão Guarani Yvyrupa (CGY)

Marcela Cananea, Coordenação Nacional de Comunidades Tradicionais Caiçaras (CNCTC)

Ronaldo dos Santos, Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ)

### Entrevistados e Agradecimentos

Adelino O Castro, Ademar Gomes de Souza, Adirson Gomes de Souza, Aldia de Bulhões Lara, Aldo Bulhões Lara (Pardinho), Alexandre Lara de Bulhões, Almir Gomes de Souza "Pipi", André de Souza, Andreza S. F Borges, Anésia Nascimento, Aparecida Rosa Ayres, Vice-cacique Apohinã Pataxó, Aroldo Carlos Oliveira, Atekai Pataxó, Auri Ribeiro Braz, Barílio Muniz Ribeiro, Benedito Hilário de Bulhões, Caila C. R. Vieira, Carlos Alexandre Gomes, Davi Freire, Edson Brasil dos Reis, Elias Vicente da Silva, Elizabeth Martins, Emanuel Gama, Érico Porto da Silva, Ernani João de Santana, Fernando Conceição da Silva, Francisco F. de Oliveira, Frank Martins de Souza, Gloria Fraga de Souza, Graciana dos Santos, Cacique Hâgui Pataxó, Isis Ayres da Cruz, Israel de Fraga "Coméia", Itôhã Muniz Ribeiro, Joaquim Meira Santos Filho, Jose Felix da fraga Bulhões, José Luiz Cananéia Soares, Kaila Muniz Ribeiro, Leonor Maria de Bulhões Rodrigues, Malaquias Nascimento, Márcia Antônio de Bulhões Reis, Margarida Gomes Martins, Maria Antônia de Bulhões Resende, Maria da Glória R. De Bulhões Maria Tania F. Ribeiro, Mateus dos Santos Conceição, Mauriceia Pimenta Tanni, Muriã Tupinambá, Natalina Bulhões Reis, Nawã Pataxó, Nedina dos Santos Conceição, Neidir da Conceição Nelson de Carvalho Gomes, Nelson de Carvalho Gomes Jr, Odil Meira de Bulhões, Paula Togama B.de Bulhões, Pedro de Jesus Ribeiro, Pedro Ribeiro, Raiane Sousa, Roberta F. Bulhões, Robson Luiz Moraes Silva, Roselaine F.O. Almeida, Ruy Dutra Nascimento, Sebastião Ferreira Nogueira, Simone Ferreira de Bulhões, Tânia Rosa Silva Ayres Tapurumã, Tatiane M.S. Landim, Vagno Martins, Valdinei M. Bastos Junior, Xôhã Pataxó.

## TERRITÓRIOS DO

# NORTE DE PARATY

## ÍNDICE

<b>Projeto Povos</b> .....	08
Entendendo o Pré-Sal .....	10
Como estes mapas são feitos .....	14
Como usar esses mapas a favor da comunidade .....	16

<b>Territórios de Paraty</b> .....	18
Introdução .....	24
São Gonçalo, Ilha do Cedro e Ilha do Pelado.....	40
Tarituba.....	104
Praia Grande.....	154
Aldeia Kanã Pataxi üi Tanara - Pataxó.....	186

### Mapas

Microterritório Norte de Paraty .....	20
Maritório Norte de Paraty .....	22
São Gonçalo.....	98
Ilha do Cedro.....	100
Ilha do Pelado.....	102
Tarituba.....	152
Praia Grande.....	184
Aldeia Kanã Pataxi üi Tanara - Pataxó.....	216

**Pela primeira vez,  
nós por nós mesmos.**

**Nós, os povos tradicionais  
de Angra dos Reis, Paraty  
e Ubatuba, dizendo  
quantos somos, como  
vivemos e o que buscamos  
para a plena realização  
dos nossos direitos.**



# Projeto Povos: Território, Identidade e Tradição

Conheça a mais abrangente iniciativa de cartografia social já realizada na Bocaina. Protagonizada pelas próprias comunidades, caracterização envolve territórios indígenas, quilombolas e caiçaras de Angra dos Reis (RJ), Paraty (RJ) e Ubatuba (SP)

Qual é exatamente o território tradicionalmente ocupado pelos quilombolas? Quais são as condições de saneamento dos indígenas? E quais são os desafios dos caiçaras em relação ao acesso à educação? Estas são apenas algumas das informações que serão reveladas pelo Projeto Povos, iniciativa que vai colocar de vez, no mapa do Brasil, os territórios de 64 comunidades e localidades tradicionais indígenas, caiçaras e quilombolas de Angra dos Reis (RJ), Paraty (RJ) e Ubatuba (SP).

Reivindicação histórica do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), a realização do Projeto Povos é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama, para a produção de petróleo e gás pela Petrobras na Bacia de Santos. Quem executa é o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), uma parceria entre o FCT e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Participam também a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), a Comissão Guarani Yvyrupá (CGY) e a Coordenação Nacional de Comunidades Tradicionais Caiçaras (CNCTC), que completam o conselho do projeto com a missão de garantir que todos os direitos das comunidades sejam respeitados.

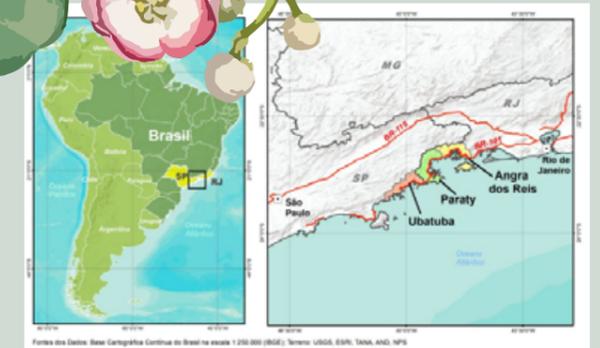
O Projeto Povos utiliza metodologias de cartografia social que permitem às comunidades desenhar, com ajuda de profissionais, mapas dos territórios que ocupam. Este tipo de mapeamento social geralmente envolve populações tradicionais e é um instrumento utilizado para fazer valer os direitos desses grupos frente a grandes empreendimentos, problemas relacionados à grilagem de terras e ao não cumprimento de leis que dizem respeito à delimitação de terras indígenas, à titulação de territórios quilombolas e à regularização fundiária de territórios caiçaras, entre outros.

## Caracterização de 64 territórios tradicionais ocorre até 2023

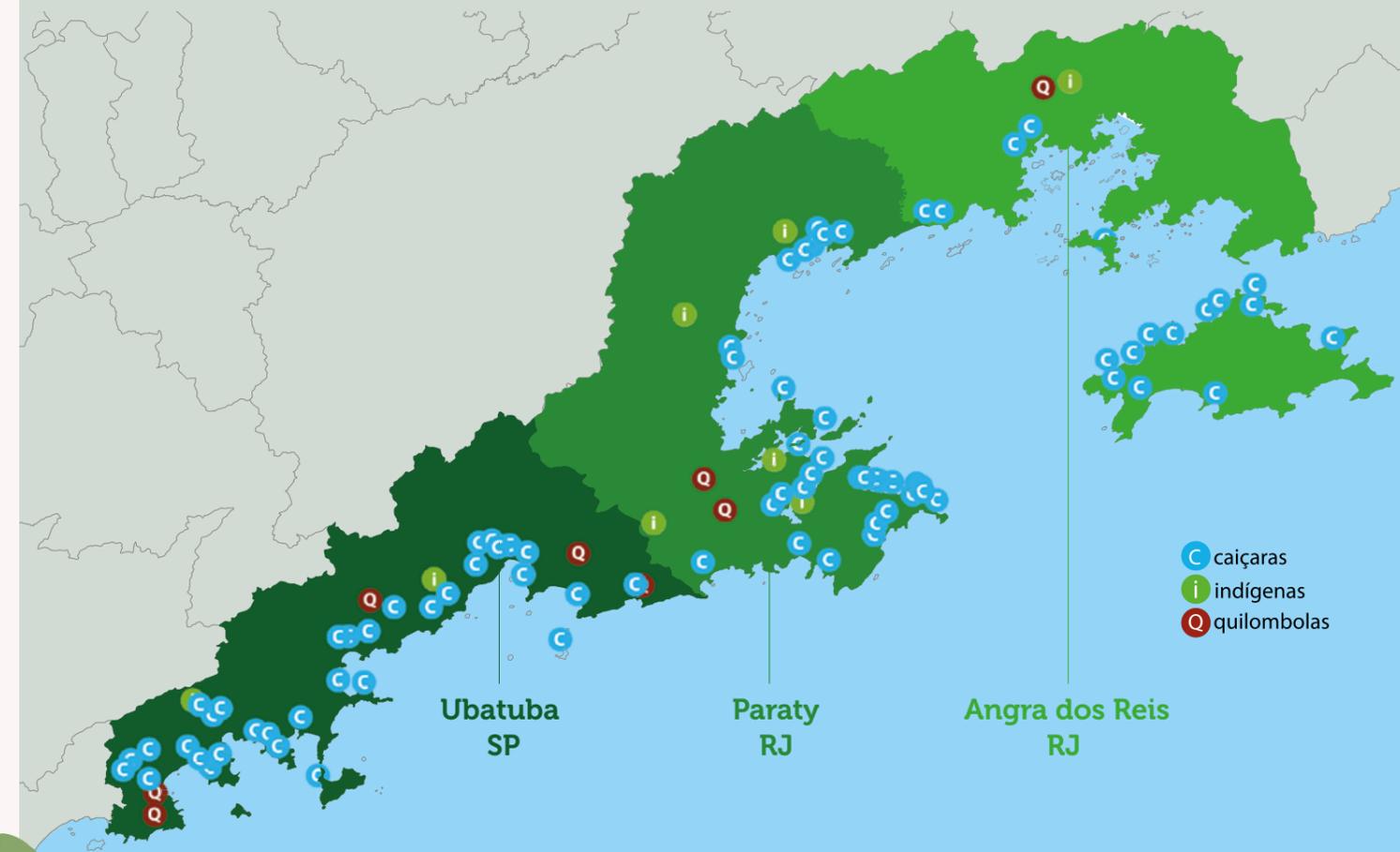
Além de informações técnicas, os mapas sociais são construídos de forma participativa e apresentam o cotidiano de uma comunidade em linguagem simples e acessível. Neles, são colocados espaços de roças, rios, lagos, casas, equipamentos sociais como unidades de saúde e escolas e outros elementos que as populações envolvidas considerem importantes. Aliás, são as comunidades que decidem o que querem caracterizar. No Projeto Povos, nenhuma informação é tornada pública sem a prévia autorização das comunidades envolvidas e das representações nacionais dos povos e comunidades tradicionais (Conaq, CGY e CNCTC).

## Onde o Projeto Povos ocorre?

O Projeto Povos ocorre nos municípios de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba. Para sua realização, foram definidos 11 agrupamentos de territórios que reúnem laços culturais, ambientais e territoriais comuns. É o caso, por exemplo, do agrupamento de territórios tradicionais do Carapitanga, que partilham a mesma Sub-Bacia Hidrográfica em Paraty (RJ).



Uma observação importante é que esta organização em agrupamentos de territórios – ou microterritórios – não quer dizer que as comunidades caracterizadas não tenham fortes e profundos laços com outras comunidades. Ou seja, essa divisão apenas ajuda a organizar os trabalhos de campo do projeto.



# Entendendo o Pré-Sal

O Projeto Povos é resultado de uma condicionante do licenciamento ambiental federal para a exploração de petróleo e gás na camada do Pré-Sal na Bacia de Santos. Mas você sabe o que isso tem a ver com as comunidades tradicionais?

Para que um grande empreendimento possa ser construído, ele precisa antes receber uma licença ambiental que é concedida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Para receber essa licença, quem constrói o empreendimento tem que cumprir também uma série de condições para mitigar ou compensar seus impactos sociais e ambientais.

O Projeto Povos é uma destas condições, e foi exigido da Petrobras pelo Ibama para que as comunidades tradicionais da Bocaina possam entender e se manifestar sobre potenciais impactos da exploração de petróleo na Bacia de Santos sobre seus territórios. Outro objetivo é disponibilizar mais informações sobre as comunidades para que suas reivindicações possam ser levadas em conta pelo Ibama quando houver algum novo pedido de licença para grandes empreendimentos na região.

**O óleo do Pré-sal é um tipo de petróleo extraído de camadas ultraprofundas embaixo do mar**

## O que é o petróleo?

O petróleo é um recurso natural muito importante na produção de energia em todos os países do mundo. Além de ser combustível utilizado nos veículos de transporte – carro, ônibus, caminhão, avião – ele também está presente no plástico que compõe muitos dos equipamentos eletrônicos (como celulares, computadores) e eletrodomésticos, além de ser muito utilizado em embalagens. Tem petróleo também em cosméticos (como batons), pasta de dente e até em roupa.

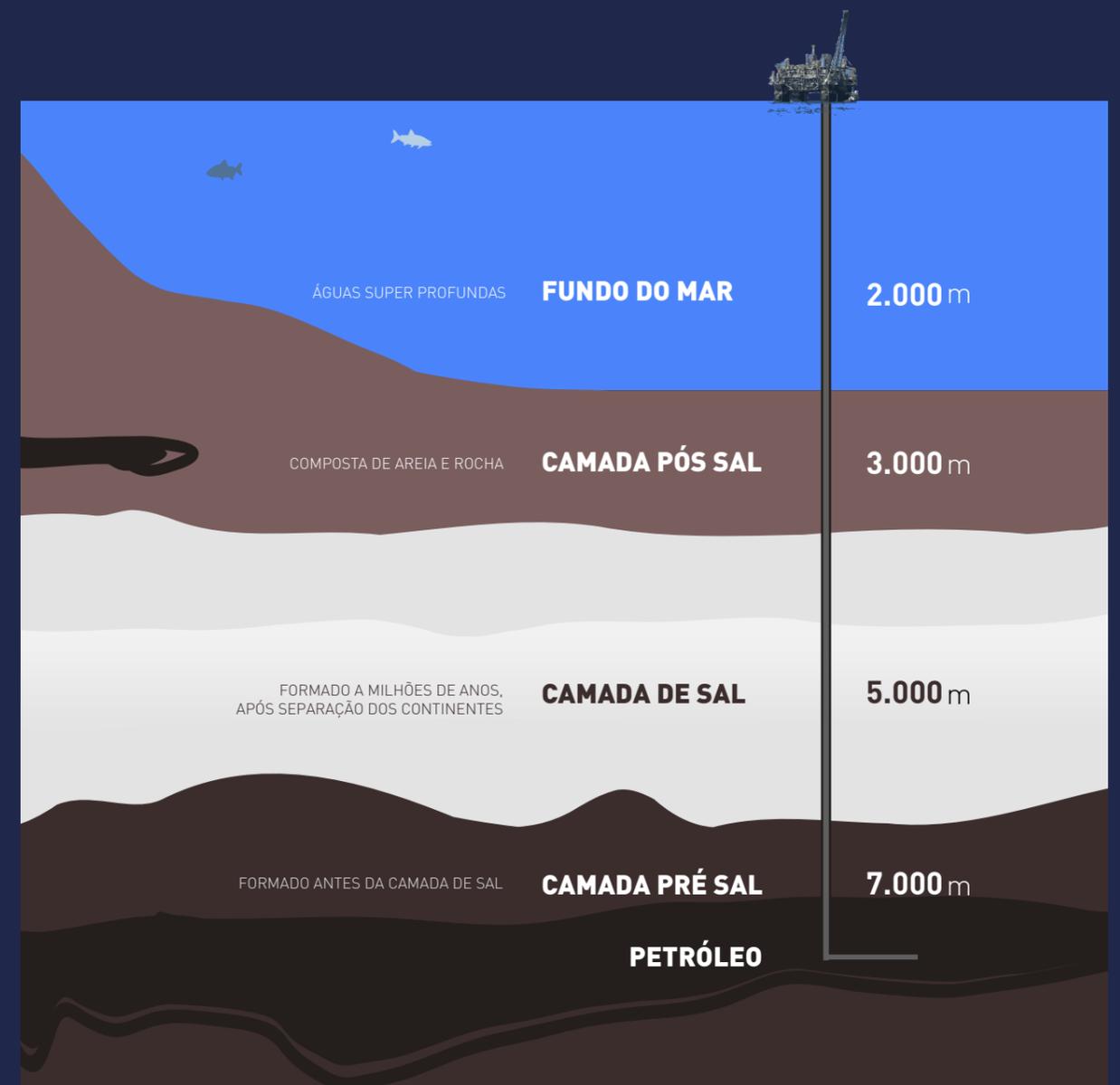
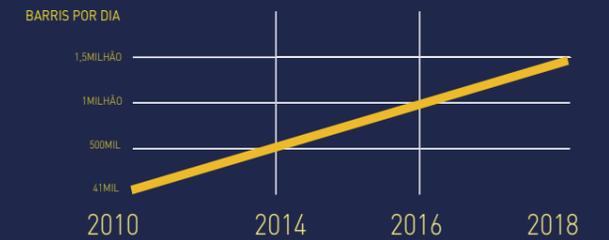
**1984**  
**PÓS-SAL**  
**4.108**  
**POÇOS**  
**500 MIL**  
BARRIS POR DIA

**2018**  
**PRÉ-SAL**  
**77** POÇOS  
**1,5 MILHÃO**  
BARRIS POR DIA

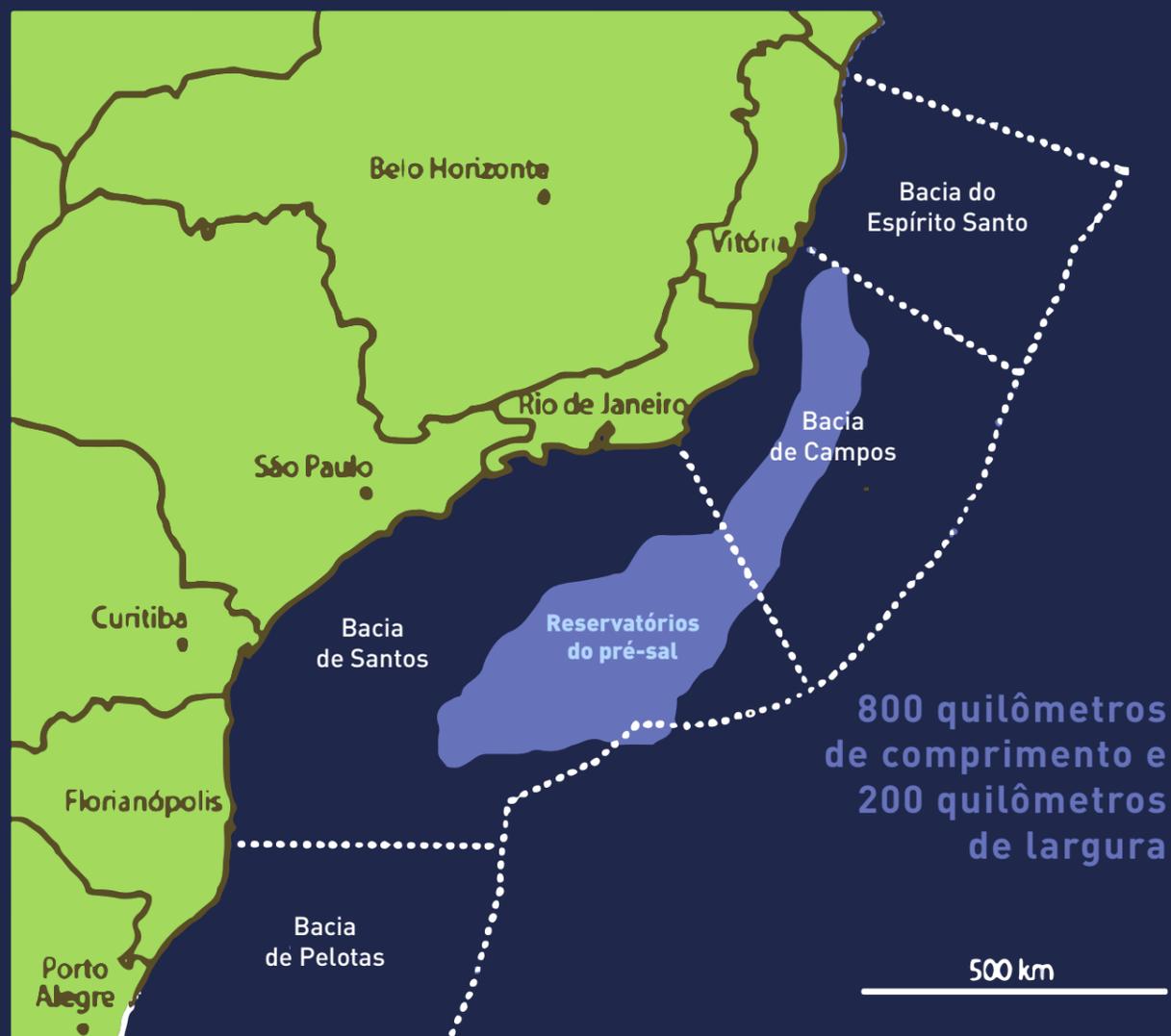
## O que é o Pré-sal?

O Brasil não era considerado um país importante na produção mundial de petróleo até a descoberta do Pré-sal, em 2007. Pré-sal é um tipo de petróleo extraído de camadas profundas embaixo do mar. Como se vê na ilustração abaixo, esse petróleo está localizado em um agrupamento de rochas localizadas em águas ultra profundas em baixo de uma camada de sal, por isso pré-sal. Ou seja, “antes do sal”.

## Produção média de petróleo no Pré Sal



# Onde fica o Pré-sal?



A área de influência do pré-sal mede cerca de 800 quilômetros de comprimento e 200 quilômetros de largura e está entre os estados de Santa Catarina e Espírito Santo, passando, também, por territórios tradicionais localizados no litoral norte de São Paulo e sul do Rio de Janeiro.

O volume produzido por poço no pré-sal da Bacia de Santos, onde estão essas populações, está muito acima da média da indústria de óleo e gás. Dos dez poços com maior produção no Brasil, nove estão localizados nessa área.

## O que tem no pré-sal?

Para se ter uma noção do que significa a descoberta do pré-sal, é possível que o Brasil duplique sua produção de petróleo em aproximadamente 10 anos. Entre 2006 e 2007, as reservas do país somavam cerca de 14 bilhões de barris de petróleo. Com essa descoberta, é possível que as reservas atinjam entre 50 a 80 bilhões de barris. Cada barril de petróleo tem o volume aproximado de 158,98 litros.

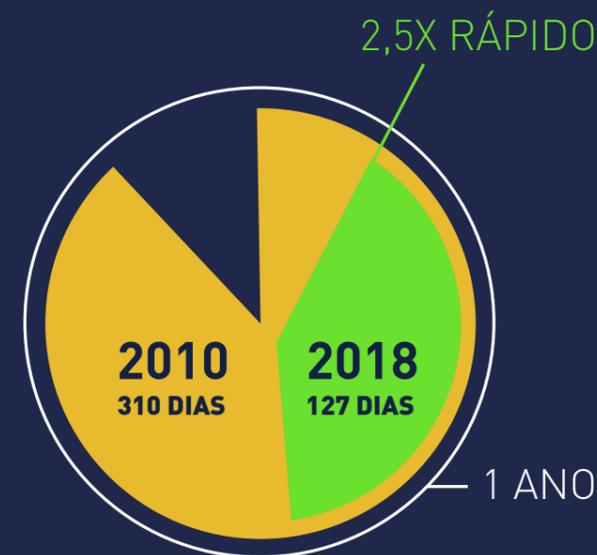


## O que isso significa para as comunidades?

É tão grande a estrutura necessária para a exploração do petróleo no mar que faz com que o Pré-sal seja definido como um Megaempreendimento, já que ele altera a dinâmica social, econômica, cultural e ambiental das cidades litorâneas onde ficam as reservas do Pré-sal.

Isso significa dizer que, além do risco de vazamentos, a estrutura do Pré-sal gera como consequências alterações no território marinho como, por exemplo, o aumento do número de grandes embarcações, mudanças no comportamento de cardumes e ampliação de portos para atender a demanda de transporte.

## Tempo médio de construção de poços marítimos



E, também, alterações terrestres tais como o aumento do número de pessoas vindas de fora, que chegam para trabalhar na exploração de petróleo sem que haja, por vezes, uma melhoria equivalente na infraestrutura local como mais hospitais e escolas.

## Como o licenciamento do Pré-sal funciona?

Megaempreendimentos como o Pré-sal precisam cumprir dois procedimentos legais para poderem se instalar em uma região. O primeiro é a Avaliação de Impactos Ambientais e o segundo é o Processo de Licenciamento Ambiental. A partir daí é feito o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), que ajudam o Ibama a decidir se dá ou não a licença.

Depois, é necessário realizar audiências públicas para ouvir o que a população e o poder público têm a dizer sobre o empreendimento. No território da Bocaina, essas audiências aconteceram nas Etapas 1, 2 e 3 do Pré-sal. Sim, já estamos no processo da Etapa 4 desse empreendimento.

Esses procedimentos têm como objetivo avaliar os impactos causados pelo Pré-sal e propor condicionantes e compensações que amenizem ou compensem os impactos ambientais e sociais causados pela sua instalação.

# Como estes mapas são feitos?

Com a participação de pesquisadores indígenas, caiçaras e quilombolas, o Projeto Povos mapeia só o que as comunidades querem caracterizar. Conheça, passo a passo, como se dá essa construção coletiva.

## 1) Chegança

Realizada com a participação do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), a “chegança” é o passo inicial da caracterização. Ela envolve lideranças e articuladores locais para esclarecer dúvidas sobre o projeto e para garantir que os mapas sejam construídos por muitas mãos.

## 2) Mapa Falado

Nessa atividade, a comunidade é convidada a fazer um desenho livre, em um papel em branco, representando seu território. Neste desenho, o território e seus elementos vão surgindo a partir do exercício da memória e da definição, pela própria comunidade, do que ela quer e acha importante que seja caracterizado.



Ícones dos mapas do Projeto POVOS



## 3) Localizando o território no mapa

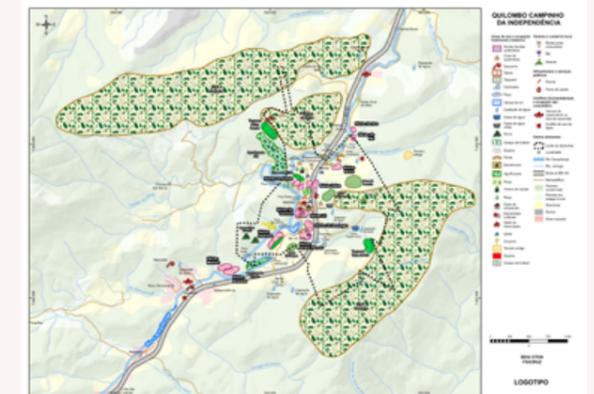
A etapa seguinte consiste na transposição do mapa falado para uma foto de satélite, localizando os elementos do desenho em uma base georeferenciada. Nesta etapa, o objetivo principal é garantir que os participantes consigam dimensionar seu território em um mapa e visualizar demais delimitações territoriais já estabelecidas por órgãos governamentais, como Unidades de Conservação e demarcações já realizadas.

## 4) Refletindo o Território

Depois, é hora de apresentar à comunidade a primeira versão do mapa final e validar com os participantes cada dado coletado. Um momento, também, para corrigir eventuais erros e acrescentar informações importantes que não tenham aparecido nas etapas anteriores.

## 5) Nosso mapa

A última etapa se divide em dois momentos. O primeiro consiste em revisitar o material produzido durante toda a caracterização e validar coletivamente o mapa final. Em sequência, a comunidade define quais informações quer que se tornem públicas e quais prefere que sejam de uso restrito da comunidade.



## 6) Ganhando o mundo

Percorrido esse caminho, o material segue para impressão e é devolvido para as comunidades. Também validadas pelas comunidades e suas representações nacionais, as publicações finais são distribuídas para bibliotecas e órgãos de governo e da sociedade civil cuja atribuição seja zelar pelos direitos dos povos e comunidades tradicionais da Bocaina.



# Como usar estes mapas a favor das comunidades

Os mapas construídos pelas comunidades são instrumentos de promoção de direitos. Entenda algumas das formas como eles podem ser utilizados para a defesa dos territórios tradicionais

## Garantia de territórios:

O projeto não assegura que haverá titulação, demarcação ou regularização fundiária de territórios tradicionais. Mas irá contribuir para que as reivindicações das comunidades cheguem aos órgãos competentes responsáveis por fazer isso.

## Acesso a políticas públicas:

O projeto também não construirá infraestruturas nas comunidades, mas vai contribuir para levar ao conhecimento dos governos e órgãos públicos qual é a situação de cada comunidade em relação a serviços e equipamentos públicos nas áreas de educação, saúde, saneamento, trabalho e renda, entre outras decididas pelas próprias comunidades.

## Fortalecimento da educação diferenciada

Esta publicação e os mapas gerados pela cartografia social podem ser usados nas escolas pelos professores para aproximar os conteúdos curriculares à realidade vivida pelos estudantes em suas comunidades.

## Qualificação de licenciamento ambiental:

Outra conquista importante é que estes dados passarão a ser consultados pelo Ibama quando houver uma nova solicitação de licença ambiental para grandes empreendimentos que possam impactar as comunidades tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba.

## Segurança alimentar e nutricional:

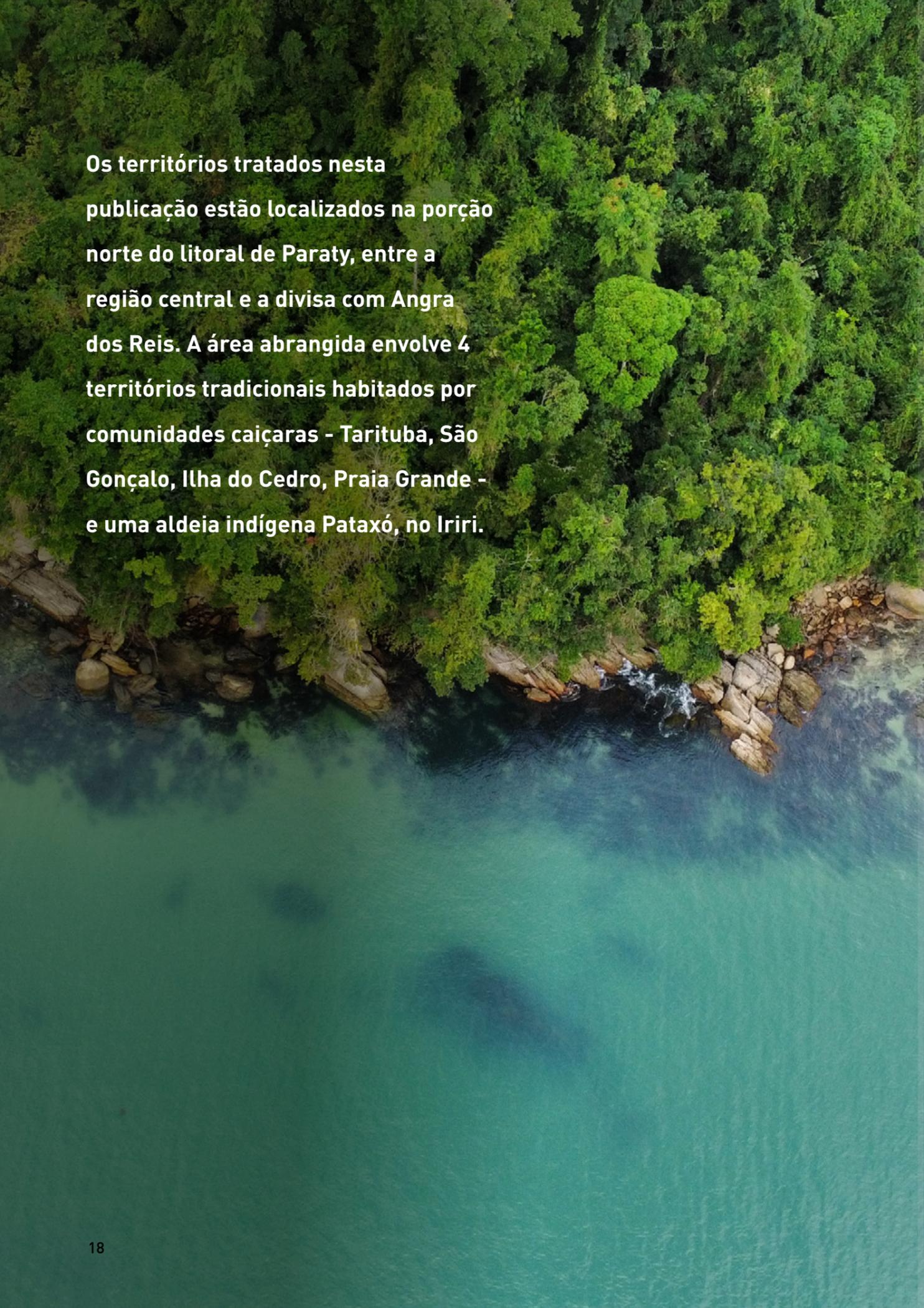
O projeto permitirá às comunidades ampliarem seus conhecimentos sobre as espécies agrícolas manejadas por elas e também por suas comunidades vizinhas. Isso fortalece o conhecimento do território e facilita possíveis trocas de sementes e de técnicas de plantio.

## Práticas de saúde:

O projeto permitirá também às comunidades ampliarem seus conhecimentos sobre as práticas de cuidado corporal e espiritual utilizadas por ela e por suas comunidades vizinhas. Isso também facilita possíveis trocas de sementes e de conhecimentos em relação a procedimentos de cura e prevenção a partir das plantas medicinais.

## Fortalecimento do FCT:

O mapa feito pela comunidade contribuirá também para fortalecer as bandeiras de luta do Fórum de Comunidades Tradicionais nas áreas de Turismo de Base Comunitária, Educação Diferenciada, Saneamento Ecológico, Economia Solidária e Agroecologia e a combater todas as formas de racismo e violência contra as comunidades.

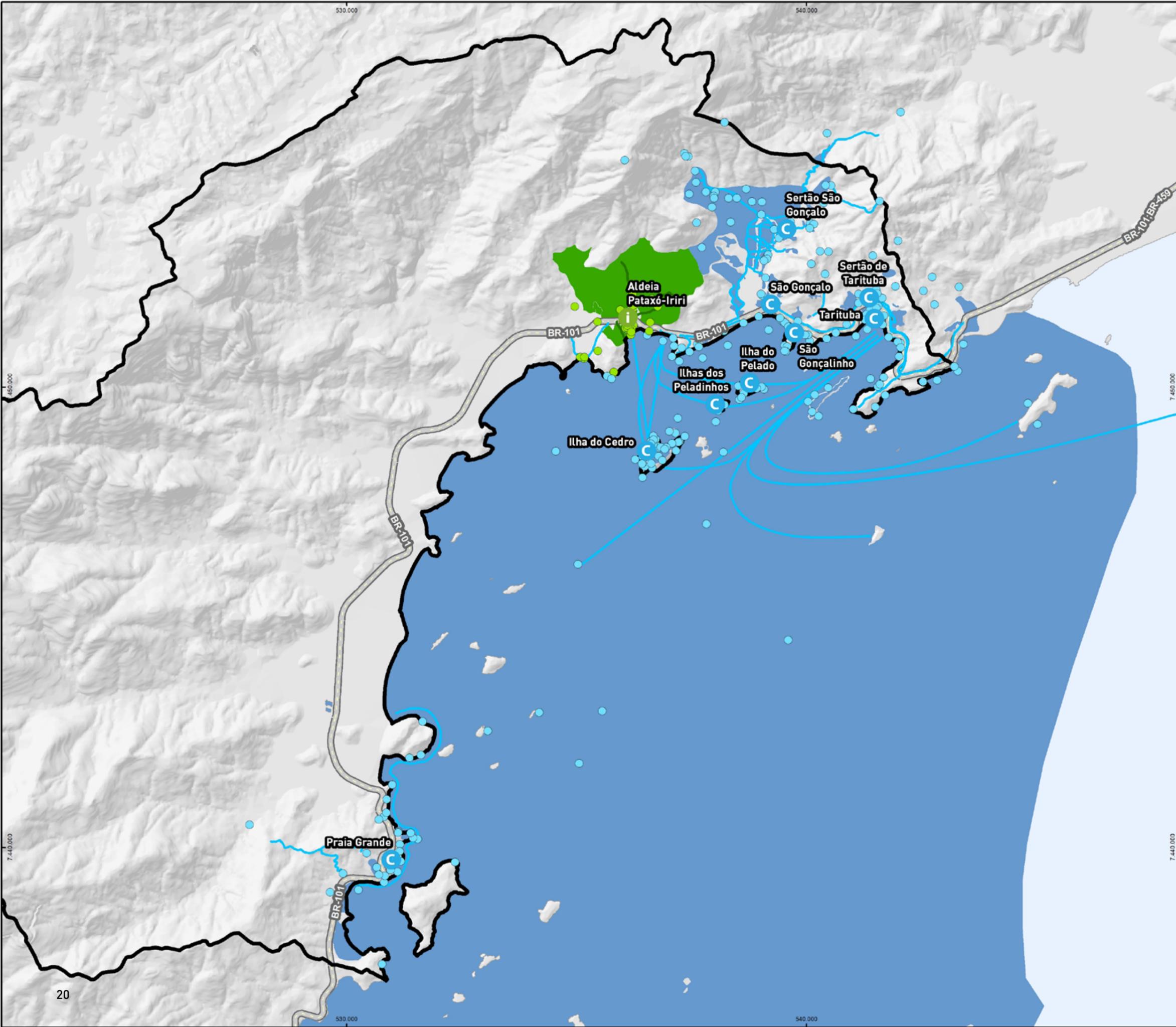
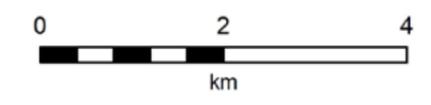
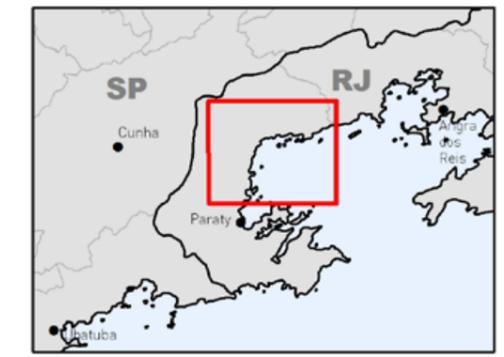


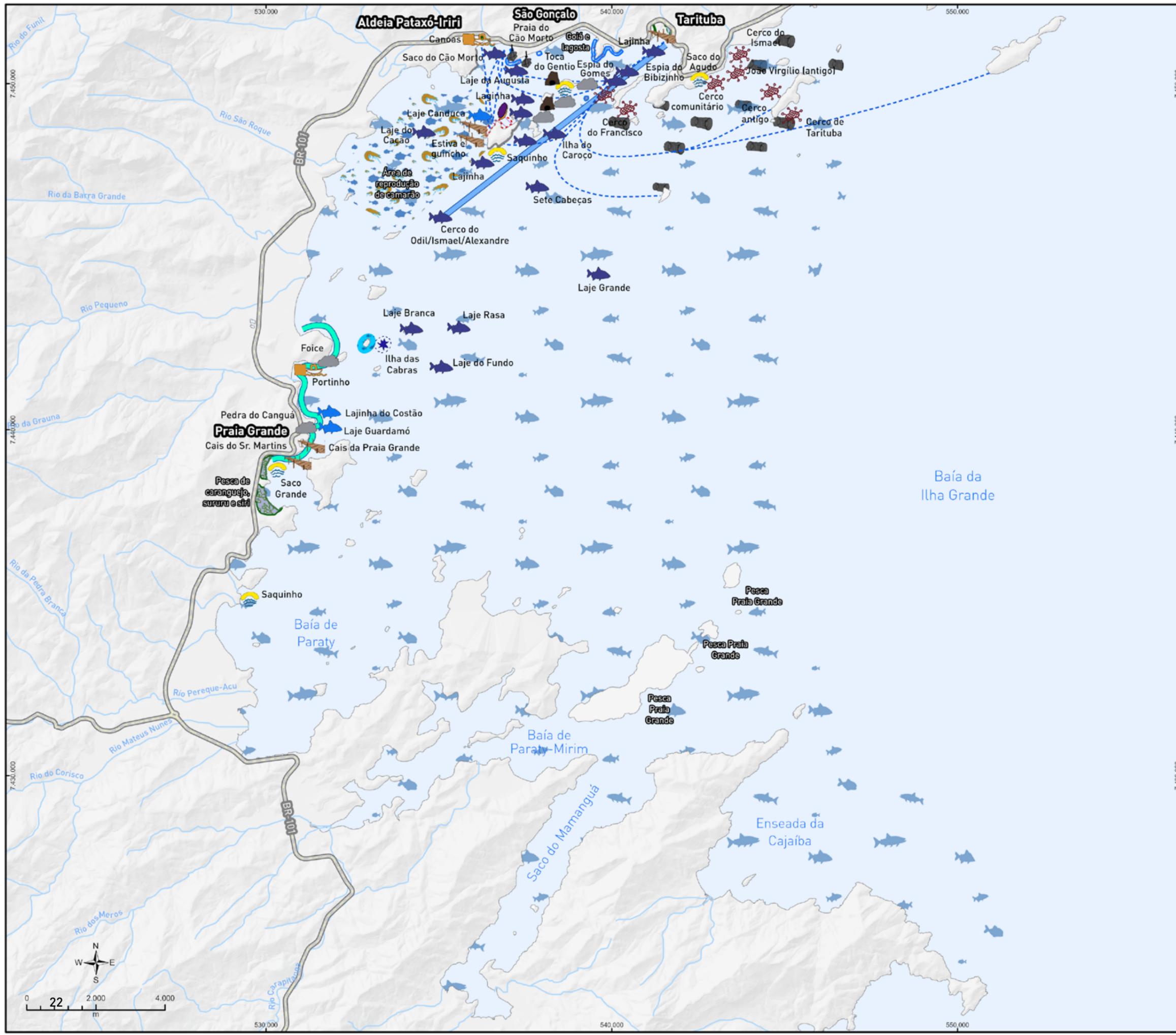
Os territórios tratados nesta publicação estão localizados na porção norte do litoral de Paraty, entre a região central e a divisa com Angra dos Reis. A área abrangida envolve 4 territórios tradicionais habitados por comunidades caiçaras - Tarituba, São Gonçalo, Ilha do Cedro, Praia Grande - e uma aldeia indígena Pataxó, no Iriri.



# TERRITÓRIOS TRADICIONAIS NO MICROTERRITÓRIO NORTE DE PARATY

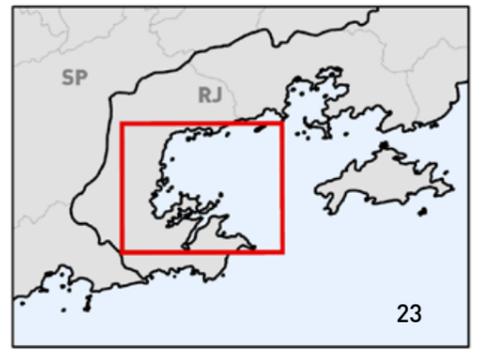
-  Limite Microterritório Norte de Paraty
- Locais de ocupação e uso tradicional**
  -  Caiçara
  -  Indígena
- Relações e fluxos intercomunitários, rotas de pesca e comércio**
  -  Caiçara
  -  Indígena
- Territórios e áreas de uso tradicional**
  -  Caiçara
  -  Indígena
  -  Quilombola
  -  Rodovia BR-101





# MARITÓRIO DO MICROTERRITÓRIO NORTE DE PARATY

- Porto
- Pier; Cais
- Maricultura
- Poita
- Cerco de pesca
- Local de pesca artesanal
- Lajes e parcéis
- Pedra
- Saco
- Toca
- Conflito de maritório
- Área de fundeio
- Marisco
- Pesca de rede
- Pesca no costão
- Pesca de camarão
- Pesca de mergulho
- Pesca de covo
- Pesca de mero
- Mangue
- Área de pesca artesanal
- Rota de pesca
- Pesca artesanal
- Rota de turismo
- Rodovia
- Rio



# Norte de Paraty



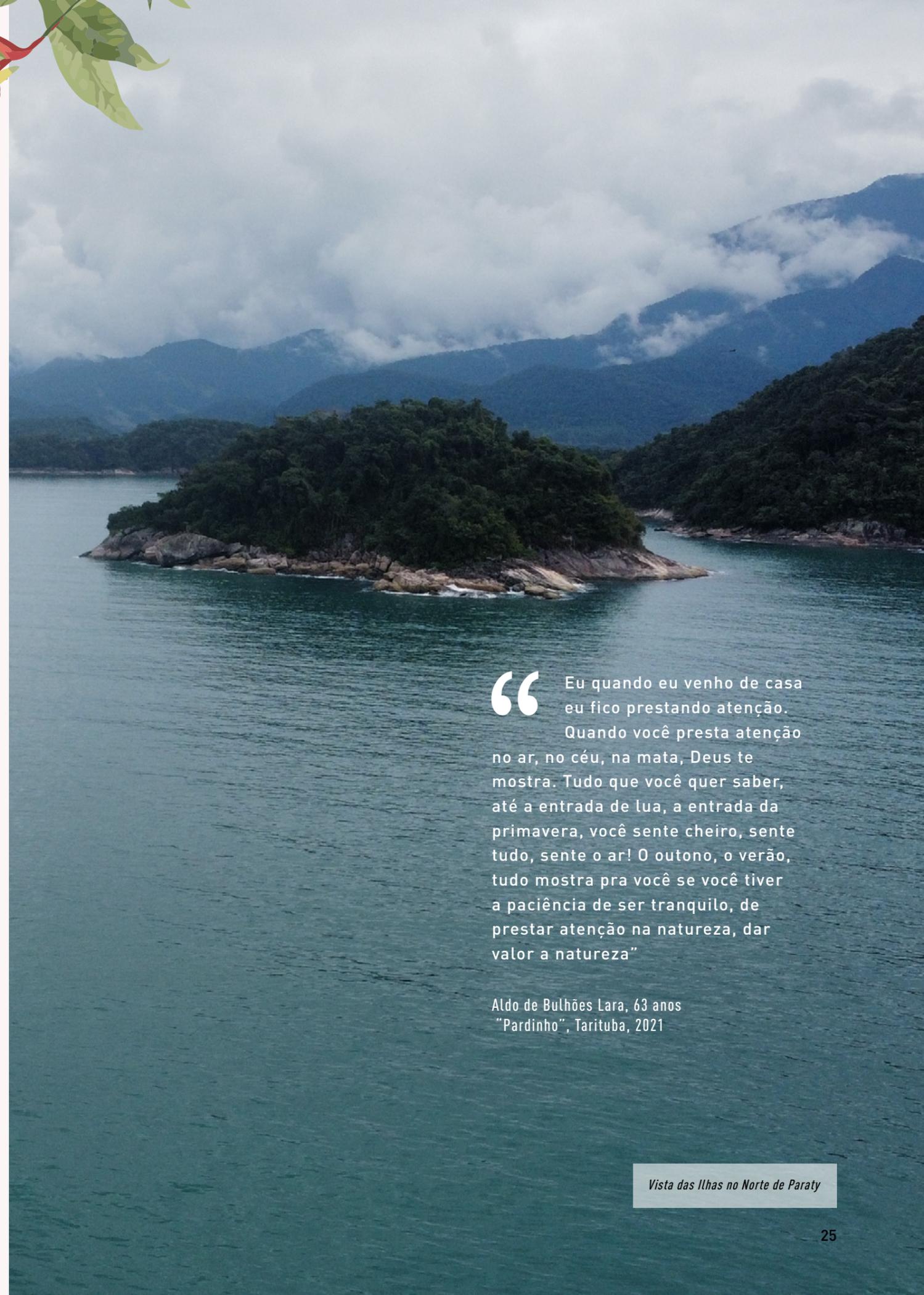
As comunidades do norte do município de Paraty situam-se entre as encostas imponentes da Serra da Bocaina - com a presença exuberante da mata atlântica - e a recortada faixa costeira que forma a Baía da Ilha Grande caracterizada pela presença de muitas praias, pequenas baías de águas calmas, baixios e áreas de manguezal. Também compõem a paisagem marítima dessa região a Ilha Grande, referência central e dezenas de ilhas, ilhotes e lajes, localizados entre a Ilha Grande e a costa.

No Norte de Paraty, como ao longo de toda a serra da Bocaina há água em abundância. Essa região abarca duas importantes unidades hidrológicas de planejamento (UHP) do município: a do Rio Pequeno e Barra Grande, onde se situa também a bacia do Rio da Graúna; e a do Taquari, que inclui além da bacia do Rio Taquari, uma série de outras microbacias, entre elas a do Rio São Gonçalo. Um pouco adiante, localiza-se a bacia hidrográfica do Rio Mambucaba, na divisa entre Paraty e Angra dos Reis, a maior de todas na região da Baía da Ilha Grande (Relatório do Comitê de Bacias Hidrográficas da Baía de Ilha Grande, 2020)

Os povos e comunidades tradicionais que habitam secularmente esse território contribuíram para a formação dessa paisagem, por meio de seus usos e modos de vida. Em 1985, a Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro promoveu o tombamento do litoral fluminense como patrimônio cultural, envolvendo boa parte das localidades caiçaras de Paraty, de Tarituba a Trindade.

As comunidades que participam dessa publicação integram a área tombada. Na década de 1980, o tombamento já trazia como uma das principais motivações a proteção da pesca artesanal, esteio do modo de vida caiçara.

“A delimitação das áreas de preservação da Atividade Pesqueira Artesanal em trechos do Estado do Rio de Janeiro procurou abranger, inicialmente, os principais núcleos remanescentes de pescadores, bem como, as áreas de manguezais ainda intocados. 189. Teve, portanto, dois objetivos principais: preservar alguns dos mais belos e importantes ecossistemas naturais da nossa costa; e garantir a permanência nessas áreas das comunidades tradicionais de pescadores. Preserva a vida, possibilitando que o homem continue a existir em harmonia com a natureza que o cerca, como vem fazendo há séculos. E preserva, também, uma cultura. Não artificialmente, como nos museus, morta. Mas como decorrência do dia-a-dia” (E-18/300.459/85, 1985, fls.50)



“ Eu quando eu venho de casa eu fico prestando atenção. Quando você presta atenção no ar, no céu, na mata, Deus te mostra. Tudo que você quer saber, até a entrada de lua, a entrada da primavera, você sente cheiro, sente tudo, sente o ar! O outono, o verão, tudo mostra pra você se você tiver a paciência de ser tranquilo, de prestar atenção na natureza, dar valor a natureza”

Aldo de Bulhões Lara, 63 anos  
“Pardinho”, Tarituba, 2021

E em 2019, a Unesco concedeu à região de Paraty e Ilha Grande o título de Patrimônio Mundial na categoria sítio misto, reconhecendo a importância da biodiversidade e do patrimônio cultural vivo desse território.

Também existem na região 3 unidades de conservação federais sob gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão ligado ao Ministério de Meio Ambiente:

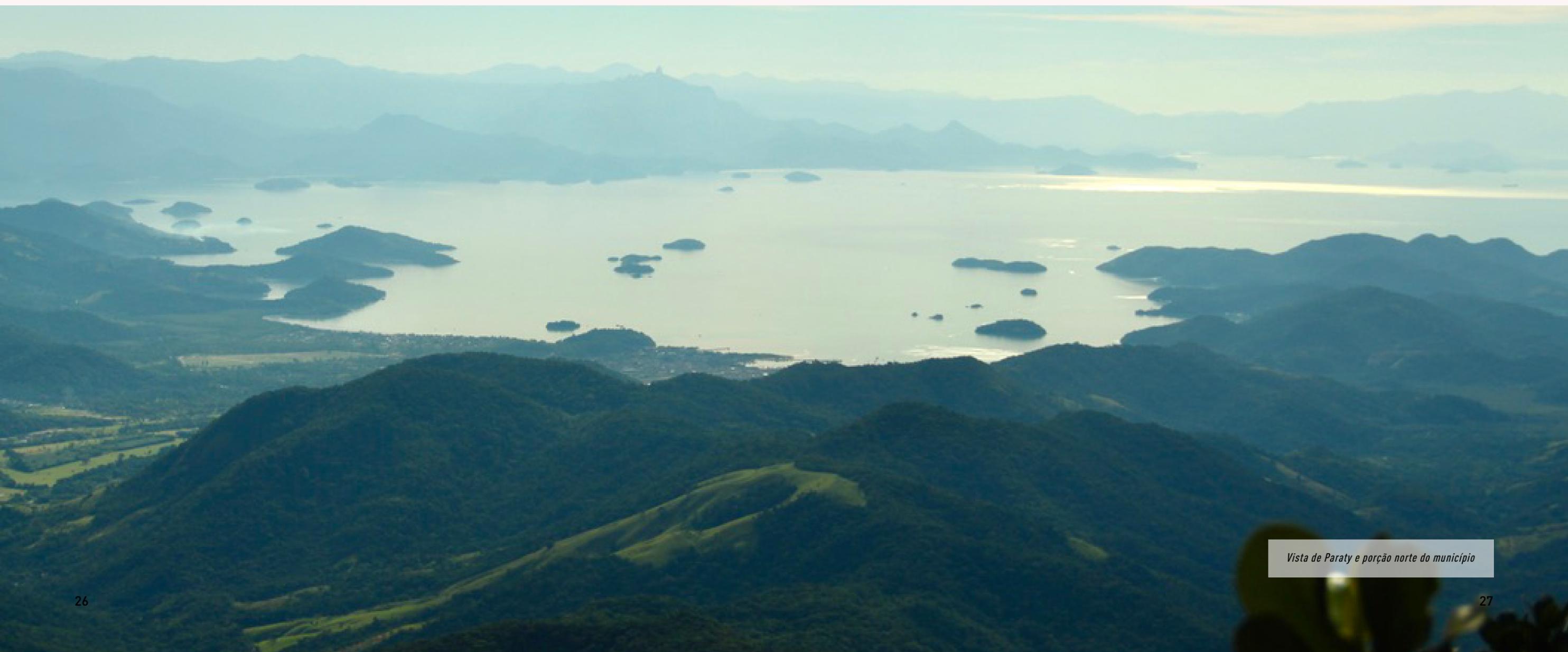
- **Parque Nacional (PARNA) da Serra da Bocaina**, que incide nas áreas a partir da cota de 200 metros de altitude, criado em 1971, com quase 106 mil hectares;

- **Área de Proteção Ambiental (APA) Cairuçu**, que abrange as ilhas da porção paratiense da Baía da Ilha Grande, que abrange 63 ilhas e área continental que totalizam mais de 34 mil hectares, criada em 1985 ;
- **Estação Ecológica (ESEC) Tamoios**, que envolve a proteção de 29 áreas emersas (entre ilhas, ilhotas, lajes e parcéis) e seus respectivos entornos marinhos em Paraty e Angra dos Reis, equivalente a 5,69% da Baía da Ilha Grande. Foi criado em 1990, como compensação ambiental da construção da Usina Nuclear .

Essas unidades de conservação (UCs) possuem diferentes níveis de restrição para presença de pessoas, conforme Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

A ESEC é a unidade mais restritiva, não sendo permitido habitar, visitar fundear, nem exercer atividades de pesca e turismo. Nas áreas marinhas no raio de 1 km das ilhas inseridas na ESEC. A criação da ESEC se sobrepôs ao território marinho de todas as comunidades da região Norte de Paraty que até os anos 90 costumavam pescar e desenvolver o turismo náutico ali.

Na Baía da Ilha Grande, as ilhas abrangidas na ESEC Tamoios são: ilha Sandri; ilha Samambaia; ilha do Algodão; ilha Araraquara; ilha Jurubaíba; ilha Araraquarina; Rochedo de São Pedro; ilha Queimada Grande; ilha Queimada Pequena; ilha Imboassica; ilha das Cobras; ilha dos Búzios; ilha dos Búzios Pequena; laje entre ilha das Cobras e ilha dos Búzios Pequena; laje Pedra Pelada; ilha Zatin; laje do Cesto; ilhote Pequeno; ilhote Grande; ilha Comprida (Tarituba); ilha das Palmas; ilha do Catimbau.



*Vista de Paraty e porção norte do município*

A APA Cairuçu incide nas localidades caiçaras da Ilha do Cedro e Ilha do Pelado e a Revisão do Plano de Manejo da unidade foi concluída em 2018, criando zonas que reconhecem e preveem o manejo da biodiversidade pelas comunidades tradicionais.

O PARNA da Serra da Bocaina está sobreposto aos territórios caiçaras de São Gonçalo e Tarituba, e ao território indígena Pataxó, não nas áreas onde se situam os núcleos de moradia, mas principalmente nas áreas agrícolas e extrativistas mais afastadas e também cachoeiras com potencial turístico. Já a Zona de Amortecimento do Parque se sobrepõe efetivamente a alguns núcleos de ocupação e áreas de uso atuais.

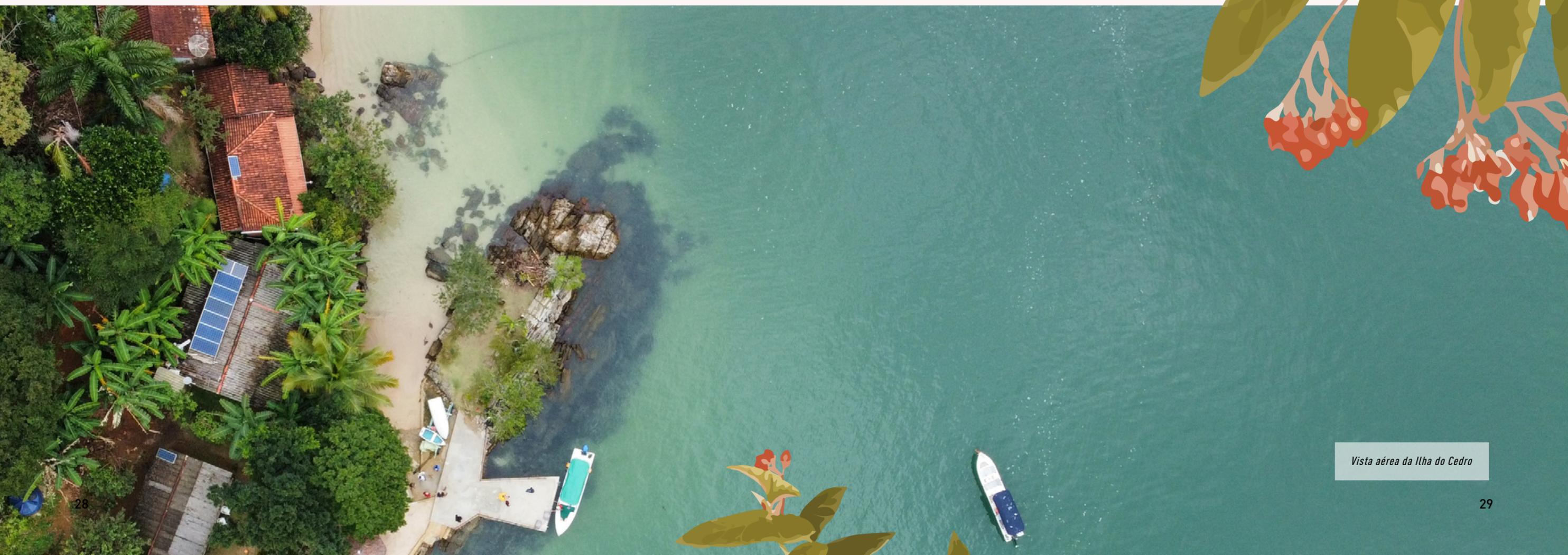
## As comunidades do Norte de Paraty

Além das comunidades tradicionais que realizaram o trabalho da cartografia (Praia Grande, Pataxó do Iriri, São Gonçalo, Ilha do Cedro e Tarituba), há outras importantes localidades ocupadas historicamente por caiçaras nessa região, como por exemplo Corumbê, Graúna, Barra Grande, Iriri, Taquari, e outras menores. Essas localidades continuam sendo habitadas por famílias tradicionais caiçaras, porém são espaços que sofreram profundas alterações na dinâmica comunitária com a implantação de assentamentos agrícolas e loteamentos.

Entre as comunidades tradicionais que participaram da cartografia social realizada com o projeto Povos, a comunidade mais populosa é a Praia Grande com cerca de 800 pessoas (segundo morador local); depois São Gonçalo com cerca de 550 pessoas, e Tarituba com aproximadamente 500 pessoas. A comunidade indígena Pataxó tem 15 famílias; a comunidade da Ilha do Cedro é formada por 25 pessoas, divididas em seis famílias. A Ilha do Pelado é habitada por uma família caiçara nativa de São Gonçalo.

Há escolas em Praia Grande, Tarituba e São Gonçalo. A Escola Municipal da Praia Grande atende crianças da Pré-escola, ensino fundamental anos iniciais, e educação especial. A Escola

de São Gonçalo oferece educação infantil e ensino fundamental multietapa. A Escola de Tarituba também possui educação infantil e ensino fundamental anos iniciais. De cada 100 alunos, 10 estavam em distorção de série na escola de Tarituba. As crianças da Ilha do Cedro costumam estudar na escola de São Gonçalo.



Vista aérea da Ilha do Cedro

A partir do 6º ano em diante, os alunos dessas comunidades se deslocam para estudar fora. Conforme a localização, elas podem frequentar a Escola Municipal da Barra Grande, a Escola Estadual da Vila Residencial de Mambucaba, ou as escolas no Centro de Paraty. As crianças e jovens Pataxó ainda não estavam estudando quando a cartografia foi realizada, mas havia intenção de matricular os jovens na Escola Estadual da Barra Grande.

Há postos de saúde também nas três comunidades mencionadas. A comunidade Pataxó possui uma estrutura construída dentro da aldeia para servir de posto de saúde, e cobram a presença de agentes de saúde. A UBS – ESF em São Gonçalo possui atendimento de 15 em 15 dias pelo agente comunitário de saúde. A UBS de Tarituba oferece atendimento diário, e atende todas as comunidades do entorno, inclusive de São Gonçalo. O funcionamento da UBS de Praia Grande ocorre diariamente também.



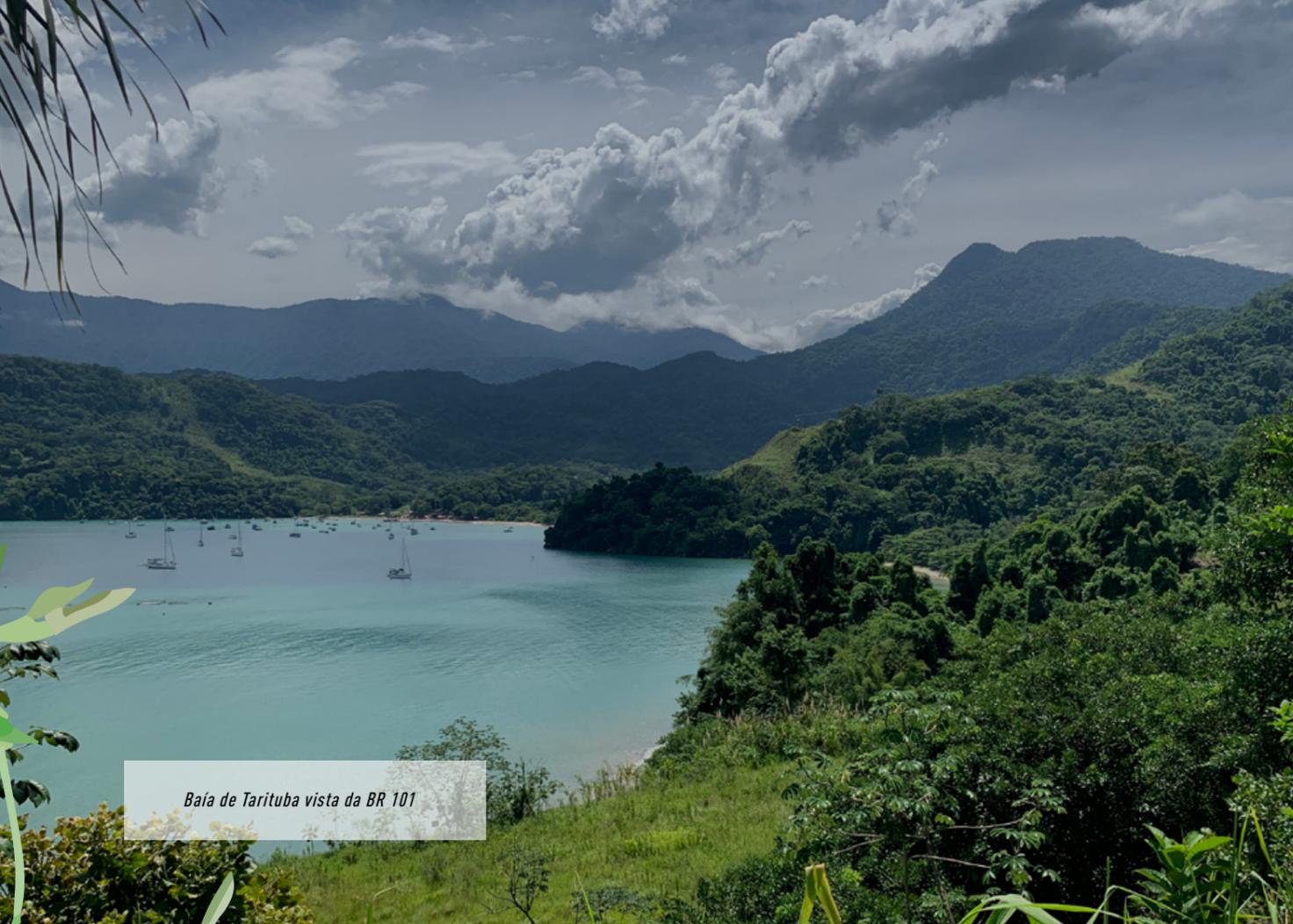
*Cais de Tarituba*

## TEMPOS E ESPAÇOS

As comunidades tradicionais localizadas no norte do município possuem grande importância histórica na formação social de Paraty. São ocupações muito antigas de famílias que habitam esses territórios há pelo menos 7 gerações, e tiveram papel importante desde o período colonial nos ciclos econômicos que movimentaram o município.

As genealogias de parentesco feitas nas entrevistas com caiçaras dessas comunidades mostram que os avós e bisavós dos atuais moradores estavam na região desde o século XIX, cerca de 200 anos atrás. Essas pessoas viveram no tempo em que os fazendeiros empregavam mão-de-obra escravizada para produção de aguardente e café (além de itens alimentícios em geral) e na construção civil. Nota-se principalmente em São Gonçalo a presença de ancestrais negros na formação dessa comunidade caiçara.

No tempo dos avós e bisavós dos mais velhos, as comunidades do norte já mantinham uma relação mais próxima com o centro de Paraty, principalmente a Praia Grande, navegando a remo pela baía. Nesse período da história colonial, foi edificado, às custas do árduo trabalho do povo preto, o centro histórico de Paraty com seu arruamento feito de enormes pedras lascadas e encaixadas manualmente, uma a uma, e os casarões arejados e ensolarados pelas grandes portas e janelas de suas fachadas.



Baía de Tarituba vista da BR 101

Já no século XX, com a formação do povo caiçara fruto da mistura de brancos, pretos e indígenas, as comunidades do norte de Paraty estavam envolvidas na produção e comercialização de banana, farinha e peixe. Os bananais tomaram conta de muitas localidades caiçaras do norte de Paraty, notadamente o sertão da Graúna, Taquari e São Gonçalo.

As relações entre as comunidades também é uma questão importante para entender a dinâmica do território. Há diversas relações de parentesco que conectam as comunidades entre si, e para além da região Norte de Paraty. Há parentesco identificado entre São Gonçalo e Tarituba; parentesco entre Ilha da Gipóia e Tarituba; presença de

caiçaras do Mamanguá na formação de algumas famílias de referência em São Gonçalo e na Ilha do Araújo; presença de caiçaras da Ilha do Algodão na Praia Grande; e a proximidade entre Praia Grande e Ilha do Araújo, que já era esperado, pois são comunidades muito próximas.

Ao longo do século XX, entretanto, esses territórios sofreram grandes transformações impactando a dinâmica de relação das comunidades com seus espaços. A construção da BR 101, iniciada em 1972, por um lado facilitou a chegada de políticas públicas importantes nas comunidades, como transporte, saúde e educação, mas ao mesmo tempo abriu caminho para a chegada de novas pessoas,

mercadorias e valores, que trouxeram uma nova lógica de uso e ocupação do território. No momento de formação das comunidades caiçaras, havia terra livre.

Quando a lógica da propriedade privada predomina e se sobrepõe à ideia da terra como valor de uso, o dinheiro passa a ser a única medida para valorar a terra, e a única forma de garantir acesso a ela.

A obra da BR 101 promoveu desmatamento e deslocamento de grandes volumes de terra. A estrada alterou drasticamente a paisagem, rasgou ao meio povoados caiçaras, e causou deslizamentos e soterramento de casas de moradores em territórios tradicionais do norte de Paraty, como relatado em Praia Grande, São Gonçalo e Tarituba.

Nesse contexto de profundas mudanças no território, a questão da identidade caiçara se torna central para manutenção dos modos de vida e resistência dessas comunidades. A cartografia mostra como, apesar de todas essas transformações e ameaças, as comunidades tradicionais do norte de Paraty resistem.

“ Eu mesmo me considero caiçara porque eu herdei ferramenta de pesca do meu pai e guardei”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos,  
Praia Grande, 2021

“ Eu sou caiçara, nascido e criado numa casa na areia da praia. O meu pai, como o do Zé Luis, também era pescador. Meu pai era pescador na parte da manhã e era construtor e lavrador na parte da tarde. Tirava o sapê, colhia o sapê na época certa. Sabia tirar uma madeira na época certa. Se não tirar uma madeira na lua certa, ela dá bicho, dá broca. Ele construiu muitas casas, casas rusticas de antigamente, barreada, coberta com sapê, com palha de coco. Eu tive um relacionamento muito bom com meu pai. Meu pai era pobre mas um exemplo de como sobreviver. Eu acho que isso é ser caiçara. Vc sobreviver com os meios que tem”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia grande, 2021

Um caso emblemático de luta e resistência é da comunidade caiçara de São Gonçalo que permanece no território enfrentando a truculência da White Martins, vivenciando um conflito de terras que já dura 80 anos e é um dos mais violentos da história de Paraty.

Quando falam de suas origens e das gerações que os antecederam, os mais velhos evocam memórias de um tempo e de uma relação com o espaço que se transformou, mas que resiste, e se mantém atual. Os mais jovens, hoje protagonistas e comprometidos com a continuidade desse legado estão presentes e mobilizados nas comunidades do norte de Paraty e participam de diversos espaços para enfrentar as ameaças aos territórios e valorizar os modos de vida tradicionais.



*Cais de concreto em Tarituba  
substituiu o antigo cais de madeira*

Segundo os relatos apresentados ao longo dessa publicação, as bases do modo de vida tradicional das comunidades caiçaras - e também da comunidade indígena pataxó que hoje vive no Iriri - remetem à uma relação com o tempo e com o espaço que são muito específicas, que são diferentes da lógica urbana. Ao longo do tempo, essas comunidades elaboraram e acumularam conhecimentos baseados na observação empírica (em campo, na prática) que permitiram compreender as dinâmicas ecológicas do seu território, ou seja, perceber a relação entre as espécies, entre os diversos ambientes e sua ligação com fenômenos climáticos e outros fatores naturais. Foi assim que a agricultura, o extrativismo, a pesca, a construção de moradia, os remédios, enfim, a vida, se tornou possível nessa região. Caiçaras aprenderam a retirar da terra, da mata e do mar tudo, ou quase tudo, que necessitavam para o sustento da família. Embora houvesse períodos de escassez e de doenças mais graves que eram preocupantes, muitas pessoas lembram desse tempo como um tempo de fartura, de comida boa e saudável, e de mais união entre as pessoas.

Nos capítulos a seguir serão apresentados alguns desses saberes, práticas e técnicas utilizadas pelos e pelas caiçaras e pela comunidade pataxó no manejo que fazem da biodiversidade em seus territórios dessa relação com os espaços que ultrapassa a questão utilitária da natureza, mas que alimenta a memória, a identidade, o pertencimento e o sagrado.

O mar, assim como a floresta, são espaços de uso comum e intercomunitários. Os pescadores e os recursos naturais presentes nesses espaços não são vistos como propriedade de uma ou outra comunidade, com exceção dos pontos de cerco fixo flutuante.

Também serão apresentadas outras atividades que as comunidades desenvolvem, como o turismo náutico e o turismo de base comunitária da Rede Nhanderêko, que tem na comunidade caiçara de São Gonçalo um de seus berços.

As festas, músicas e danças tradicionais caiçaras, assim como rituais sagrados foram incluídos à cartografia das comunidades, principalmente em Tarituba e a comunidade indígena Pataxó. São movimentos que reúnem arte, fé e resistência cultural. No caso dos Pataxó, os rituais de consagração de medicações são bastante importantes.

A questão das ameaças que hoje afligem as comunidades também se encontra nos capítulos a seguir. Alguns fatores têm sido levantados por todas as comunidades do norte de Paraty, como: a mudança do ambiente marinho e o desaparecimento de várias espécies; a crise na pesca dentro da baía da Ilha Grande, associada a diversas causas, entre elas, o uso de técnicas predatórias de pesca e a presença cada vez maior de navios, poluição da baía e dos manguezais que são criadouros de diversas espécies. E por fim, ações dos coletivos e movimentos sociais que os comunitários estão envolvidos para conter os impactos dos grandes empreendimentos e proteger os territórios das comunidades tradicionais na região.

## Resumo das ações do Projeto POVOS nos territórios do Norte de Paraty

+de **80** comunitários participando ativamente

**490** elementos mapeados na cartografia social

**17** entrevistas realizadas

**13** oficinas de caracterização

**6** mapas falados

**8** mapas de satélite

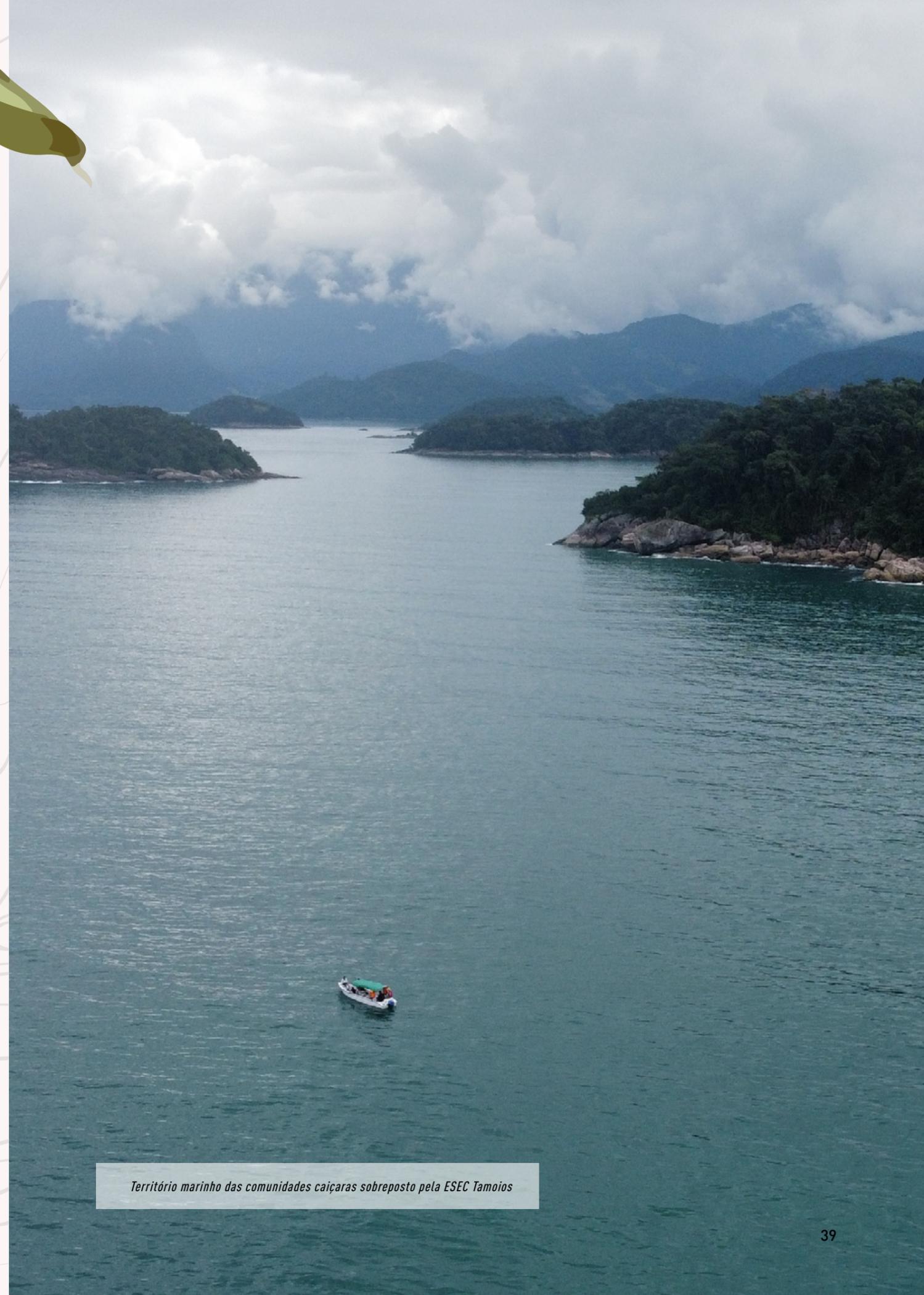
**8** atividades de mobilização e campo



Vista aérea a partir do sertão de São Gonçalo

TERRITÓRIOS DO  
**NOR  
TE DE  
PA  
RA  
TY**

Resultados  
por território  
tradicional



*Território marinho das comunidades caiçaras sobreposto pela ESEC Tamoios*



# SÃO GONÇALO, ILHA DO CEDRO E ILHA DO PELADO

**“Antigamente, quando eu era criança, era assim: você chegava ‘eu gostei desse lugar aqui’, você ia lá, limpava tudo e fazia uma casa. Ninguém cobrava nada, o lugar tava livre. Antes da White Martins chegar”**

Margarida Gomes Martins, 76 anos, São Gonçalo, 2021



São Gonçalo, Ilha do Cedro e Ilha do Pelado foram reunidas no mesmo capítulo pois as famílias caiçaras que ocupam essas localidades estão conectadas tanto pelo parentesco como pela história de uso e ocupação desses territórios.

São Gonçalo representa a localidade matriz, de onde saíram parte das famílias que habitam as Ilhas do Cedro e do Pelado, e nesse sentido, apesar de cada lugar ter a sua história particular, essas famílias formam uma grande comunidade, e todas se ligam ao território de São Gonçalo.

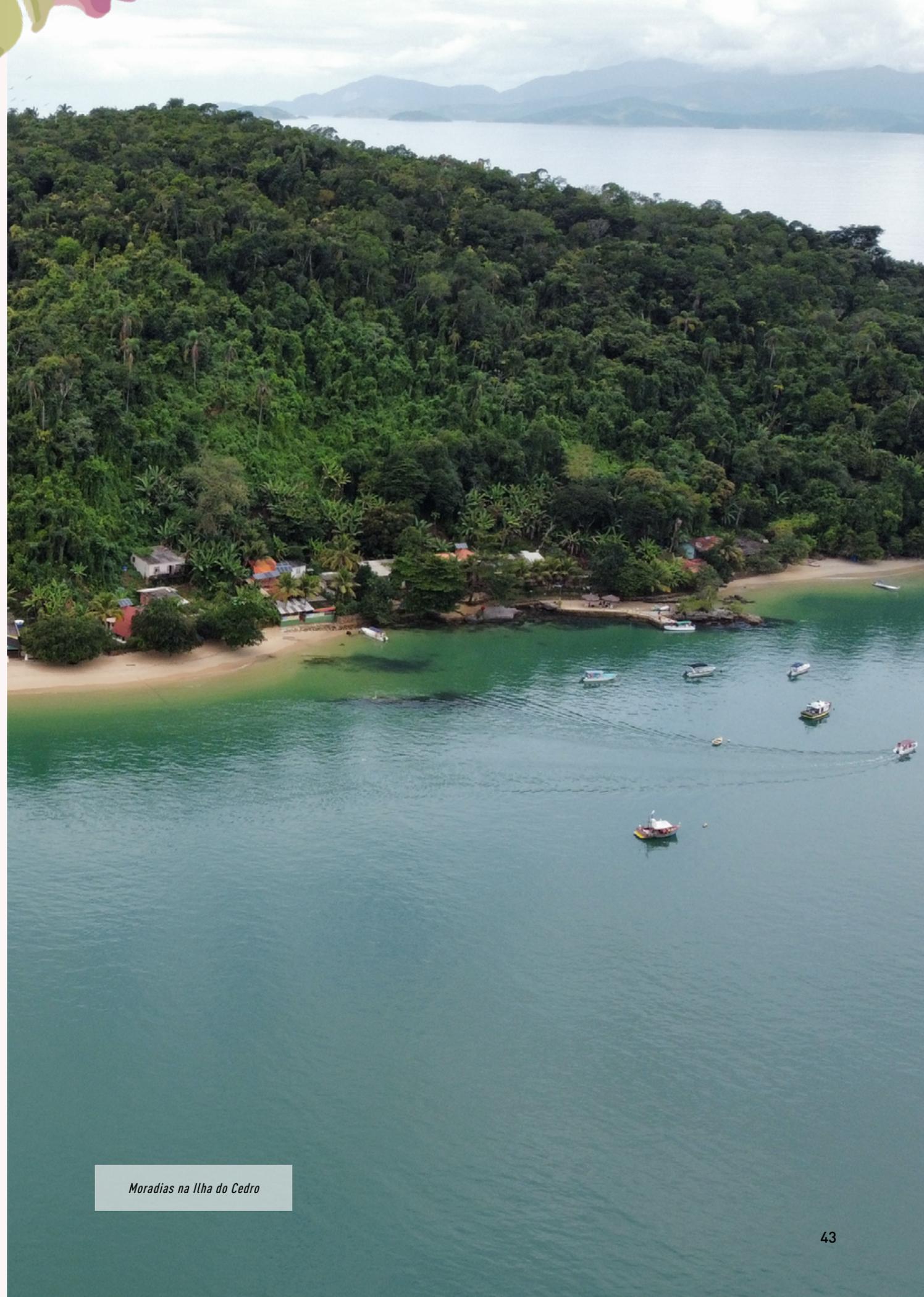
Existem áreas agrícolas - de roças e bananais - e mesmo moradias de famílias do Cedro e do Pelado que estão localizadas no continente, algumas tiveram que ser abandonadas por causa do conflito de terras com a White Martins. O inverso também acontece: as pessoas que vivem no continente usam, e sempre usaram, as ilhas como ponto de apoio para a pesca, para além de local de lazer, e mais recentemente para desenvolver atividades de turismo.

O território tradicional caiçara dessa grande comunidade envolve áreas terrestres e marinhas.

Em terra, abrange desde a faixa de praia de São Gonçalo e de São Gonçalinho, passa pelo vale formado pelo rio São Gonçalo, e sobe até as encostas da Serra da Bocaina.

O marítório (considerando apenas a área mais próxima, porque a atividade pesqueira vai mais longe) inclui: a Ilha do Cedro; Ilha da Lajinha - ao lado do Cedro, ocupada por uma pessoa de fora que teve suas edificações embargadas pelo órgão ambiental e estão abandonadas; Lage Branca; Ilha do Pelado, onde se situa o restaurante caiçara da Dona Bete e também outros restaurantes de pessoas de fora; Ilha do Peladinho, ao lado do Pelado, que não tem construções mas foi cedida para uma pessoa de fora; Ilha do Sururu; Ilha do Carço e Ilha do Breu, ambas também com cessão de uso para pessoa de fora.

No contexto geral da Baía da Ilha Grande, a presença da comunidade tradicional da Ilha do Cedro representa uma importante resistência caiçara frente ao contexto de cessão de ilhas que expropria comunidades e promove a privatização de áreas da União.



*Moradias na Ilha do Cedro*

# LOCALIZAÇÃO

## SÃO GONÇALO E SÃO GONÇALINHO

O território tradicional da comunidade caiçara de São Gonçalo está localizado na região norte do município de Paraty. Cortado pela rodovia BR 101 em 1972, está situado dos dois lados da rodovia, entre o Iriri e Tarituba, a uma distância de 33 quilômetros do centro de Paraty e 64 quilômetros do centro de Angra dos Reis.

A faixa de areia da praia de São Gonçalo se estende entre a Ponta do Cão Morto e a Ponta do Arpoá, e mede cerca de 2,7 quilômetros. É a praia mais extensa da costa paratiense. A porção direta da praia era chamada de Canto Feliz, local onde

morou por muito tempo a findada madrinha Augusta, parteira mais conhecida da região, mas hoje esse local tem sido chamado de Praia das Pitangueiras. A Praia de São Gonçalinho mede quase 400 metros e está separada da Praia de São Gonçalo pela Ponta do Arpoá, a uma distância de 200 metros. Há uma trilha interligando as duas praias.

## ILHA DO PELADO

Bem em frente à praia de São Gonçalo, a cerca de 1 quilômetro de distância, situa-se a Ilha da Pelada Grande, hoje mais conhecida como Ilha do Pelado. Caiçaras do lugar explicam que esse nome foi dado porque tinha muito sapezal na Ilha, no tempo em que os moradores faziam roça ali. Na porção voltada para o continente, a Ilha do Pelado conta com uma faixa de areia de uns 400 metros de extensão onde se situam os restaurantes, entre eles, o restaurante da Bete e de sua família, caiçaras de São Gonçalo. A travessia para a Ilha do Pelado é um dos principais passeios procurados pelos turistas na região. Ao lado da Ilha do Pelado está a Ilha do Peladinho, ainda menor que a Ilha do Pelado e também possui uma pequena faixa de areia.

## ILHA DO CEDRO

A Ilha do Cedro está mais afastada da costa. Saindo da barra de São Gonçalo são cerca de 4 quilômetros. O acesso mais próximo ao Cedro se dá pela Praia do Cão Morto, uns 2 quilômetros, mas a praia do Iriri também é utilizada para acessar a Ilha. A área total da Ilha do Cedro é 36,5 hectares. Há três pequenas praias, que medem entre 150 a 200 metros de extensão. A maior delas está situada na área mais abrigada da ilha, usada para fundeio de embarcações.

O mapa abaixo mostra a abrangência das áreas de usos da comunidade caiçara de São Gonçalo que inclui parte do marítimo e localidades vizinhas, caso da área agrícola e de moradia de uma família caiçara de São Gonçalo localizada próximo à praia de Humaitá.



Seu Elias, pescador de São Gonçalo



Frank, pescador da Ilha do Pelado / São Gonçalo

Ilha do Pelado



# HISTÓRIA DAS LOCALIDADES

“ Eles chegaram aqui contando mentira. Eu estava com a barriga desse tamanho, da minha filha primeira. O advogado da White Martins entrou dentro da minha casa, pra nós vendermos. Que ia ter emprego, ia ter uma fábrica pra trabalhar. Que a fazenda ia ter restaurante grandão pra todo mundo ir pra lá cozinhar. Foram oferecendo, e o povo: "ah, agora nós tamo bem". Aí foi indo, até que iludiu minha mãe. Eles diziam: "essa senhora parece demais com a minha mãe". Abraçava a minha mãe, beijava, como se fosse mãe deles. Quando vinham, traziam caixinha de sabonete, pó de arroz, que antigamente usava muito no rosto. Minha mãe virou

até com nós. Nós brigávamos com ela pra não vender, ela se revoltava. O que que a minha mãe ia fazer? E depois botaram tudo no chão. Aquelas casinhas que ela tinha lá na beira da praia, derrubaram tudo. Até a escola eles tiraram de lá. Ali que eu aprendi o ABC”

Margarida Gomes Martins, 76 anos,  
São Gonçalo, 2021



Margarida e seu filho Vagno, "Vaguinho" durante entrevista sobre a história de São Gonçalo

## OCUPAÇÃO HISTÓRICA CAIÇARA

São Gonçalo e as Ilhas do Cedro e do Pelado são localidades ocupadas por famílias caiçaras desde o século XIX que possuem laços de parentesco com os atuais moradores.

Nas entrevistas com os moradores dessas localidades, muitos fragmentos dessa história de quase 200 anos de ocupação foram aparecendo. Cada pessoa lembrou uma parte, cada relato trouxe histórias de antigos moradores, de antigos lugares. Assim foram produzidos os fios da memória social desses territórios, que essa publicação busca tecer. Essas memórias mostram o passado dessa localidade tão importante na história de Paraty, e fortalece a comunidade caiçara no reconhecimento dos seus direitos sobre seu território e modo de vida.

As genealogias mostram que, ao longo do tempo, as famílias se interconectaram pelo casamento. Na caracterização, foram identificados os ancestrais mais antigos de cada família e, a partir disso, a duração da ocupação no território pôde ser estimada.

A família Martins é uma das mais antigas de São Gonçalo. A família descende do casamento de Rosa Gomes Martins com Manoel Ribeiro Martins. Rosa Gomes nasceu em São Gonçalo na década de 1890, e era filha de Ana Rosa Gomes, que nasceu na Ilha do Cedro mas foi criada e teve seus filhos em São Gonçalo. As filhas, filhos, netos e bisnetos desse casamento permanecem em diversos locais do territórios até hoje. Margarida, que está hoje com quase 77 anos reside no sertão, e já tem bisnetos. Adélia, filha já falecida, possui descendentes no território, como Tania e seus/suas filhos/as e netos/as. Essa parte da família mantém um quiosque na praia; e o filho José Ribeiro Martins, também já falecido, é pai de Elizabeth Martins, a Dona "Bete" que possui um restaurante na Ilha do Pelado. A reconstituição genealógica permite afirmar que essa família ocupa áreas em São Gonçalo e Ilha do Pelado há, pelo menos, 130 anos.



Restaurante da bete, na Ilha do Pelado

Na Ilha do Cedro, os moradores atuais são descendentes dos Gomes e dos Ponsiano (de São Gonçalo). Os irmãos Adirson e Almir ("Pipi"), contam que o pai deles, o finado Dirceu, era filho de Ponsiano de Souza e Aganir, conhecida como Gazinha. E pela via materna eles descendem de dona Cecília Gomes, nascida por volta do ano de 1928 na Ilha do Cedro, filha de Palmira Gomes, que também nasceu na Ilha e morreu com 96 anos "e Zezinho Martins". Palmira era filha de Paulino e Maria do Espírito Santo (bisavôs dos irmãos Adirson, Pipi, Regina) e já ocupavam a Ilha do Cedro. A genealogia desse núcleo familiar conta com 7 gerações de ocupação, somando quase 200 anos de história nessa localidade.

Dona Cecília Gomes faleceu durante a elaboração desse trabalho, com quase 95 anos de idade.

Além de Cecília Gomes, outros filhos de Palmira também possuem descendentes na Ilha do Cedro até hoje: Zezinho Gomes por exemplo que é pai do Nelson, Neide, Valmir e Dulcineia. Enercina Gomes que é mãe do Jorge; e Benedito Gomes que é avô da Benedita, que mantém um bar no Cedro atualmente.

A família de Elias Vicente da Silva, pescador que mantém um rancho de pesca e um bar na praia de São Gonçalinho, também se liga à genealogia dos Ponsiano. Elias é filho de Nestor Geraldo da Silva, que nasceu na Ilha do Cedro e veio morar em São Gonçalinho com incluir: com 5 anos de idade, "na década de 1930" e neto de João Geraldo e Paula (família Geraldo). Elias se casa com Ilza da Conceição Silva, que é neta do Ponsiano e da Gazinha e prima dos filhos do Dirceu.

“O José Gomes meu avô ele vendia fumo de rolo lá naquela região do Mamanguá, e casou lá. Daí veio vender aqui na ilha e aí depois casou aqui com a minha avó, daí que ela pegou o Gomes também. Palmira minha avó fumava cachimbo, e ela morreu fumando o cachimbinho dela”.

Adirson Gomes de Souza, 68 anos, Ilha do Cedro, 2021

Além de casos dos casamentos entre primos, caso de Adirson e Glorinha (nascida e criada em São Gonçalo) e entre famílias da região de São Gonçalo e vizinhança, existem também casos de uniões com pessoas de outros lugares mais distantes. Dona Bete, da Ilha do Pelado, por exemplo é filha de Zé Martins, que tem raiz em São Gonçalo, e sua mãe Inês Manuela da Conceição veio do Mamanguá. Inclusive o sobrenome Conceição é muito comum na Praia do Sono e no Saco do Mamanguá.

Importante destacar a presença negra na formação da comunidade caiçara de São Gonçalo conforme genealogia apresentada. Embora seja sabido que a formação do povo caiçara é resultado do encontro de brancos, negros e indígenas, e que o histórico colonial paratiense é marcado pelo emprego maciço de trabalho escravizado, vale ressaltar a presença da ancestralidade negra em São Gonçalo. Exemplo concreto está presente na genealogia de Tania Rosa da Silva Ayres. Pela via paterna, Tania é neta de Afredo e Chiquinha, ambos negros, e Chiquinha, sua avó, era irmã da madrinha Augusta, a parteira de São Gonçalo da qual se falará adiante. (Conferir o mini-doc Paraty: Terra de Preto, de 2018, idealizado por Aline Braida, de Tarituba, Mauricéia Pimenta Tani de São Gonçalo, Luan da Silva e Fabio Martins, do Quilombo Campinho e encenado por jovens negros de Paraty, Ubatuba e Angra dos Reis).



Almir Gomes, "Pipi", da Ilha do Cedro



Adirson, da Ilha do Cedro

## VIDA CAIÇARA ANTES DOS EMPREENDIMENTOS

Até a abertura da BR 101, a atividade produtiva mais importante era trabalhar na roça e na pesca para garantir a segurança alimentar familiar, e gerar alguma renda com a venda da produção excedente. Para garantir a pescaria, os pescadores precisavam de canoas. Elas eram feitas pelo Benedito Geraldo e seu Eli, já falecidos.

No início do século XX, muitas famílias passam a obter renda com a produção e venda de banana e farinha. As famílias mais antigas de São Gonçalo tinham casas de farinha e emprestavam para quem não tivesse. Além da banana e da farinha, peixe também era vendido, mas não teve mesma importância comercial nesse período.

O finado Milton, nascido em São Gonçalo em 1927, pai do Pastor Érico, produzia farinha em quantidade excedente e viajava em uma canoa cargueira para vender a produção em Angra dos Reis.

“A nossa vida aqui era cortar banana e fazer farinha. Meu pai era fazedor de farinha e levava pra vender em Angra dos Reis. Botava numa canoa grande chamada jequitibá e levava a remo. Ela tinha um metro e meio de boca. Ia ele e mais um. Às vezes era o tio dele, chamado Manoel Reis. Às vezes era o outro, Manoel Rita.”

Érico Porto da Silva, 64 anos,  
São Gonçalo, 2021



*Ilha do Cedro no primeiro plano e a Praia de São Gonçalo ao fundo, a mais extensa de Paraty*

São Gonçalo foi um importante pólo produtor de banana, assim como outras localidades próximas, como o Taquari. Muitos relatos mencionam a importância dos bananais de São Gonçalo localizados no sertão, e conta-se que os moradores se dedicavam à abertura, limpeza, colheita e transporte de banana. A produção era transportada em tropa de burro do sertão até a praia para embarcarem até Angra dos Reis ou Paraty, onde seria vendida para a população da cidade.

“ [A banana] vinha por esse caminho, beirando o rio. O nosso rancho de banana era lá na beira da praia, onde tem a igreja ali hoje. Aí vinha de lá no lombo do burro, descia aqui e descarregava ali. Tinham os barcos de Itacuruçá, Itaguaí, do Rio de Janeiro. Tinha o barco chamado Ipiranga, Fluminense, Grajaú”

Érico Porto da Silva, 64 anos,  
São Gonçalo, 2021

Os bananais em São Gonçalo ocupavam áreas extensas, iam além da cota dos 200 metros de altitude, em zonas que hoje estão sobrepostas pelo Parque Nacional da Serra da Bocaina. É o caso, por exemplo, do bananal de Elias Batista Cruz e Dona Margarida Gomes Martins, localizado próximo à região da cachoeira da Gamela (ver mapa), cerca de 2 horas de caminhada da praia até lá.

Os moradores da Ilha do Cedro também possuíam bananais no sertão de São Gonçalo. Dona Glória Souza, esposa de Adirson, nasceu e se criou em São Gonçalo e os bananais do seu falecido pai Sergio José Fraga também eram no sertão. A família dela morou um tempo na região da cachoeira do Espigão, e tinha bananal nas Gamelas.

“ Roça minha é em terra. Bananeira, tudo. Morei lá uma época. Papai [Dirceu] morava aqui, mas vivia naquela época de banana. Não tem aquele lugar bem no alto, aqui em São Gonçalo, nas Gamelas? Daquela cachoeira pra lá é minha aquela área ali. Tinha pasto lá com boi, burro de carga. Meu pai morou cá pra baixo e ele passava com burro de banana que tinha lá pra cima”

Adirson Gomes de Souza,  
68 anos, Ilha do Cedro, 2021

No “tempo da banana”, algumas famílias capitalizavam mais do que outras, seja por terem mais áreas de plantio, onde aliás empregavam mão-de-obra remunerada, ou por terem tropa de burro para realizar o transporte. Essas famílias controlavam o comércio vendendo não apenas a produção dos seus bananais, mas também a banana produzida por famílias caçaras que não tinham como escoar seu produto. O Seu Milton por exemplo tinha bananais que chegavam a ter 6 a 9 mil pés e empregava quase 20 pessoas. Na produção de farinha ele também contava com o trabalho de umas 5 pessoas.

“ Aqui quem tinha tropa de burro era o Dirceu (pai do pessoal do Cedro), o Jair da Silva, o Milton, o Antonio Bulé e o Cabinho que ainda tá vivo no Taquari. ”

Vagno Martins, 44 anos, São Gonçalo, 2022

Depois da abertura da rodovia, o comércio de banana ainda continuou por alguns anos. Durante a década de 80, o transporte passou a ser feito pela rodovia. Pastor Érico conta que a comunidade de São Gonçalo despachava uma grande quantidade de banana por semana no caminhão. A concorrência com a produção de banana de outras regiões acabou quebrando a atividade em São Gonçalo. Porque a banana de São Gonçalo, embora fosse doce e saborosa, descia dos bananais em tropa de burro, a casca pretejava, e a aparência da banana não era tão palatável para o consumidor. Na década de 90, a atividade terminou em São Gonçalo.

“ Os donos de barco encostaram os barcos e botaram caminhão na estrada. Tinha muita gente que trabalhava com isso, apanhando banana com caminhão. Aí desvalorizou a nossa banana, porque veio uma banana e tomou conta do mercado todinho do Rio de Janeiro. Sem cor, sem gosto, porque era madura na marra, no carbureto. Aquilo não tinha gosto, mas tinha preço. Aí a banana acabou tudo, está no mato”

Érico Porto da Silva, 64 anos,  
São Gonçalo, 2021



Coméia em sua agrofloresta em São Gonçalo

## ABERTURA DA BR 101

A estrada foi um divisor de águas na história das famílias caiçaras de São Gonçalo e também impactou a vida dos moradores das ilhas. O traçado da rodovia atropelou os territórios ancestrais, ignorou a presença de comunidades, enterrou espaços coletivos de convivência. A construção da rodovia empregou algumas pessoas da comunidade, em funções como tratorista e vigia das máquinas, mas ao mesmo tempo que oferece uma possibilidade de geração de renda, trouxe destruição e violência. Alguns moradores contam que em São Gonçalo, famílias atingidas pela rodovia não foram devidamente indenizadas.

“Tinha o Manoel Reis, o Antônio e o Manoel Paulo. Mané Paulo morava aqui, uma casa bonita aqui. A Rio-Santos passou e acabou com a terra, com a casa deles, derrubaram e nem indenizaram o homem. Perdeu tudo. Deu um derrame nele, vieram chamar a gente, a gente correu lá, mas ele já tava jogado no chão, ele morreu aqui. A Rio-Santos passou, destruiu a casa dele e de mais um pessoal que morava por aqui. Nunca indenizaram a família”

Érico Porto da Silva, 64 anos,  
São Gonçalo, 2021

Foi também a partir da abertura da estrada que a White Martins fortaleceu sua ação para extinguir a comunidade caiçara de São Gonçalo, como se verá na reconstituição da história do conflito da comunidade caiçara com a empresa.

## TERROR EM SÃO GONÇALO: O CONFLITO FUNDIÁRIO COM WHITE MARTINS

São Gonçalo é um território profundamente marcado pelo conflito fundiário causado pela chegada da empresa americana multinacional White Martins na década de 1940. Este é um dos mais violentos e emblemáticos conflitos de terra do município de Paraty e resultou no êxodo de mais de 150 famílias caiçaras e na descaracterização da comunidade tradicional que residia no local até então. Apesar dessa derrocada, as famílias dos finados José Martins, Milton e Zequinha permaneceram, numa história de 80 anos de resistência.

Desde que chegou, a White Martins começou a fazer pressão sobre as famílias caiçaras de São Gonçalo e São Gonçalinho para que deixassem suas posses. Ao longo desses 80 anos de conflito, diferentes estratégias foram empregadas contra as famílias caiçaras: entre os anos 40 e 70, colocou capangas montados a cavalo para patrulharem a área, intimidarem e obrigarem a saída das famílias. No início da década de 70, aproveitando-se do acesso facilitado pela BR, a empresa intensificou as investidas para retirar os caiçaras. Os moradores contam que houve espancamentos e assassinatos de pessoas da comunidade, e que as pessoas eram proibidas de trabalhar em suas roças e reformar suas casas.

Ao mesmo tempo, advogados a serviço da empresa buscavam convencer as famílias de que um acordo seria a única solução vantajosa para os caiçaras. Mais tarde, ao invés de capangas, a empresa passou a contratar profissionais especializados em segurança patrimonial. Nesse momento, também se valeram de agentes do Estado que defendiam os interesses da empresa: na esfera jurídica havia um promotor (Theobaldo Lisboa) e um procurador público (Jair), e em campo, a ação repressora de policiais militares.

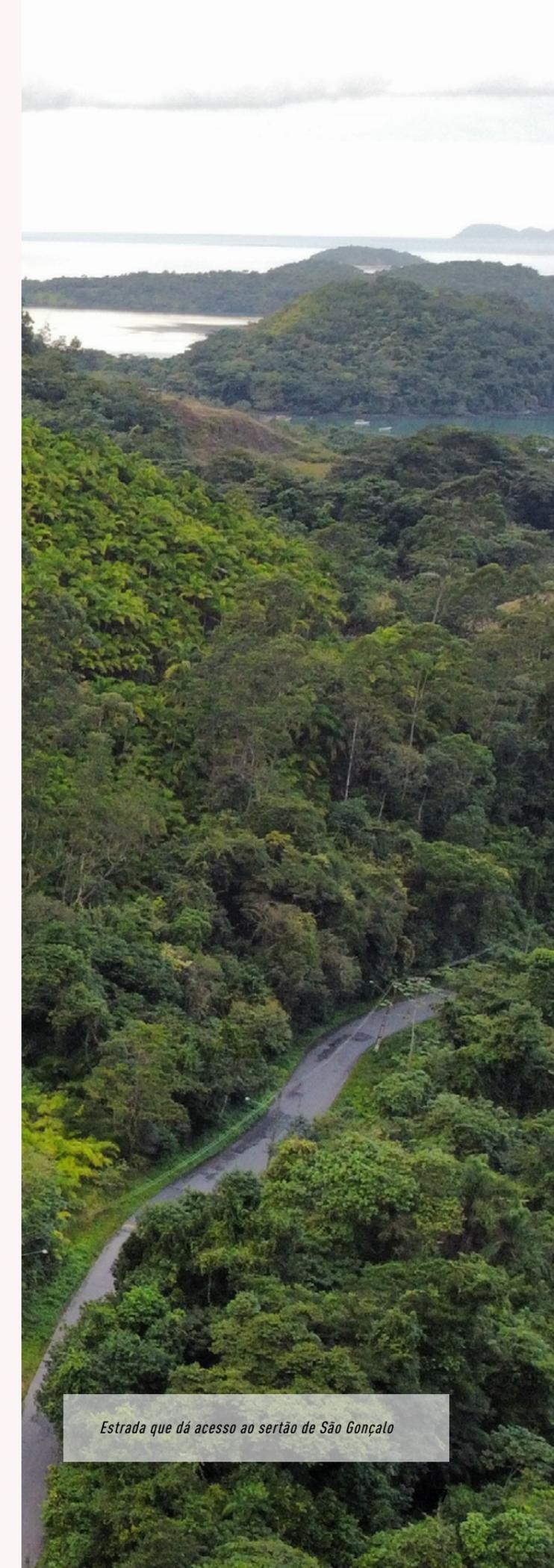
“[Esse período] foi quando o pessoal vendeu muito [as posses]. Eles [jagunços] faziam uma ronda, passavam marchando os cavalos, entravam pela área deles e andavam por dentro. E ainda tava numa fase que o pessoal tinha roça. Uns já tinham vendido, mas meu pai tinha briga ainda, quando encontrava no caminho eles ameaçavam, eles tomavam a ferramenta.

O pessoal de antigamente não podia comprar tijolo, não podia comprar telha e aí se valia das madeiras do mato pra fazer casa. Barrear de barro, botar sapê ou botar aquelas tabuinhas no telhado. Eles não aceitavam fazer casa mais. Quem fosse pro mato cortar, ia parar na delegacia. Na época, os delegados não iam contra um rico milionário pra ir a favor de uma pessoa pobre”

Margarida Gomes Martins, 76 anos,  
São Gonçalo, 2021

“O advogado começou: "aqui não tem luz, aqui não tem nada, você não tem televisão. Pega esse dinheiro, bota na poupança e você vai comprar uma casa na Ilha das Cobras, você vai ter luz”

Érico Porto da Silva, 64 anos,  
São Gonçalo, 2021



Estrada que dá acesso ao sertão de São Gonçalo

Alguns momentos do conflito foram particularmente violentos: no início dos anos 70, dois caiçaras foram assassinados. Amânsio e seu filho, pelo Ciro Machado, conhecido jagunço a serviço da empresa. Não Houve cobertura da mídia para dar visibilidade ao ocorrido. Nesse momento a empresa promoveu um desmatamento de grandes proporções para abertura de pastagens e plantações de eucalipto. As árvores nativas da Mata Atlântica derrubadas foram utilizadas na produção de carvão.

Nos anos 80, a empresa demoliu a escola em São Gonçalinho, onde estudavam as crianças e jovens da comunidade e destruiu o campo de futebol. Na década de 90 implantaram uma guarita com seguranças armados e correntes fechando os acessos às praias, num movimento de privatização de áreas públicas.

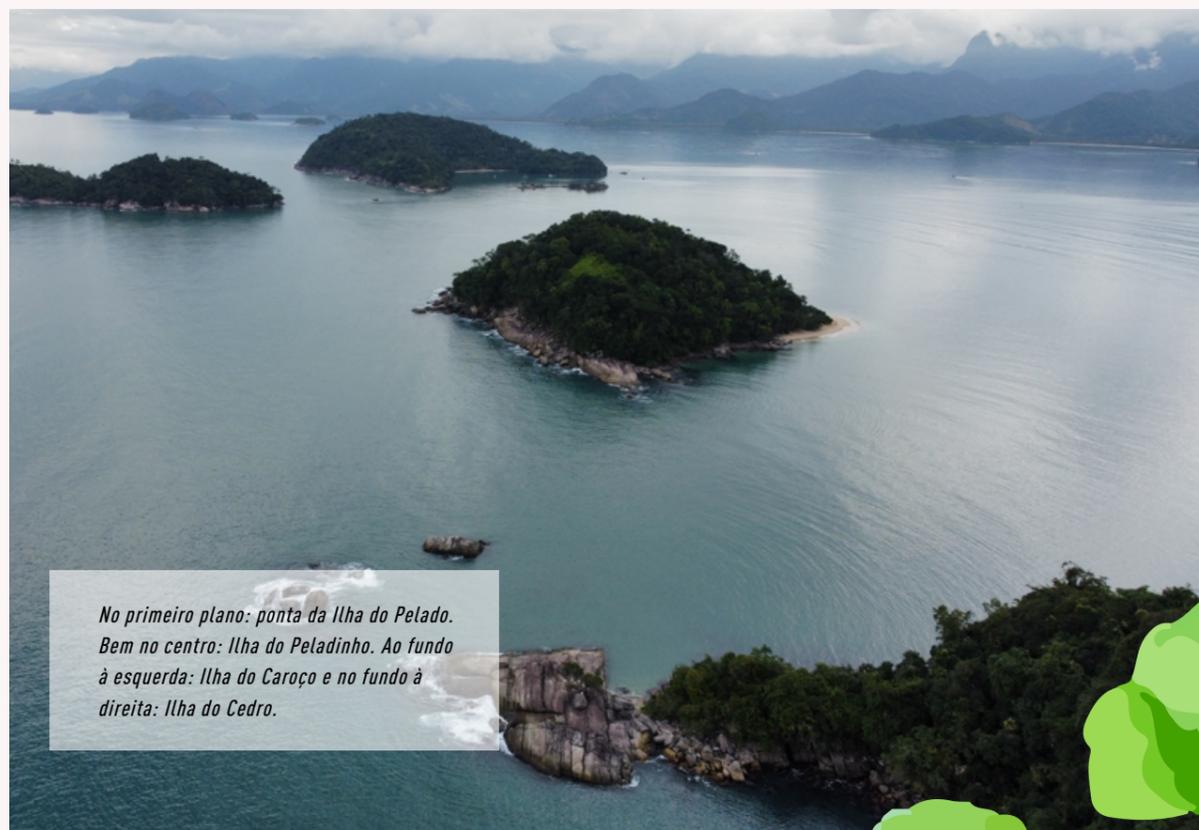
“ Foi assim que conseguiram o campo de futebol. Demoliram a escola e levaram lá pra dentro [pro sertão], dizendo que as estrada agora ia ser muito perigosa para as crianças. Derrubou a escola. Todo mundo estudou lá. Fecharam a praia. Botaram guarita, botaram homens armados e fardados como se fossem polícia” .

Érico Porto da Silva, 64 anos, São Gonçalo, 2021

O avanço do controle sobre as terras de São Gonçalo deixou um rastro de destruição e morte. Ainda nos anos 90, mais precisamente em 1996, Zequinha foi assassinado. Zequinha não era caiçara de São Gonçalo mas era casado com Creusa Fraga Martins, nativa do lugar, e estava enfrentando os conflitos de terra com as demais famílias. E no mesmo período, outras lideranças caiçaras estavam sob ameaça constante. Érico Porto viveu dois anos com escolta. Os relatos caiçaras testemunham o terror vivido pela comunidade:

“Aquele capanga entrou na casa do Nilton, que queriam que eles saíssem da área e eles não saíram. Ele entrou lá, pegou o pai de família na frente dos filhos e deu uma surra de porrete de pau. O Nilton ficou 45 dias em Angra internado, morre, não morre. Não morreu, mas ficou meio ruim da cabeça. Está vivo até hoje, na Japuíba. O Derli morava lá em cima, depois do Zé Roberto. Ele foi trabalhar, quando ele chegou, a casa estava derrubada. Meteram o machado e derrubaram a casa dele pra ele sair da área. Eles vieram aqui pra matar meu pai, matar minha mãe. Entraram aqui, vieram pra me matar várias vezes. Tem uma janela lá que estava furada de tiro, porque eles deram, e nós demos também, entendeu? Eu já morava aqui, vieram me buscar de madrugada. Não me encontraram. Pegaram o meu tio pra dizer onde eu estava, rasgaram o meu tio com aquele punhal. Me ameaçaram de morte. Saiu uma matéria dizendo assim: ‘Pastor em Paraty vai para a igreja com uma bíblia na mão e uma pistola na outra pra se defender dos capangas da White Martins’”

Érico Porto da Silva, 64 anos, São Gonçalo, 2021



No primeiro plano: ponta da Ilha do Pelado. Bem no centro: Ilha do Peladinho. Ao fundo à esquerda: Ilha do Carço e no fundo à direita: Ilha do Cedro.



Foi a derrocada da comunidade caiçara de São Gonçalo. A empresa conseguiu remover os moradores, família por família até restarem 3 famílias. Há quem diga que a Ilha das Cobras foi fundada pelos caiçaras de São Gonçalo. Mas muitos que foram para Paraty não suportaram a vida na cidade, adoeceram e morreram.

**“ Os velhos que saíram daqui eles colhiam mandioca, colhiam banana, pescavam, e não tiveram mais nada disso lá. Todos eles venderam e foram morar na Mangueira, na Ilha das Cobras. A maior população da Ilha das Cobras, na época, saiu daqui. Fundaram a Ilha das Cobras. Aí pra comprar um pão tinha que comprar, um aipim tinha que comprar, um peixe tinha que comprar. Sabe o que foi que aconteceu? Morreram apaixonados. Morreram apaixonados”**

Érico Porto da Silva, 64 anos,  
São Gonçalo, 2021

A morte de Zequinha explodiu o conflito na imprensa. A comunidade, realizou um ato na sede da White Martins, na Avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro, e a A TV Globo veiculou reportagens sobre São Gonçalo. Já com uma rede de apoio, como o Sindicato Rural de Paraty, órgãos ambientais e o Ministério Público Federal a comunidade conseguiu mobilizar a Anistia Internacional, uma organização de direitos humanos.

**“ No dia que mataram o Zequinha, quando foram na delegacia dizer que tinham matado um aqui em São Gonçalo, o delegado em Paraty deu um pulo quando soube que foi o Zequinha: ‘mas não foi o pastor?’, porque eles estavam esperando a minha morte naquele dia.**

**Mas eles se enganaram, porque mataram um companheiro de luta e nós fomos à luta. Aí a coisa pegou: fomos pra avenida Rio Branco no Rio. Dois ou três ônibus aqui de Paraty lotado. Tomamos conta da avenida Rio Branco. Invadimos o escritório da fazenda lá na Rio Branco. Não sei da onde saiu tanta gente pra nos ajudar”**

Érico Porto da Silva, 64 anos,  
São Gonçalo, 2021

Depois desse episódio, com a imagem pública manchada, a White Martins vende a Fazenda São Gonçalo para um grupo de empresários, e as tensões diminuem.

Em 2003, a PGE do Rio de Janeiro entrou com uma Ação Discriminatória para avaliar a validade dos títulos de propriedade da Fazenda São Gonçalo. A existência da ação travou projetos de intervenção no local, e o empreendimento imobiliário São Gonçalo Eco-Resort, cujos impactos sociais já haviam sido avaliados em um parecer do MPF de 1998, continuou só no papel.

O desfecho da ação ainda não havia ocorrido no momento de conclusão deste trabalho, mas em 2021 a Fazenda propôs acordos com o Estado, oferecendo ceder áreas para a comunidade caiçara e para o Estado, em troca do encerramento da ação que já dura quase 20 anos.

As famílias que resistiram e algumas que retornaram depois ao território mantiveram sua relação de pertencimento e buscaram reconstruir um ambiente comunitário no sertão, onde se localiza a maior parte dos moradores atualmente. A comunidade possui arranjos organizativos internos e busca maneiras de enfrentar os novos desafios no território e criar perspectivas de futuro que promovam geração de renda valorizando o território caiçara, sua história, natureza e cultura.

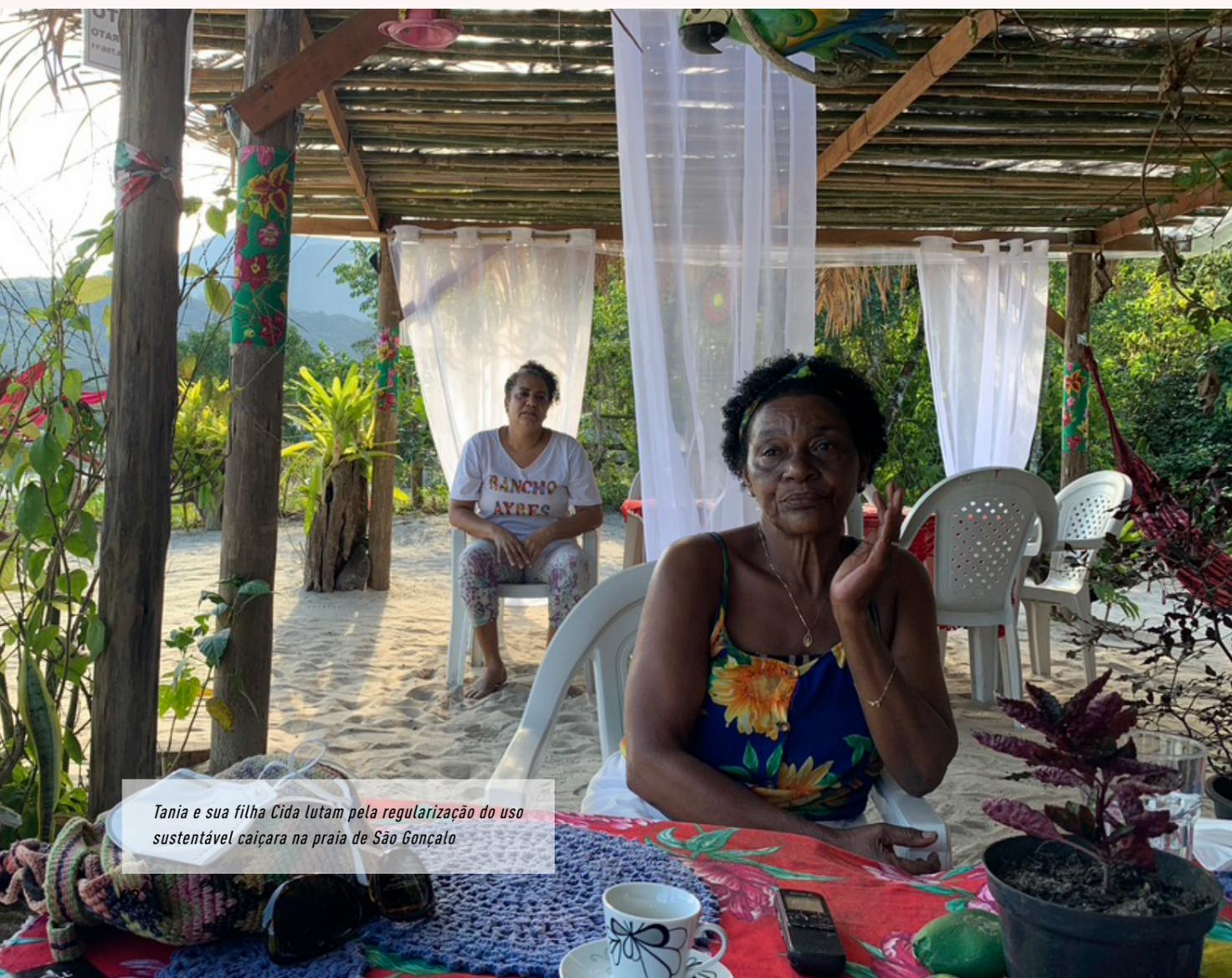


# ATIVIDADES PRODUTIVAS NO TERRITÓRIO

O território é a base de sustentação e reprodução da vida caiçara. No início, durante as primeiras ocupações nessas localidades, as atividades produtivas principais eram a pesca, roça, extrativismo, e a produção e comércio de banana, farinha e peixe.

Com as mudanças, citadas anteriormente, as famílias que permaneceram incorporaram também as

atividades turísticas. O turismo atualmente é a principal fonte de renda familiar no território. Há também, pessoas que trabalham fora do território, assalariados, no centro de Paraty, Mambucaba e outras localidades próximas.



Tania e sua filha Cida lutam pela regularização do uso sustentável caiçara na praia de São Gonçalo

## PESCA AGRICULTURA E EXTRATIVISMO PESCA

A pesca continua sendo uma das mais importantes atividades produtivas realizadas pelas comunidades caiçaras de São Gonçalo, Ilha do Cedro e Ilha do Pelado. Mesmo com a crise pesqueira, algumas pessoas continuam se dedicando à pesca, a maioria como garantia de segurança alimentar familiar, mas alguns ainda como atividade cotidiana e fonte de renda.

O espaço utilizado pelos pescadores envolve toda a baía da Ilha Grande. Nas entrevistas, os pescadores indicam uma por uma as pontas, sacos, ilhas e lajes que conhecem em seu território marinho.

As canoas de um tronco só fazem parte do universo pesqueiro em São Gonçalo, além de samburás e covos feitos com fibras da mata. Isso demonstra que o espaço da floresta faz parte do sistema da pesca artesanal. Seu Almir, "Pipi", da Ilha do Cedro, conta que já fez canoas, e na época trabalhou junto com Benedito, antigo morador caiçara que fez muitas canoas em São Gonçalo. Atualmente alguns jovens buscam manter viva a tradição do feitiço das canoas, à revelia do Parque Nacional da Serra da Bocaina que mantém uma postura que contribui para desestimular o manejo de recursos naturais no interior da unidade.

Como toda atividade tradicional, a pesca se aprende de criança, com o pai ou algum parente mais velho. Se aprende na lida, fazendo. E pra ter bom resultado, o trabalho começa antes do alvorecer do dia. Elias é pescador desde os 10 anos.

“Aprendi com o meu pai. Eu ali com 10, 11 anos ia com ele na popa da canoa dele lá pra fora matar cavala. E outra hein: era uma farofa de ovo, cedo e “ó”! Não tinha pão, não! Nós saía daqui, nós clareava o dia lá no mar, que a cavala gosta de pegar no alvo [alvorecer] do dia. Aí já matavam, chegava o alvo do dia, nós tava lá. Na época dava muita cavala, não tinha geladeira, eram dois trabalhos, você pescar, às vezes não tinha pra quem vender, você escalar, salgar e botar no sol. Vendia o peixe salgado e levava pra Angra. Não tinha estrada, a gente tinha que levar pra Angra de canoa a remo. Seis horas. Eu ia de gaiato, sentado lá, com um reminho pequenininho com uma pazinha assim. Pra voltar era bom: botava a vela e vinha embora. A lestada era que tocava a gente”

Elias Vicente da Silva, 65 anos,  
São Gonçalinho, 2021





*Pesca de bate-bate*



Peixe malhado na rede de Elias pescador

As pessoas que vivem de pesca, realizam essa atividade diariamente. Só não se arriscam no mar em dias de temporal, de vento forte e ressaca. Mesmo dentro da baía da Ilha Grande, o mar vira com as tempestades e é arriscado sair, principalmente em embarcações de pequeno porte.

Diversas técnicas pesqueiras são conhecidas e praticadas pelos pescadores. Elias explica que tem os peixes de fundo, os peixes de laje, os peixes que gostam de ficar na lama. Ele costuma sair pra pescar de canoa. Os principais peixes que ele captura para comercializar são bagre sari (parece cação, sem espinho) e pescada.

Também foi mencionada a pesca de garoupa, que agora interrompeu devido à proibição. Para pescar garoupa se costuma usar isca estragando, de sardinha já quase estragando. "Daí que ela gosta", explica Pipi. Para pescar cavala, atualmente, é preciso ir mais pra fora da baía, porque a cavala que entra na baía "o pessoal de cerco acaba com tudo".

Para ter sucesso na pesca, é preciso conhecer bem os ambientes marinhos da baía e da costeira. Seu Elias localiza com precisão, sem uso de aparelhos, a posição de lajes submersas, que são espaços marinhos com abundância de peixe. Para saber onde as lajes de fundo estão, ele observa marcos de referência da paisagem costeira.

**“ Você pega uma ponta de ilha, uma ponta de um lugar lá, você faz o triângulo, aí você chega em cima [da laje]. Aí você leva uma poitinha assim, você arria um coisinho, chega lá, bate na pedra pra você não errar o lance, pra ficar bem no círculo, no meio”**

Elias Vicente da Silva, 65 anos, São Gonçalinho, 2021

ATABELAABAIXOAPRESENTADIFERENTESMODOSDEPESCARMENCIONADOSPOR SEU ELIAS, SEU FILHO FERNANDO, E FRANK DA ILHA DO PELADO.

TIPO DE PESCA	PEIXES CAPTURADOS	LOCAIS
Pesca de Linha	Marimbá, sargo, salema, garoupa (pedras) cavala, sororoca e corvina (largo)	Perto das pedras
Pesca de Camarão - rede de espera - arrasto	Camarão	Perto da praia e das Ilhas (rede) - Fora da baía ou no Largo (arrasto)
Pesca de Tainha / Rede	Tainha	
Fisga (em desuso)	Robalo Sargo, Pirajica, Tainha, Parati	nas pedras
Pesca do Fifó (holofote/tocha) em desuso	Tainha, Parati	Perto da costeira. Com a claridade ele entoca perto, pega o peixe na mão
Pesca com isca viva (camarão do rio)	Mira (parece um badejozinho) e Badejo e Robalo	Nas lajes e nas ilhas, perto das pedras
Tarrafa	Pra pegar isca. E pega parati também.	No raso, beira de praia, 1,5m de água
Espinhel de Fundo "Mede uma braça e meia, põe um estropo com anzol, cada distância de 15m põe um chumbinho, que é pra ele trabalhar no fundo" Espinhel Boiado	Fundo: Corvina, vermelho, cação, bagre Boiado: Prejereba, cação, Dourado	No meio da baía; Sete Cabeça; Araçatiba. "Fica lá embaixo mesmo, no fundo. A corvina, conforme pega, quando ela vem boiando, os peixes que estão no meio da água, consegue pegar também"
Bater Lance, Bate-Bate ou Bater Poita "Chega no local, faz um cerco redondo com uma rede fecha ponta com ponta redondo e bate o remo, ou a poita, vai de dois ou um. Cada peixe tem a rede certa, a malha certa"	Corvina, Pescada, Bagre Sari, Ubeba, Parati, Vermelho, Tainha, Cambira	Geralmente na beira da costeira ou laje submarina
Mergulho de Espera	Robalo, Vermelho, Tainha, Godiã, Pirajica, Sargo	Costeira, Ilhas e Lajes
Mergulho de Vasculho	Robalo, Vermelho, Tainha, Godiã, Pirajica, Sargo, Cavala, Sororoca, Bicuda, Cara-pau	Costeira, Ilhas e Lajes

# AMEAÇAS À PESCA ARTESANAL

Muitas ameaças à continuidade da pesca artesanal foram mencionadas nas entrevistas os pescadores. Os peixes e diversas outras espécies marinhas além dos peixes estão desaparecendo. Estrelas do mar não são mais encontradas: branca, amarela, cor de vinho, avermelhada; moluscos que estão sumindo: sapinhoá (areia e lodo), sururu da pedra (é o mesmo que mexilhão); tarioba (areia); ostra.

As causas desse desaparecimento segundo eles, são:

- alterações no ambiente marinho: presença de óleo e outros elementos que contaminam o mar, incluindo poluição sonora de motores de embarcações;
- pesca predatória dentro da baía da Ilha Grande: barcos industriais, como os atuneiros, que capturam toneladas de sardinha e outras espécies miúdas como a manjuba para servirem de isca viva na pesca de atum em alto mar; cercos predatórios que capturam cardumes inteiros praticando modalidades de pesca não sustentáveis; arrasto em áreas de criadouro.
- presença de navios dentro da baía: ruído, perturbação do fundo do mar, contaminação das águas e iluminação.

“- Um dos peixes que está acabando pra nós, ainda não desapareceu, mas vai desaparecer, é um peixe que ninguém dava valor aqui. Eu, muitas vezes, comia, porque eu adoro com limão. É a corcoroca. Corcoroca é um dos peixinhos mais safados que tem no mar, mas tá sumindo.

- Tem vários: pescada amarela, pescada cambucu. Peroá. Sumiu tudo.

- Acabou tudo. O mexilhão, usava bota, porque não conseguia descer em cima da pedra. Do jeito que a gente está descalço aqui, não. O único lugar que tem sururu tá tudo desse tamanhinho. Ele não está se desenvolvendo. E os que têm, estão morrendo. Alguns, você pega, ele está esfarelado. O ouriço, você olhava a costeira e tinha ouriço, demais. Hoje você vai para lá e só vê os buracos dele. Igual a tarioba, a questão do sapinhoá, da unha de velho, o próprio caranguejo do mangue.

- Arrastão acabou com o gunguito e o bagre amarelo, que atrapalha a pescaria do bagre sari. É porque o bagre sari quase não malha direito, e rapidinho você tira. E quando vem outro peixe, que é mais difícil, é uma hora, duas horas e pouco pra você tirar um lance. E era difícil não vim aqui, o primeiro peixe que entrava era o gunguito e o bagre amarelo. E hoje não tem mais por causa do arrastão. Gunguito é o famoso do azul marinho.

Fernando Conceição Silva, 40 anos  
e Elias Vicente da Silva, 65 anos,  
São Gonçalinho, 2021

Bete, Ilha do Pelado / São Gonçalo, aprendeu a pescar com seus mais velhos



Os relatos mencionam o abandono de algumas modalidades de pesca artesanal, por que deixaram de ser legais ou viáveis, devido à pesca predatória.

“ Eu pescava a garoupa, mas proibiram, badejo, tudo proibido. E cavala eu não pesco não, pesquei muita cavala, mas agora eu não pesco. Sabe por que? Não adianta, depois que inventaram o cerco, é difícil aparecer um peixe pra você matar. Os caras vão lá, vêm, cercam, mata tudo. Eles não matam dois, três peixes, eles matam toneladas. Eu já vi o cara matar setecentos e poucos quilos de robalo no cerco. Cercou lá na ponta do Cedro. Acaba com tudo, e tudo ovado. Ele [robalo] entra aqui justamente no verão, pra quê? Porque a água está quente, pra desovar. Cercar

ali, mata 1.200 toneladas de peixe, aí você vê, tem peixe que está com duas perna de ova assim, ó, dessa grossura.

Depois que inventaram esse cerco, às vezes vai lá no mar, roda isso aí, vem com um peixinho, às vezes com nenhum. Então eu parei com essa pescaria.

Igual camarão. Eu não compro rede de camarão porque? Você pesca 15 dias o camarão, depois o arrastão entra aí, acaba com tudo. Aí você encosta a rede, não adianta. Eu vou lá, mato o suficiente, 30 quilos, 15 quilos, 20 quilos, 40 quilos, e volto embora. E tem pessoas que querem matar de tonelada, tudo, quer achar e quer matar tudo.”

Elias Vicente da Silva, 65 anos,  
São Gonçalinho, 2021



Elias e seu filho Fernando, pescadores, durante entrevista em São Gonçalinho

Outro fator mencionado para a crise na pesca artesanal foram os conflitos de sobreposição com unidades de conservação, especialmente a ESEC Tamoios. Falta interlocução para garantir que os pescadores de São Gonçalo, do Cedro e do Pelado possam pescar nas áreas proibidas pela ESEC.

A contaminação também foi apontada como impacto na pesca. Tem óleo e lixo no mar. Moradores da Ilha do Cedro falaram da concentração de lixo na Praia do Cão Morto, praia de onde costumam fazer a travessia para a Ilha.

A presença dos navios e dos barcos de pesca industrial também foram mencionados nas entrevistas. A fiscalização é um dos pontos também muito mencionados. Grandes embarcações pescando em locais proibidos.

**“ A questão do óleo, a questão da pesca predatória, a questão de não respeitar o fundo do mar. Pô, eu saio aí, eu vejo tanta sacola”**

Fernando Conceição Silva, 40 anos  
São Gonçalinho, 2021

A escassez de peixe tem gerado falta de perspectiva dos jovens com relação à pesca artesanal. A pesca de camarão em Paraty tem sido considerada a única modalidade de pesca com algum retorno mais certo.

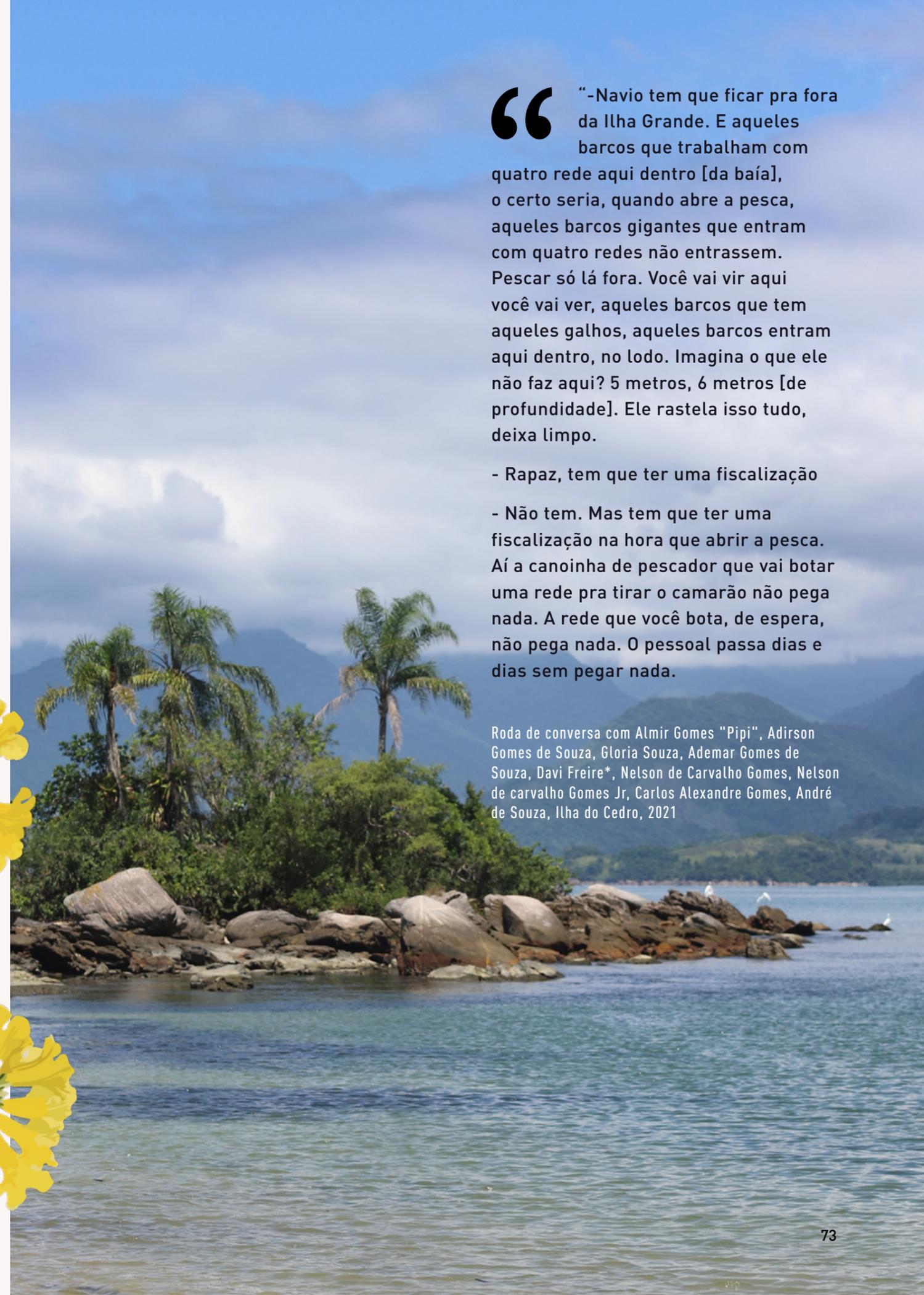
**“ Os jovens não pescam porque a pesca tá fraca. E porque não tem paciência, e não tem os pontos [de pesca]. O negocio deles é camarão. Faltou camarão, já não vão mais pro mar”**

Fernando Conceição Silva, 40 anos  
São Gonçalinho, 2021

As lanchas de turismo também espantam os peixes, explicam os pescadores do Cedro. Elas passam rápido demais, acima da velocidade permitida e provocam onda na costeira, isso quando não passam em cima dos petrechos de pesca.



Carqueja, plantas medicinais utilizadas pelas comunidades caiçaras



**“ -Navio tem que ficar pra fora da Ilha Grande. E aqueles barcos que trabalham com quatro rede aqui dentro [da baía], o certo seria, quando abre a pesca, aqueles barcos gigantes que entram com quatro redes não entrassem. Pescar só lá fora. Você vai vir aqui você vai ver, aqueles barcos que tem aqueles galhos, aqueles barcos entram aqui dentro, no lodo. Imagina o que ele não faz aqui? 5 metros, 6 metros [de profundidade]. Ele rastela isso tudo, deixa limpo.**

- Rapaz, tem que ter uma fiscalização

- Não tem. Mas tem que ter uma fiscalização na hora que abrir a pesca. Aí a canoinha de pescador que vai botar uma rede pra tirar o camarão não pega nada. A rede que você bota, de espera, não pega nada. O pessoal passa dias e dias sem pegar nada.

Roda de conversa com Almir Gomes "Pipi", Adirson Gomes de Souza, Gloria Souza, Ademar Gomes de Souza, Davi Freire\*, Nelson de Carvalho Gomes, Nelson de carvalho Gomes Jr, Carlos Alexandre Gomes, André de Souza, Ilha do Cedro, 2021

**PESCA  
AGRICULTURA E  
EXTRATIVISMO**

# ROÇA

A atividade agrícola nas localidades de São Gonçalo, Ilha do Cedro e Ilha do Pelado sofreu mudanças com a transformação do território. Além de todos os fatores de transformação do território já mencionados, as roças sofreram também com a criminalização da legislação ambiental. Na Ilha do Cedro não pratica-se mais a agricultura e em São Gonçalo não tem mais roça e os antigos bananais foram abandonados. Mas os quintais, ricos em frutíferas, medicinais e flores permanecem, além de uma área agrícola mais expressiva no fundo do sertão.

Uma das áreas agrícolas que se mantém produtiva em São Gonçalo é a agrofloresta do Colméia, localizada nos fundos do sertão de São Gonçalo. Em uma visita realizada nessa área foram identificadas uma série de variedades de plantas comestíveis, para fins construtivos e medicinais. As variedades foram registradas na tabela a seguir.

A falta de espaço em São Gonçalo acabou forçando algumas famílias a procurar outras áreas para plantar. É o caso do sítio da Maurília, nascida e criada em São Gonçalo, que mantém sua horta em um sítio comprado no Humaitá, cuja produção atende a merenda escolar e é vendida também na feira do agricultor em Paraty.

Colheita do palmito pupunha

## VARIEDADES MANEJADAS / ÁREA AGRÍCOLA DE SÃO GONÇALO

abacate	café	feijão preto	massaranduba
abacaxi	canacaiana (maior, mais macia)	gengibre	mexerica
abiu	cana de macaco (rins)	goiaba	micuíba
abóbora menina	cana do brejo (rins)	graviola	milho catete (amarelo)
abóbora moranga	cana suarina (mais doce)	grumixama	milho palha roxa
açafrão	canauva (ou brejaúva)	ingá cedro	morango silvestre
aipim cacau amarela (10 meses a um ano)	canela china	Inhame chine	nêspira
aipim rabo de gambá	canela cravo	Inhame rosa	palmeira real
aipim saracurinha	canela gosmenta	ipê	pati (palmito amargoso)
alface	canela ovo	jaborandi (anestésico)	pau ferro
amora	canela parda	jaca	petarruão (picada de inseto e cobra)
angelim	cará branco	jacarandá	pimenta malagueta
angico	cará roxo	jambro	pitanga
araça	cedro	jatobá	pupunha
araça boi	coco d'água	jequitibá rosa	quiabo
banana d'água	coco indaiá	jiló	sapucaia
banana ouro (gosta de lugar com mais barro, mais fresco)	coentro	juçara	trevinho (rins)
banana prata	condensa	limão argentino (grande)	urucum
batata doce	couve	limão cravo	
batata doce rainha	cupuaçu	mamão	
cabeludinha	feijão guandu	mandioca bocaé (2 anos)	



Cestaria tradicional feita por Seu Nedir, em São Gonçalo

A extração de materiais da floresta, como madeiras e cipós, sempre foi uma atividade desempenhada pela comunidade para construção de casas, para feitiço de canoas, e para confecção de peças de uso nas atividades cotidianas, como cestose peneiras e remos.

Os conhecimentos associados a essas práticas permanecem vivos em São Gonçalo e na Ilha do Cedro. Recentemente, caiçaras de São Gonçalo participaram de um projeto com o Sesc, intitulado Museu Tramas Daqui, de registro e valorização da cestaria local. A cestaria segue sendo produzida por seu Nedir, dona Nedina, Ernani e Robson. O material gerado no projeto sistematizou informações sobre o processo de trabalho, desde a coleta, tratamento da fibra até a trama do tecido e finalizações da peça. Os materiais citados na produção dessas

peças foram: cipó timbopeba, cipó caboclo, cipó imbé, cipó una, arranha gato, embaúba, taquaruçu, taquara póca, taboa, pente de macaco. Fotos das peças que resultam do trabalho, como samburás e covos (usados na atividade pesqueira) e os tipitis (de enxugar massa na casa de farinha) se encontram disponíveis em: <http://museutramasdaqui.art.br/historiasaogoncalo/> ).

Na Ilha do Cedro, seu Pipi conta que aprendeu o feitiço do cesto de cipó embé ou timupeba que coloca em burro de carga; o balaio de cipó una para lavar camarão; e o chapéu feito de imbé que também costumavam fazer.

O uso de recursos da mata em São Gonçalo demonstra a importância que esse conhecimento possui na manutenção do território caiçara. Mostra que a vida caiçara acontece e se reproduz em espaços que vão além das praias e dos quintais em torno da moradia. Muitas dessas variedades de cipós só são encontradas em locais de difícil acesso, e só quem conhece a mata, sabe em que tipo de ambiente de floresta eles podem ser encontrados. O acesso aos seus territórios ancestrais passa pela transmissão desses saberes que conectam caiçaras ao espaço da floresta.

**“ A opção por esse modelo de turismo é fomentar uma nova lógica que possibilite ao mesmo tempo lazer com guiamento, com história e com cultura, com geração de renda distribuída dentro da comunidade e respeito ao modo de vida, ao meio ambiente, e principalmente a garantia do marítório e do território, com exploração - no bom sentido - dos recursos e das belezas naturais fazendo com que esse lugar continue bonito e preservado.”**

Vagno Martins “Vaguinho”, São Gonçalo, 45 anos, 2022

## TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

São Gonçalo é uma das comunidades pioneiras em Paraty a desenvolver roteiros guiados de Turismo de Base Comunitária.

**“ Desde 2007, 2008, a comunidade já se organiza junto com o Fórum de Comunidades Tradicionais, mas ainda não tinha esse nome: Turismo de Base Comunitária. As ações mais relevantes [de TBC] a gente começou em 2013-14. E 2015 é um marco para São Gonçalo, foi um evento que teve em Tarituba de Turismo de Base Comunitária. Ali nós começamos a operar o primeiro roteiro, a primeira saída de campo com TBC. A comunidade incorporou no seu roteiro o turismo náutico porque até então o turismo era só de travessia para a Ilha do Pelado. Ter um passeio de barco guiado também para as outras ilhas falando das unidades de conservação, passando pelas duas UCs, a APA Cairuçu e ESEC Tamoios, a gente consegue fazer uma relação de uso do território a partir desse espaço. E a agrofloresta, a parte do sertão também integra o roteiro”**

Vagno Martins “Vaguinho 45 anos, São Gonçalo, 2022

O público que busca os roteiros de TBC em São Gonçalo são principalmente grupos de estudantes universitários. A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a UERJ, a UFMG já vieram com turma de alunos buscando o roteiro pedagógico.



Intercâmbios e atividades práticas nos processos formativos da Rede Nhandereko / FCT



Vaguinho de São Gonçalo, um dos fundadores da Rede Nhandereko / FCT

As práticas tradicionais ligadas ao manejo de recursos da floresta, como a cestaria também compõem o roteiro de TBC de São Gonçalo.

Segundo Vaguinho, a comunidade vive um momento de consolidar o grupo interno, um coletivo, para estruturar o trabalho com TBC com os princípios da Rede Nhandereko, garantindo que a comunidade tenha essa perspectiva de turismo e também como estratégia de defesa do território e proteção do modo de vida contra os impactos que o turismo causa, além de solução para outros problemas que a comunidade enfrenta.

Rede Nhandereko é o nome dado ao movimento de Turismo de Base Comunitária que conecta iniciativas de TBC nas comunidades tradicionais da região. O nome em guarani mbya significa **"nosso modo de viver"** (Vaguinho, São Gonçalo, 2022)

“ A perspectiva agora é de fazer um arranjo com o Parque Nacional da Serra do Bocaina com objetivo de consolidar o circuito das cachoeiras, a cachoeira das Gamelas, Espigão e Tombo D'água. Também estruturar um ponto de receptivo dentro da comunidade. Que cada vez mais pessoas da comunidade que trabalham com turismo Esse trecho sobre as mulheres deverá ser encaixado na Introdução, é geral para todas as comunidades. se apropriem dessa ideia e falem de suas histórias e da cultura caíçara na relação com os visitantes.”

Vagno Martins "Vaguinho", São Gonçalo, 45 anos, 2022



# PRÁTICAS DE CUIDADO / SAÚDE

A finada madrinha Augusta, uma parteira muito conhecida e reputada em todo a região norte de Paraty, nasceu em 1909 no Taquari mas foi criada em São Gonçalo e veio a falecer em Tarituba.

“ Ela era parteira de todo município aqui. Muitos nasceram com ela. A minha filha mais velha, a Geísa, todos nasceram. O meu outro rapaz que chegou aqui, o Isaías, nasceu com ela, com essa parteira. Ela fazia o parto de toda comunidade.

A gente, quando dava dor e tava muito escuro, não tinha luz aqui, nosso marido fazia fifó, desses assim de bambu, e ia lá chamar ela na casa dela. Podia estar chovendo, ela vinha”

Margarida Gomes Martins, 76 anos, São Gonçalo, 2021

Depois de madrinha Augusta morar muitos anos no Canto Feliz, a ponta direita da Praia de São Gonçalo que hoje abriga a sede da Fazenda São Gonçalo, ela foi morar em Tarituba, onde além de participar ativamente dos festejos católicos locais, de fazer os partos e práticas de cura de todas as comunidades, ainda foi coveira no cemitério local. No capítulo dedicado a caracterização de Tarituba, mais detalhes da trajetória dela são apresentados, por meio dos relatos de seus parentes que moram lá.

Mauricéia, de São Gonçalo, recebeu de suas ancestrais os conhecimentos sobre as plantas que curam.



As plantas medicinais de São Gonçalo foram pesquisadas por Mauricéia Pimenta Tani, caçara da comunidade, em sua monografia apresentada como encerramento do curso na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Um conhecimento que ela sistematizou e que foi passado pela avó e pela mãe dela.

“ Eu tinha a experiência de coletar essas plantas, coletando as plantas para minha avó Alzira, mãe da mãe, eu faço alguns xaropes, eu conheço muitas plantas através do conhecimento tradicional, da questão da oralidade, que é uma pedagogia muito importante de conhecimento, porque as pessoas não tinham estudo, mas elas conseguiam passar que aquela planta ali cura. A minha avó me mandava colher terramicina roxa lá do lado da casa da Margarida, mãe do Vaguinho, avó do Gabriel. Durante anos eu pagava lá. Minha avó me ensinou que a terramicina que faz chá tem lá. As vivências que eu tinha era tudo isso na prática. Era uma questão de sobrevivência pra ela, ela ter uma planta no quintal.”

Mauricéia Pimenta Tani, 32 anos, São Gonçalo, 2022



Mais recentemente, a articulação feita pela Coletiva Mulheres da Terra (ver links abaixo), trouxe o termo erveiras para designar “mulheres conhecedoras de plantas e ervas que podem curar”.

Em São Gonçalo a maioria das pessoas que já têm mais anos de vida conviveram num período que não tinha posto de saúde, e conseguiram passar para pessoas como eu esses conhecimentos. Mas com a transformação do território, a chegada da modernização, as pessoas queriam uma coisa mais fácil, queriam ir no médico, numa farmácia. E a desvalorização do conhecimento tradicional.

**“ Fiz o trabalho com 5 mulheres de São Gonçalo e levantamos 58 plantas. Catalogamos, mas escrevemos só com o nome popular, não temos o nome botânico, que para as plantas medicinais é importante. Mas o meu foco de pesquisa foi voltado para o conhecimento popular dessas mulheres. De como essas mulheres, no mundo de hoje, que quando estão doentes vão ao posto, de como elas poderiam conhecer e de quais plantas elas ainda faziam uso.**

E o mais comum é o xarope.  
Deu um espirro: xarope.

Mauricéia Pimenta Tani, 32 anos, São Gonçalo, 2022

Em seu trabalho de pesquisa, Mauricéia identificou a relação entre a presença das plantas medicinais (domesticação ou espontâneas) e o padrão de ocupação tradicional caiçara, onde os caminhos para se chegar às casas das pessoas passam pelos quintais de outras pessoas, e os terrenos não são separados por muros, são livres para o acesso.

**“ No passado não tinha muro, não tinha cerca, tinham os quintais. Para eu ir lá, tinha que atravessar 3 quintais. Nos quintais, muitas dessas plantas são encontradas, algumas domesticadas, e outras nativas, espontâneas, são comuns na região. As que não são nativas foram introduzidas a muito tempo. A maioria das pessoas fazem a coleta. E tem plantas como a folha da goiaba, a goiaba tem em todo lugar, a terramicina, o hortelã, são plantas domesticadas ou muito comuns naquele ambiente. E as pessoas sabem onde tá a planta. A própria comunidade vai mantendo essa geografia natural.**

A importância desse conhecimento, assim como dos outros, é que ele legitima uma comunidade caiçara que já foi expropriada e que a todo momento ela sofre essa pressão de que não é caiçara, que ela não existe mais, deslegitimar um fator histórico. Quando a gente pega uma planta, que não foi um botânico, que não foi um médico e fala assim: ‘meu filho, coloca aqui que vai curar’, quem te ensinou isso? Isso é ancestral, inclusive dos indígenas”

Mauricéia Pimenta Tani, 32 anos, São Gonçalo, 2022

## ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E BANDEIRAS DE LUTA

Na Ilha do Cedro a Associação de Moradores AMICEDRO foi criada em 2014. A comunidade considera importante ter uma associação para tratar dos interesses da comunidade, participar das reuniões com os órgãos públicos. Questões como TAUS (Termo de Autorização de Uso Sustentável), autorizações para construção, projetos são tratados pela associação e também por meio dela querem solicitar a reforma do ponto de ônibus na BR, que não tem assento nem cobertura para proteger da chuva; coleta de lixo adequada na Praia do Cão Morto; Visita de médicos na Ilha; Instalação das placas solares do Luz Para Todos.

A Ilha do Cedro possui 6 TAUS emitidos em nome das famílias caiçaras regularizando a ocupação na áreas da União, em um processo facilitado pela APA Cairuçu (ICMBio). Esse documento representa mais segurança jurídica na manutenção das posses caiçaras e é visto pelos moradores como uma fortaleza da comunidade.

A criação da Associação de Moradores de São Gonçalo ocorreu na década de 1990. Nesse início estava focada no conflito com White Martins e contava com apoio do Sindicato Rural de Paraty. Nos anos 2000, jovens lideranças de São Gonçalo, como Vaguinho e Mauricéia, se conectam ao Fórum de Comunidades Tradicionais, que se consolida em 2007.

O restaurante da Bete na Ilha do Pelado, após anos de conflito com vizinhos, também foi regularizado por meio da cessão do TAUS à família caiçara.

As lideranças caiçaras mais jovens têm um histórico de formação que passa por diversos espaços de reflexão diante dos processos em curso em Paraty e na Bocaina de forma geral, e entre eles os relatos destacam a importância do FCT e da militância nas pautas relacionadas aos povos e comunidades tradicionais.



Cachoeira das Gamelas

“ Meu caminho formativo sempre foi intercalado pelos movimentos, voltado pra comunidade e vieram esses outros espaços de formação pra qualificação que eu tive a oportunidade acessar. Eu fui pra Rural [universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que aplica pedagogia da alternância] com 22 anos. Dos 14 aos 22 eu tive um crescimento cognitivo em questão de luta, de território, de importância do território, muito grande. Gigantesco. Quando eu fui pra universidade, aí, como diz meu pai “acabaram comigo”. Que eu descobri esse negócio de feminismo, que mulher tem que falar mesmo. E daí eu voltei pro território, eu e as outras

meninas, mais alinhada com algumas coisas, porque a proposta do curso era justamente voltar pro território e dialogar. Lá eles perguntavam “ah, você faz parte do movimento? Qual movimento?”. Então a gente estava representando o Fórum ali” E o mais comum é o xarope. Deu um espirro: xarope.

Mauricéia Pimenta Tani, 32 anos, São Gonçalo, 2022

O FCT tem um histórico de atuação em São Gonçalo, atuando em algumas frentes com a comunidade. Além de criar a Rede Nhanderekó de Turismo de Base Comunitária, o FCT, junto com o corpo técnico do OTSS, contribuiu para solucionar os conflitos de uso da Ilha do Pelado, que resultou na concessão do TAUS para a família da Bete.

A Ilha do Cedro também obteve TAUS familiares regularizando a ocupação nas áreas da união. Esse documento representa mais segurança jurídica na manutenção das posses caiçaras e é visto pelos moradores como uma fortaleza da comunidade.

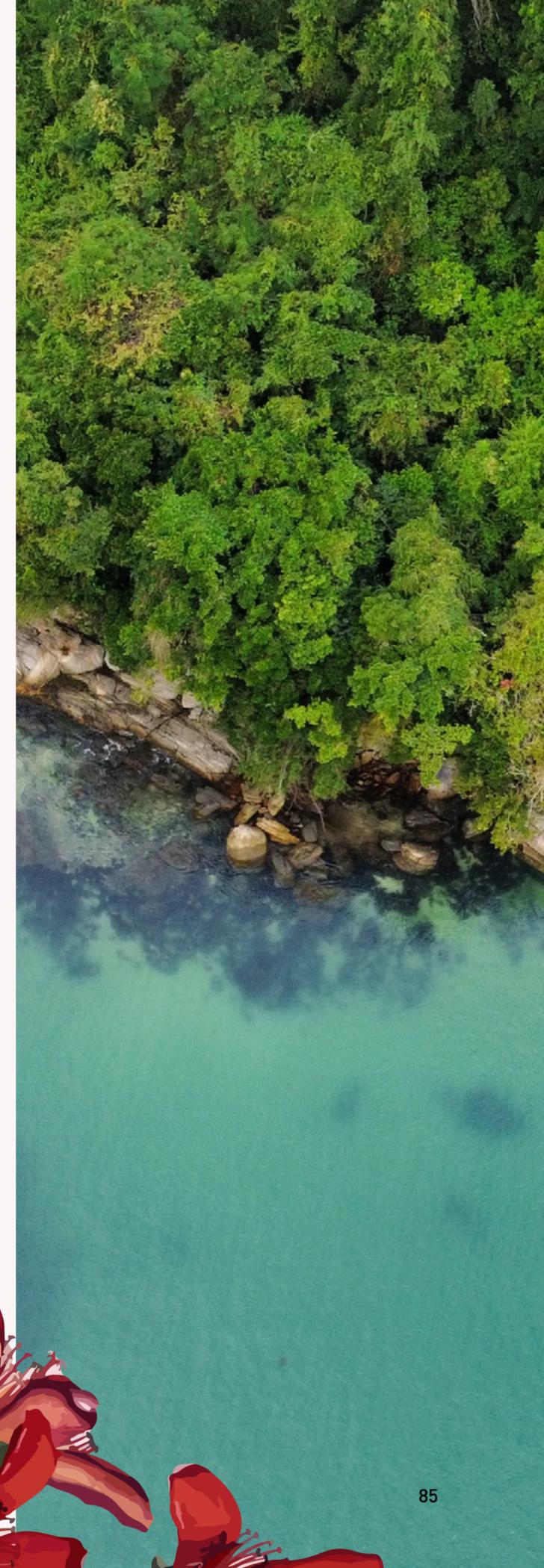
A comunidade de São Gonçalo também participa, na figura de Mauricéia Pimenta Tani, da Coletiva Mulheres da Terra, que tem atuado na articulação de mulheres do território pela valorização e fortalecimento dos saberes ancestrais das mulheres ligados às práticas de cuidado, envolvendo os saberes de plantas e benzimentos. A Coletiva é fundamental para o reconhecimento da participação das mulheres na estrutura dos modos de vida das comunidades tradicionais da região e fortalece os vínculos afetivos e políticos entre diferentes comunidades. Materiais produzidos pela Coletiva podem ser acessados em:

<https://instagram.com/mulheres.daterra?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

[https://web.facebook.com/mulheres.caicasda-terra?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/mulheres.caicasda-terra?_rdc=1&_rdr)



Juventude de São Gonçalo: o futuro ancestral



# MAPAS PRODUZIDOS PELAS COMUNIDADES



O QUE FOI  
MAPEADO  
(DESCRITIVO DA  
CARTOGRAFIA SOCIAL)





# MAPAS FALADOS

## PRODUZIDOS PELAS COMUNIDADES



SÃO GONÇALO





Embarcações no rio São Gonçalo

Por meio da caracterização, as comunidades deram visibilidade às suas áreas de uso atuais e históricos e a diversos pontos de referência de seu território tradicional. Os mapas dos territórios caiçaras mostram pesqueiros, áreas agrícolas, ranchos, casas dos moradores, zonas de extrativismo de recursos na mata, caminhos, além de infraestrutura edificada como escola, posto de saúde, e igreja.

Os mapas também estão repletos de nomes de lugares de referência, alguns aludem à história, como a Toca do Gentio, que remonta ao tempo da escravidão; alguns lugares são importantes por sua presença marcante na paisagem, como o Rio São Gonçalo, o Morro da Burra e a Ponta do Arpoá, que não deixam também de ter camadas de história. Outros nomeados conforme o uso feito no local, como o Morro das Gamelas, de onde era retirada a madeira para fabricação da gamelas, e onde havia áreas agrícolas de algumas famílias. O campo de futebol ao qual se referem é o campo antigo, destruído pela White Martins, vivo na memória dos mais velhos.

### **RIO SÃO GONÇALO**

O território de São Gonçalo é cortado pelas águas que vertem de diversas nascentes e confluem até formar o rio que corre e deságua na Praia de São Gonçalo. Embarcações de pequeno porte, como canoas, caícos e pequenas lanchas sobem o curso do rio até um pequeno porto, a alguns metros acima da BR 101.

É recurso hídrico fundamental para abastecimento da comunidade, além de espaço de lazer. No alto curso, há cachoeiras que são importantes atrativos turísticos que a comunidade opera.



*Bete e seu filho Frank. O pescado abastece o restaurante que mantém na Ilha do Pelado e garante a segurança alimentar da família.*

### **LAGOA DO PITIU – PRAIA DE SÃO GONÇALO**

“Na época da chuarada, a lagoa abre, e vira ponto de pesca e de observação de pássaros marinhos”





Ilha do Pelado

### **PONTA DO ARPOÁ**

É a ponta de terra que separa a Praia de São Gonçalo da Praia de São Gonçalinho. Arpoá, se refere a prática de pesca na qual o pescador, posicionado em uma pedra, arpoa o peixe com uma fisga.

Há uma narrativa sobre a presença de uma hospedaria e uma capela construída pelos colonizadores na Ponta do Arpoá que teria sido destruída em um confronto com indígenas que residiam na região na época pre-cabralina. Conta-se que colunas da capela onde havia uma imagem de São Gonçalo, ruíram, caíram na costeira, e ainda jazem na costeira da Ponta do Arpoá, no fundo do mar (Conferir trabalho historiográfico de Diuner Melo).

### **TOCA DO GENTIO - ILHA DO PELADO**

“Lá no Pelado Grande [Ilha], tem uma pedra lá. Ela é meio assim: embaixo tem tipo uma mesa de pedra. Levavam os escravos pra morrer lá. Eu com o Doutor Luís, faz muitos anos isso aí, era rapazinho, fui lá com ele, pegou dois sacos de ossos de escravos. Dedo, cabeça... Eles levavam os escravos e deixavam lá às minguas, pra morrer lá”





### MORRO E CACHOEIRA DAS GAMELAS

As Gamelas é um local dentro do território de São Gonçalo, no sertão. A região é área agrícola histórica, como foi descrito anteriormente. A cachoeira das Gamelas fica acima da cota dos 200 metros de altitude, ou seja, foi sobreposta pelo Parque Estadual da Serra da Bocaina. A cachoeira faz parte do circuito turístico de base comunitária de São Gonçalo.

### MORRO OU PICO DA BURRA – SERTÃO DE SÃO GONÇALO

Referência visual das mais importantes do território, o Morro da Burra se destaca na paisagem devido à sua altitude. É visível de toda a baía de Paraty. Marca a fronteira entre o Sertão de São Gonçalo e o Sertão de Tarituba. O pico da Burra hoje está dentro do Parque Nacional da Serra da Bocaina.



*Pico da Burra*



“Gamela que eu falo são aquelas gamelas que o povo antigo colocava peixe ali pra salgar o peixe pra no outro dia fazer pra comer. Era dali da onde tirava a madeira pra fazer as gamelas e a canoa. Morro das Gamelas”

Margarida Gomes Martins, 76 anos,  
São Gonçalo, 2021

*Curvas do Rio São Gonçalo*

### **CAMPO DE FUTEBOL (RUÍNA)**

As Gamelas é um local dentro do território de São Gonçalo, no sertão. A região é área agrícola histórica, como foi descrito anteriormente. A cachoeira das Gamelas fica acima da cota dos 200 metros de altitude, ou seja, foi sobreposta pelo Parque Estadual da Serra da Bocaina. A cachoeira faz parte do circuito turístico de base comunitária de São Gonçalo.

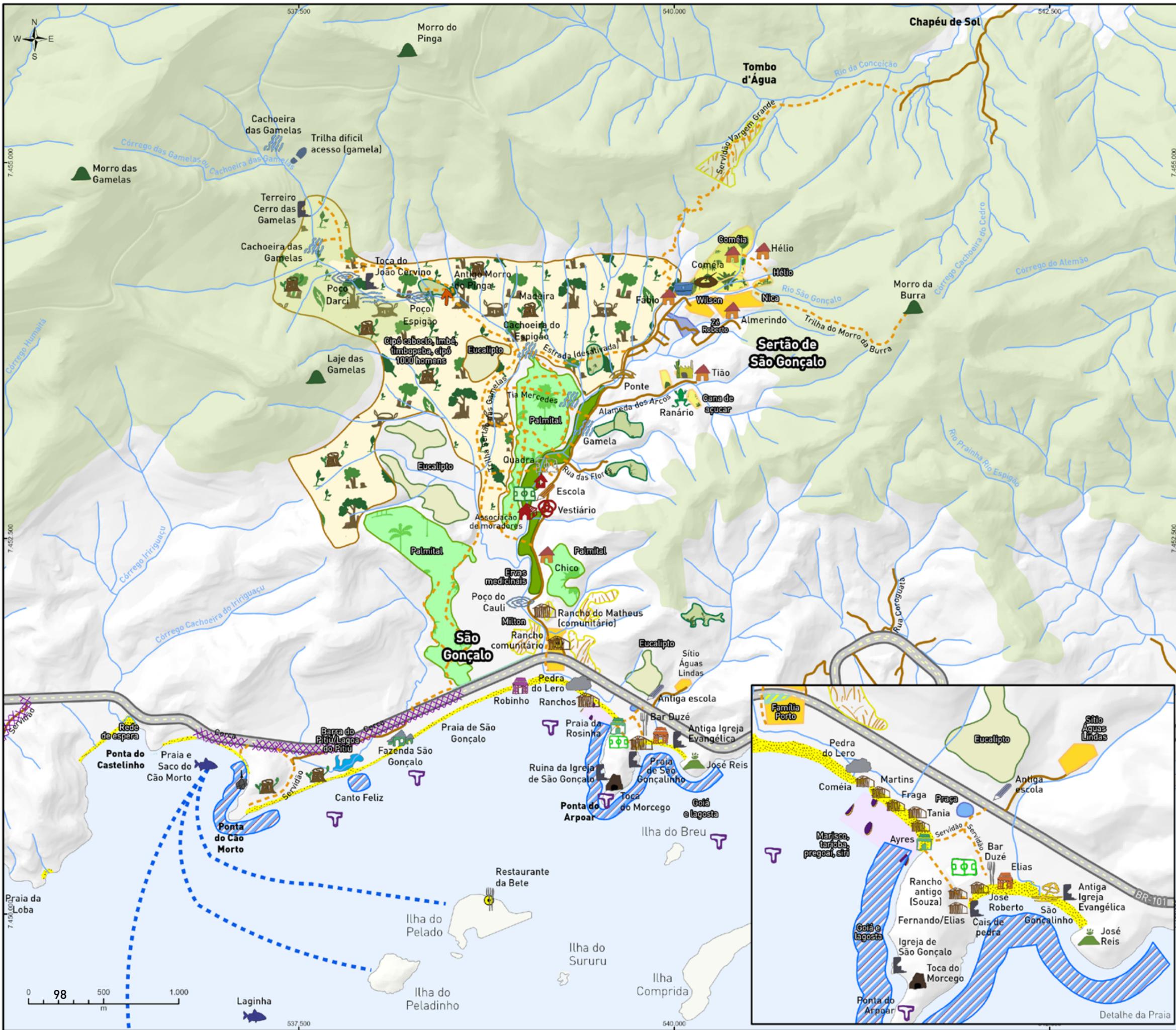
### **CALÇAMENTO DE PEDRA - SÃO GONÇALINHO**

Estruturas que remontam a ocupação no período colonial.

### **RUÍNAS DE VALAS DE PEDRA PARA ESCOAMENTO DE ÁGUA - SERTÃO DE SÃO GONÇALO**

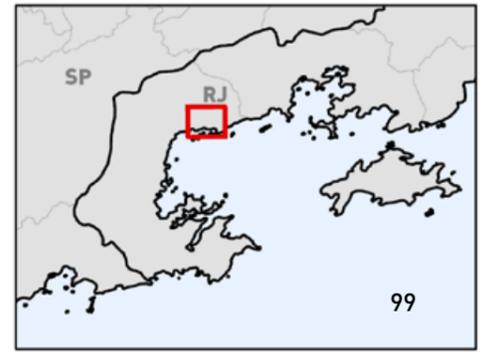
Estruturas coloniais que marcam a presença de trabalho escravizado em São Gonçalo. Estão em áreas mais remotas do sertão, debaixo da floresta.





# COMUNIDADE CAIÇARA DE SÃO GONÇALO

- Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica**
- Roça
  - Roça antiga
  - Área comunitária
  - Trilha antiga
  - Trilha
  - Rota de turismo
- Turismo e comércio local**
- Bar e restaurante
  - Quiosque caiçara
  - Quiosque
  - Mirante
  - Comércio de caiçara
  - TBC
- Infraestrutura e serviços públicos**
- Posto de saúde
  - Ponte
  - Escola
- Conflitos socioambientais e ocupação não caiçara**
- Sede de Fazenda
  - Eucaliptal
  - Ocupação não caiçara
  - Conflito de território
  - PARNA da Serra da Bocaina
- Outros elementos**
- Acesso
  - Rio, córrego
  - Rodovia
  - Outras Estradas; Ruas
- Legendas adicionais:**
- Toca
  - Casa de farinha
  - Ruína
  - Banho de rio
  - Poço
  - Quadra
  - Campo de futebol
  - Escola antiga
  - Cachoeira
  - Espaço de convivência
  - Morro
  - Alambique
  - Ranário
  - Sede da Associação
  - Pedra
  - Caixa de água
  - Pesca artesanal
  - Rancho de pesca
  - Poita
  - Casa de caiçara
  - Agrofloresta
  - Ervas medicinais
  - Estacionamento comunitário
  - Extrativismo
  - Lagoa
  - Marisco
  - Núcleo familiar caiçara
  - Palmital
  - Pasto
  - Pesca de mergulho
  - Pesca de rede
  - Praia



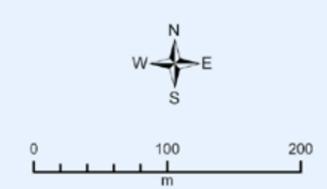
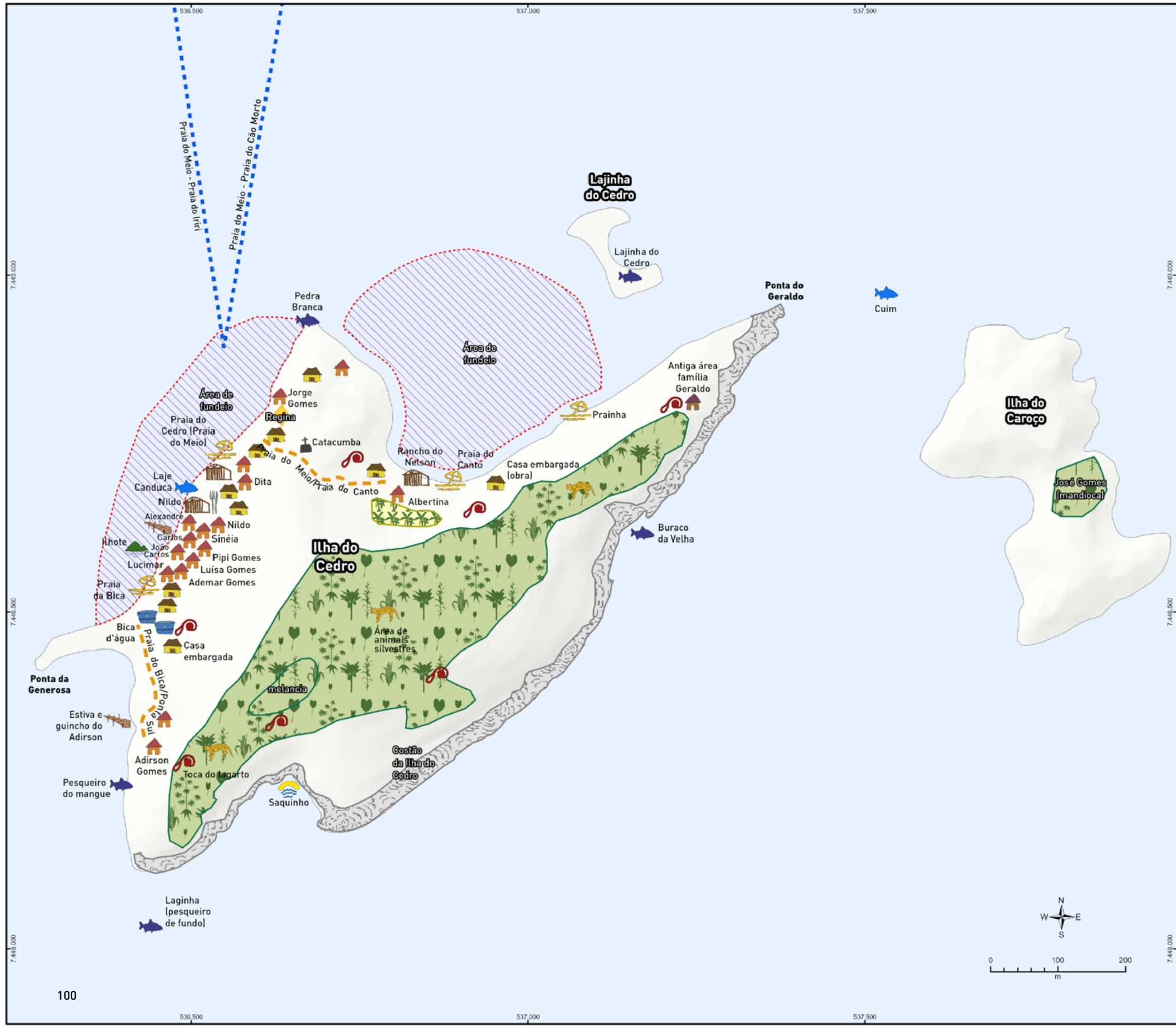
# COMUNIDADE CAIÇARA DA ILHA DO CEDRO

## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

-  Área de animais silvestres
-  Saco
-  Nascente
-  Caixa de água
-  Lajes e parcéis
-  Pesca artesanal
-  Rancho de pesca
-  Cais
-  Poita
-  Casa de caiçara
-  Casa de caiçara antiga
-  Bar e restaurante
-  Cemitério antigo
-  Praia
-  Ilhote
-  Trilha
-  Rota de acesso dos moradores e de turismo
-  Bananal
-  Costão
-  Núcleo familiar caiçara
-  Roça antiga
-  Área de fundoio

## Conflitos Socioambientais e ocupação não comunitária

-  Casa de veraneio



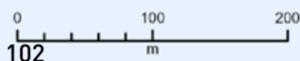
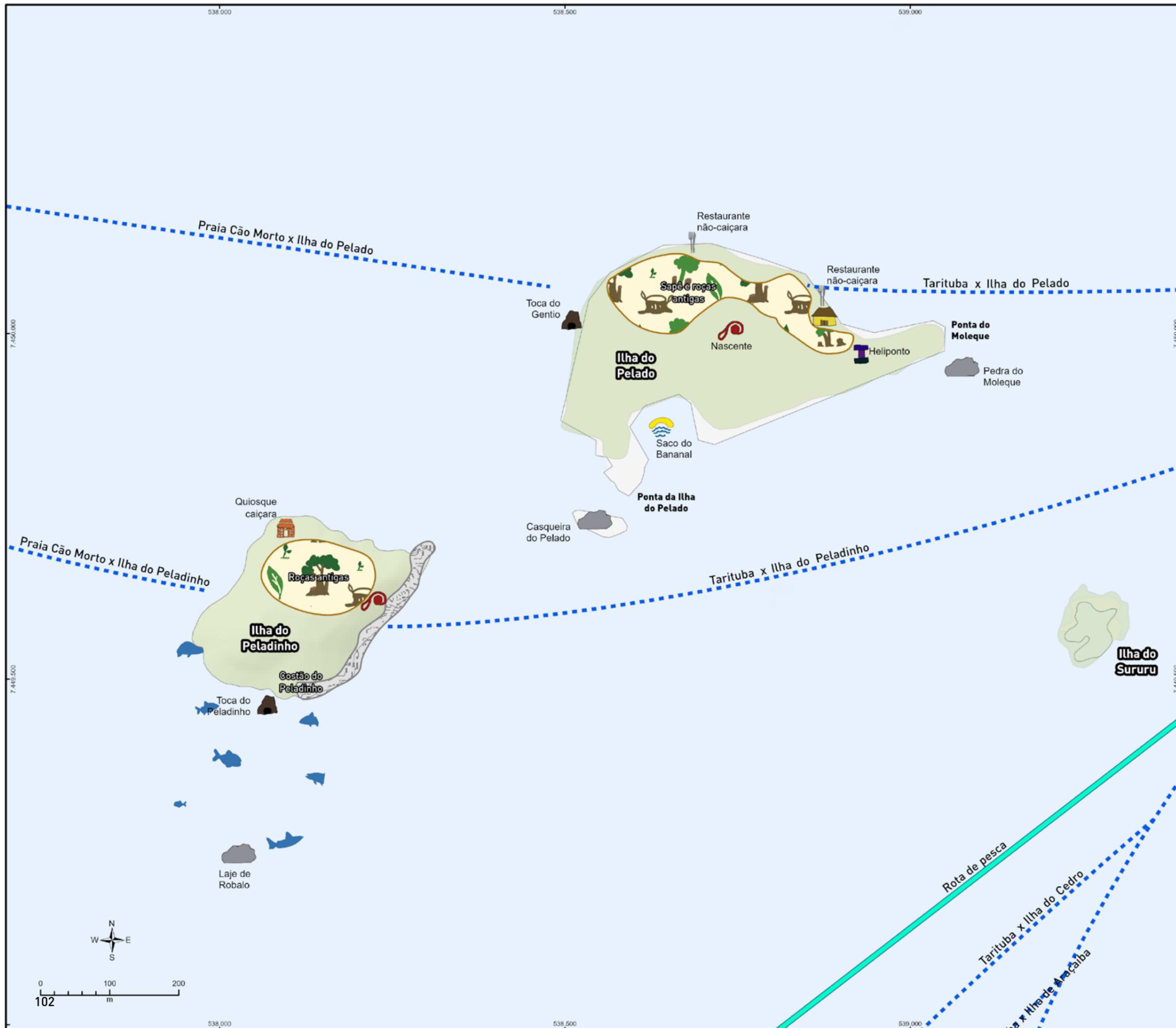
# COMUNIDADE CAIÇARA DA ILHA DO PELADO

## Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica

-  Nascente
-  Pedra
-  Toca
-  Saco
-  Quiosque caiçara
-  Bar e restaurante
-  Extrativismo
-  Costão
-  Pesca artesanal
-  Rota de pesca
-  Rota de turismo

## Conflitos Socioambientais e ocupação não comunitária

-  Casa de veraneio
-  Heliponto
-  APA do Cairuçu



102

103



# TARITUBA

## PRAIA DE MUITAS CONCHAS

Quando eu pego uma viola  
vou compor uma canção  
pra mandar como recado  
direto pro seu coração

Chora viola, chora  
Alivia a minha dor  
Do que madeira chora  
o que dirá este cantor?

Manda esta tristeza embora  
Traz de volta o meu amor  
De manhã quando eu levanto  
Vou lá pra beira do mar

Vejo os barcos ancorados  
O pescador que vai pescar  
Veio a linda gaivota  
começando a revoar

Bem pertinho na igreja  
ouço o sino a repicar  
É ali na Tarituba  
Começando a despertar

Ali pertinho de mim  
Ouço o barulho do mar  
E água ao bater na praia  
fazendo chuá-chuá

Chuá-chuá  
é o barulho do mar  
Chuá-chuá  
é o barulho do mar

É a minha Tarituba  
Acaba de despertar

Benedito Hilário de Bulhões

## LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA DA LOCALIDADE

O território tradicional caiçara de Tarituba está localizado no norte de Paraty, a 7 quilômetros da divisa com Angra dos Reis. Com sua baía de águas calmas, Tarituba é um refúgio de embarcações e foi um importante ponto de parada para quem viajava da capital do Rio de Janeiro para Paraty, seja por via terrestre ou marítima.

Tarituba, junto com a região central e Paraty-Mirim, é um dos três distritos de Paraty. Mesmo antes da construção da BR 101, como sede distrital, Tarituba contou com alguns investimentos públicos que geralmente não eram feitos fora das sedes dos municípios, como a construção da Casa do Telégrafo e o cartório, que já não existem mais. Há também as ruínas do chafariz (de 1951), um cemitério ativo e o correio.

A história de Tarituba é rica em detalhes e seus moradores mais antigos são, além de bons guardiões da memória do lugar, são bons narradores. Essa publicação traz uma parte das informações sobre a história e a cultura dessa comunidade.

As principais famílias formadoras da comunidade de Tarituba são Bulhões e Meira. Mas existem pessoas que carregam outros sobrenomes também, que foram chegando com o tempo, como Lara, Oliveira, Canuto, Reis, Nascimento, Saturnino, Teodoro, Carmo e Silva entre outras. A família Bulhões está em Tarituba desde pelo menos meados do século XIX, e contam deus descendentes que as terras de Tarituba pertenceram a um fazendeiro português com esse sobrenome.

Ao longo do século XX, os casamentos entre esses núcleos familiares foram criando uma única família conectada por laços de parentesco consanguíneos (pai, mãe, irmãos, filhos, netos, bisnetos, tios, primos) e afins (cunhados, genros, noras, sogros etc).

Para citar alguns exemplos que ilustram a conexão das famílias, Benedito Hilário de Bulhões, com 80 anos, foi um dos entrevistados e contou que, por parte de pai herdou o sobrenome Bulhões – Benedito Martiniano Miranda. Sua mãe era Maura Raimunda de Meira. Outro exemplo foi dado por Aldo Bulhões Lara, o “Pardinho” filho de Jodith Neusa de Bulhões e Osvaldo Elias Lara.

A reconstituição de parte da genealogia da família Bulhões, realizada a partir das entrevistas com membros da comunidade teve como objetivo identificar o ancestral mais antigo da família (e não incluir todo os parentes Bulhões). Com isso, foi possível identificar 7 gerações de parentes morando em Tarituba, começando pelo Pedro Candinho e Vó Jovem, um casal que viveu na localidade em meados do século XIX.

No relato de Pardinho, a história de casamento de seus pais se dá a partir de encontros durante uma viagem da Folia de Reis de Tarituba na Ilha da Gipóia. O avo de Pardinho, Benedito José de Bulhões nasceu nos primeiros anos do séc XX, e participava da folia. Nota-se que a relação da comunidade de Tarituba com as folias, cirandas e festejos é muito antiga.

“ Sou Aldo de Bulhões Lara, conhecido como Pardinho, nasci em Tarituba. Nasci dentro da escola, nasci lá, minha mãe morava lá. Minha mãe era daqui, meus avós eram os fundadores. Meu avô foi cantar Folia de Reis na Gipóia, e minha mãe conheceu o meu pai com 16 anos aí meu pai veio e casou com ela, que é Lara”

Aldo de Bulhões Lara, “Pardinho”, 63 anos, Tarituba



Pesca e igreja de Santa Cruz, esteios do modo de vida tradicional caiçara de Tarituba



Vista aérea da Praia de Tarituba e o corte da BR 101 ao fundo

A família Meira chegou em Tarituba há muito tempo, depois dos Bulhões.

**“** Teve família de Meira aqui, porque os Bulhões concederam terra para eles também, que eram de outro lugar, eles eram meio pirata. Até hoje a Cida fala isso. E aí eles apareceram de canoa, queriam morar aí e venderam para a família Meira, aí que ficou bastante Meira aqui. O velho tinha muitos filhos também, mais de dez filhos. Então, podia ter filho de uma Meira com Bulhões”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", 63 anos, Tarituba

Quando fala do passado, a comunidade lembra de algumas atividades que faziam parte do modo de vida das famílias. Muita gente morava onde hoje chamam de Vila de São Vicente, do outro lado da BR 101, e o caminho até a praia, era estreito, por trilha.

Além da pesca, da caça e da roça, mencionaram também o modo de fazer canoa, modo de fazer casa, a salga do cação tintureira para exportação, e comentaram de uma antiga técnica pesqueira que a comunidade realizava: o arrastão de praia. Chamou a atenção a comunidade falar do "juntório", uma modalidade de trabalho coletivo, tipo um mutirão, que reúne o pessoal para cumprir uma tarefa. Geralmente os juntórios eram feitos pra puxar canoa, construção de casa, roça ou numa pescaria coletiva.

Os mais velhos contam que nas décadas de 1950, 60 e 70 muitas pessoas viviam da venda de banana (mais detalhes desse ciclo econômico que antecedeu o turismo em Paraty encontra-se no capítulo de São Gonçalo/Ilha do Cedro). É o caso de Benedito Martiniano de Bulhões, nascido na década de 1890, e falecido em 1960 com 69 anos, pai de Benedito Hilário Bulhões, conforme seu relato abaixo:

**“** Meu pai foi muito judiado pela vida que trazia. O sistema de vida aqui era muito difícil, trabalhava demais. As pessoas aqui viviam de vender banana para os barcos. Eu e minha irmã mais velha, ela ia com vestidinho nestas matas aí dentro, nos bananais. A banana estava cortada e nós puxávamos tudo nas costas. Imaginem quantas viagens nós dávamos pra puxar duas, três dúzias de banana daí pra botar lá na praia pra vender para os barcos, pra gente se manter. E o meu pai pescando, pescava até de noite. Então ele ficou muito abatido, muito velhinho, muito sofrido, para criar os filhos. Hoje eu me julgo um cara rico, eu não faço nada!”

Benedito Hilário de Bulhões, 79 anos,  
Tarituba, 2021

Assim como outras comunidades tradicionais do Norte de Paraty, Tarituba também mudou muito com a abertura da BR 101. Durante os diálogos com a equipe do Povos, a comunidade considerou que a BR 101 representa, por um lado, uma ameaça pois abriu caminho para a especulação imobiliária, promovendo a perda do território e das áreas agrícolas e trouxe o turismo predatório. E por outro lado, tem também aspectos positivos, porque a estrada abre acesso ao turismo, uma importante atividade hoje em Tarituba.

Em 1985 a Usina Nuclear de Angra entra em funcionamento, mesmo ano que Tarituba foi incluída no Tombamento do Litoral Fluminense pela Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, visando proteger as praias e os territórios pesqueiros das comunidades. Em 1990 é criada a ESEC Tamoios.

Desde que a ESEC Tamoios começou a fazer fiscalização nas áreas para coibir a pesca, a comunidade de Tarituba vem se relacionando com essa nova realidade imposta pela unidade de conservação e buscando soluções baseadas em seu direito territorial como comunidade caiçara para liberação das práticas tradicionais.

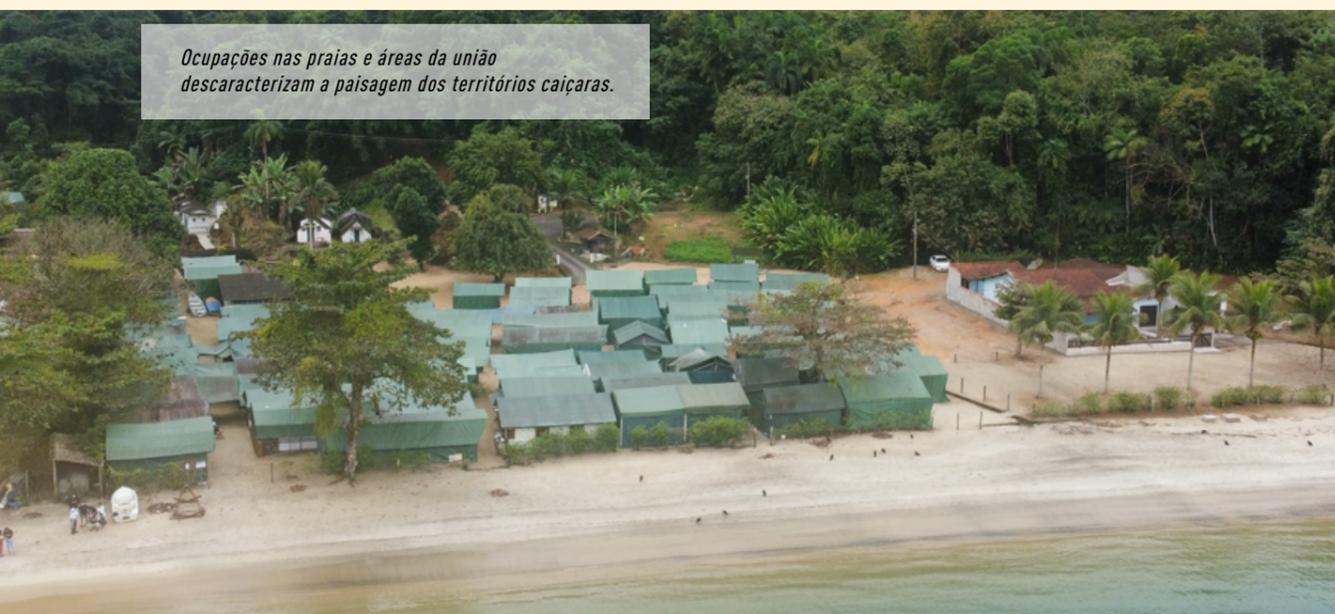
A comunidade mencionou também a preocupação com a exploração do Prê-sal e com os planos de desenvolvimento turístico conhecidos como “Cancún Brasileira” na região de Angra dos Reis.

Tarituba é uma potência cultural, como se verá nas páginas a seguir. Muito do trabalho de manutenção das tradições caiçaras passa pela importância da fé católica. por meio dela, a união e solidariedade comunitária é criada e atualizada.

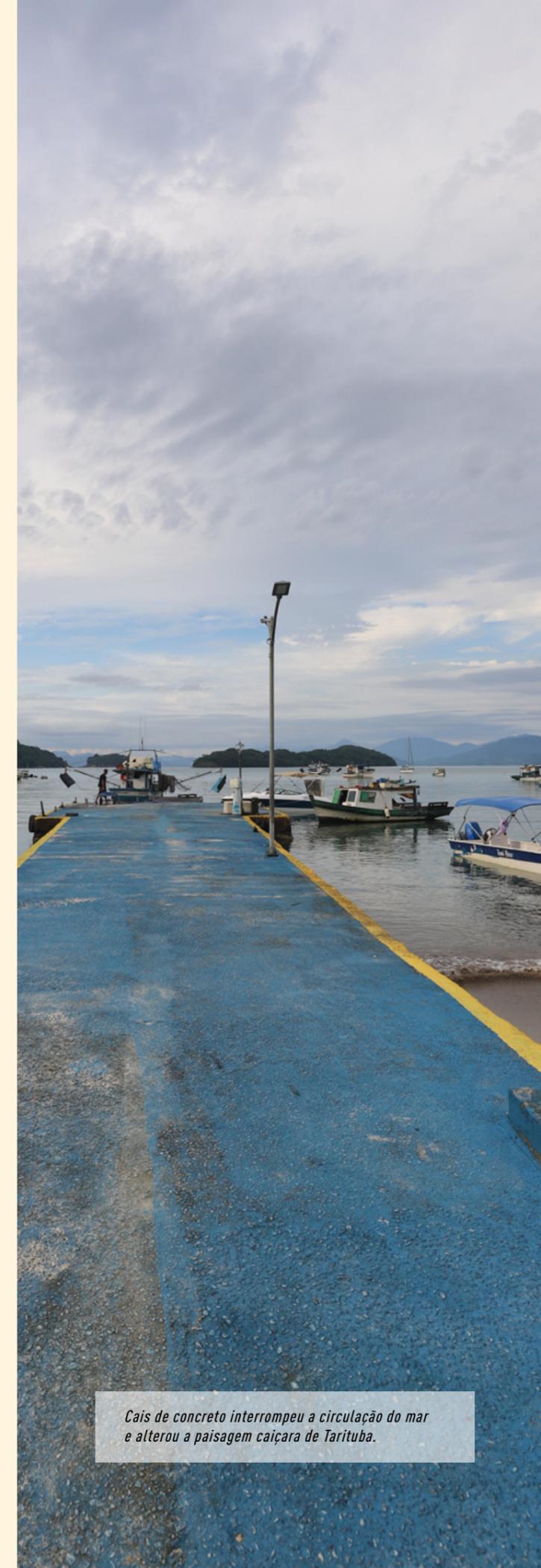
Dentro da comunidade, algumas intervenções públicas e privadas também são alvo de questionamento, como por exemplo o píer de concreto que em 2006 foi construído no lugar do píer de madeira, contrariando boa parte da comunidade, impactando o meio ambiente e afetando a paisagem original da praia. E também algumas posses na orla de Tarituba que destoam da paisagem caiçara do lugar, com a presença de alambrados (cercado feito pela empresa Luxor) e dezenas de tendas fixas de camping que parecem uma vila dentro da vila de Tarituba.

Algumas visitas ilustres e a presença de equipes de cinema e novelas em Tarituba fazem parte da memória coletiva da comunidade. O filme “Rei dos Milagres”, rodado em 1973, a novela “Mulheres de Areia” e filmagem do clip de Mick Jagger são alguns exemplos.

A Ciranda de Tarituba já se apresentou no Rio de Janeiro, Brasília e outras capitais em eventos de grande visibilidade, ocasiões que também marcam a história do grupo. E em 2022 a Ciranda Caiçara deu mais um passo, iniciando um processo de salvaguarda do patrimônio imaterial por meio do Projeto Escola do Patrimônio Imaterial do Rio.



Ocupações nas praias e áreas da união descaracterizam a paisagem dos territórios caiçaras.



Cais de concreto interrompeu a circulação do mar e alterou a paisagem caiçara de Tarituba.

# TRABALHO E RENDA

A pesca e o turismo são as principais atividades de geração de renda em Tarituba, mas há também assalariados que trabalham fora da comunidade, como Mambucaba, na Usina Nuclear e outras localidades próximas. Há também pequenos comércios em Tarituba, como mercadinhos, uma padaria e espaços de venda de roupas e artesanato.

Vale ressaltar que o trabalho realizado pelo grupo cultural de Tarituba que envolve a Ciranda Caiçara, além de uma série de outras expressões de música, dança e celebrações, além de contribuir para o turismo em Tarituba, consegue incentivo financeiro por meio de projetos aprovados em editais de fomento à cultura e educação, e dessa forma garante cachê para as apresentações e oficinas realizadas pelos mestres, mestras, tocadores e brincantes, além de contribuírem para a manutenção de instrumentos, figurinos e a sede da associação folclórica.

## PESCA AGRICULTURA E EXTRATIVISMO PESCA

“A pescaria que eu mais gosto é a de cerco. Eu pesquei com meu pai muitos anos quando eu tinha uns 8, 10 anos. E pescava com o Ismael também. O cerco era lá na Prainha, em frente a Ilha Araraquara. Pescava, puxava a canoa lá e a gente vinha a pé quando tinha vento. Eu tô voltando a reviver uma coisa gostosa porque ele me chamou pra ser parceiro, tá me dando felicidade pescar de novo com meu compadre Carlinhos. E a gente era criança e ia daqui lá cantando essa musica do Roberto Carlos, ele ia numa popa de canoa e eu ia na outra popa. Eu tô numa felicidade porque é 40 anos pescando com as mesmas pessoas, cara!”

Aldo de Bulhões Lara, “Pardinho”, 63 anos Tarituba, 2021

“Quando tem pescaria boa, o pescador fica alegre”

Diversas práticas pesqueiras são realizadas pelos pescadores de Tarituba. Há pesca de linha, de rede de espera, pesca de cerco e de cerco fixo flutuante, bate-bate, mergulho, covo, pesca de arrasto de camarão, e há pescadores embarcados que passam dias no mar. A coleta de guaiá, que costumam chamar de “assoiar guaiá” também foi mencionada, e esse tipo de trabalho era muito realizado por mulheres no dias de maré baixa.

Existe uma peixaria em Tarituba que compra parte do pescado obtido por pescadores de Tarituba, Mambucaba, Ilha de Araujo e eventualmente de pescadores de outras localidades que precisem escoar sua produção. Os restaurantes e quiosques de Tarituba também compram parte do pescado.

As áreas de pesca da comunidade de Tarituba se estendem ao longo da costa em sentido sul e norte, além das lages, parcéis e dezenas de ilhas que salpicam a baía da Ilha Grande nessa região.

A pesca em Tarituba é ofício ensinado de pai para filho, e as mulheres além de mariscar, tem papel importante na limpeza e preparo do pescado para alimentação da família.

“Eu pescava desde criança. Pescava com rede de mergulho, meu pai era pescador de linha e o meu filho é um mergulhador do caramba”

Benedito Hilário de Bulhões, 79 anos, Tarituba, 2021

“Ela passava: “criança, vamos na costeira?”, ela pegava a gente e ia pra costeira.

Para mariscar você precisa usar um trocinho (uma isca) para chamar o guaiá. Ela não, ela ia, assobiava. A gente pegava uma blusa, saía lá em São Gonçalo com ela, caminhando.

É um canto que o pessoal caiçara faz mesmo: “guaiá, guaiá, guaiá” assobiava e cantava as musiquinhas e falava que estava chamando o guaiá, e a gente acreditava porque ela sempre vinha com um montão. Ela virava as pernas pra dentro, que eu nunca vi tão forte, pegava o bicho sem medo, colocava na sacola, saía lá em São Gonçalo e vínhamos caminhando com ela na estrada. Chegava aqui, cozinhava, fazia.

Maria Antonia de Bulhões Reis Rezende, 51 anos, Tarituba, 2021 contando como sua avó Augusta mariscava guaiá na costeira.

Embarcação da equipe do Povos durante sobrevoo de drone para captar imagens do território caiçara de tarituba



Barana, Sororoca, Olhudo e cavala, saldo da pescaria no cerco de tarituba na Ilha Araraquara

## PESCA DE CERCO FIXO FLUTUANTE

O cerco fixo flutuante é uma modalidade da pesca artesanal que os caiçaras de Tarituba realizam há décadas. O episódio da queima de um dos cercos de Tarituba pelo órgão ambiental marcou a comunidade. Então, falar em pesca de cerco em Tarituba evoca sempre essa lembrança.

Depois de alguns anos parado, a comunidade de Tarituba se organizou, fez um diálogo com o ICMBio e assinou um acordo – o Termo de Ajuste de Conduta (TAC) – que autoriza a colocação do cerco dentro dos limites da ESEC Tamoios, além de outras técnicas pesqueira desde que os pescadores tenham assinado o Termo e acessem as áreas a remo.

O novo cerco de Tarituba representa resistência caiçara. Pois além do investimento financeiro, geralmente um cerco não sai por menos de 20 mil reais, o cerco é uma modalidade de pesca coletiva, que reforça os laços entre as famílias da comunidade. Quem teve a iniciativa de comprar o cerco e chamar os companheiros para trabalhar junto foi Ismael. Pardinho conta como foi esse processo de retomada da pesca do cerco e da escolha do local para sua fixação.

Os pescadores escolheram um antigo ponto para fixar o cerco na ilha do Araraquara. Os pontos de fixação não são aleatórios. Os pescadores levam em conta uma série de variáveis, tanto do ambiente marinho como do comportamento dos peixes, para definir esses pontos.

“ Ali é um ponto de cerco tradicional, antigo. A família sempre teve cerco lá, cultivaram e lá é uma ilha que existia cerco há muito tempo, antes da ESEC chegar, antes da usina nuclear chegar. O cerco é um tipo de pescaria que não agride porque a gente tira só o que vai comer, só o que é grande. Os pequenos a gente solta vivo. O peixe entra, ele segue a pedra - peixe de corrida que a gente chama - segue a costeira. E aí bota uma rede, chama caminho, que vem da costeira até aqui. Aqui tem as duas bocas. Tem cerco de uma boca e tem cerco de duas. O peixe vem beirando na costeira e acha a rede,

ele continua, vai indo e entra na boca, aí lá ele fica rodando ali. Por isso que visita três vezes, de manhã, meio dia e de tarde.

A primeira canoa da boca, que é a boca menor, vai lá puxa a boca e aí fechou com o peixe já lá dentro. A gente chega com a canoa da panagem e vai tirando, vai puxando e aí vai chegando. Quando chega perto de onde estão com a boca já puxada aí vai tudo junto as duas canoas pra finalizar no sacador, que é a parte mais grossa aonde o peixe não fura”

Aldo de Bulhões Lara, “Pardinho”, 63 anos, Tarituba, 2021



Visita ao cerco de Tarituba na Ilha Araraquara, antigo ponto de pesca sobreposto pela ESEC Tamoios.

“ A pesca do cerco a gente arma uma rede, às vezes fica ali até um mês, depende da pescaria. A gente arma a rede e vai lá duas vezes por dia. Você levanta, tira o peixe bom, solta o peixe pequeno e vem embora. Chega meio dia, levanta a rede de novo e faz a mesma situação. Tira o peixe bom, solta os miudinho. Vai de manhã e de tardinha”

Joaquim Meira, "Biduca", 72 anos, Tarituba, 2021

Os pescadores não podem acessar as áreas pesqueiras dentro da ESEC Tamoios. Saem em barcos motorizados rebocando as canoas, até os limites da ESEC, onde fundeiam, e trocam de embarcação para remar até o cerco.

“ Antigamente aqui quando eu pescava com meu pai, meus tios, a gente não tinha motor, era no remo. O cerco a gente colocava aqui nessa ilha (Ilha comprida), mais próxima. No máximo a gente levava 40 min remando. Era duas três vezes por dia pra ir no remo. Hoje a gente tem a facilidade de ter o barco motorizado, mas já ficou difícil porque aqui onde a gente pescava, essa ESEC que entrou aí, proibiu muitas ilhas. Então nós estamos pescando na Ilha Araraquara, e foi uma luta pra conseguir botar a rede lá, com autorização deles. Fica difícil pra gente trabalhar assim”

Odil Meira Bulhões, Tarituba, 2021

A equipe do Povos acompanhou uma atividade no cerco para entender como os pescadores estão mantendo a tradição da pesca de cerco mesmo com as restrições impostas pelos acordos com o órgão ambiental.

São 7 pescadores que trabalham nesse cerco de Tarituba, mas nem todos precisam ir em todas as visitas, e podem revezar. Isso é importante, no caso do cerco na Ilha Araraquara, porque cada visita demora mais de duas horas, e são de duas a três visitas por dia.

“ Trabalha o primo Odil, Ismael, Alexandre, Pardiniho, Pedro, João e o Carlinhos. Por enquanto nós estamos em sete companheiros. Mas sempre sai dois pra um lado, nunca tá todo mundo junto. Mas devido a tirar a rede, precisa de bastante gente pra soltar as cordas, deixar o círculo lá pronto, pra arrumar a rede”

Joaquim Meira, "Biduca", 72 anos, Tarituba, 2021

Biduca explica como fazem a visita ao cerco para verificar se entraram ou não os peixes no cerco.

“ Quando vai colhendo a rede, os peixinhos pequenininhos começa a pular, aí já sabe que vai ter coisa boa ali. Quando chega no sacador, na rede mais grossa pra você tombar a rede ou puxar pra canoa, aí você vê os peixes correndo ali, você fica alegre! Cavala principalmente, né! Robalo às vezes tem ali. E robalo tem que ficar esperto porque ele fura a rede. Tem que colher rapidinho, secar a rede, deixar o mínimo de água pra ele não furar”

Joaquim Meira, "Biduca", 72 anos, Tarituba, 2021

O cerco demanda que os pescadores façam a manutenção mais ou menos de 15 em 15 dias. Nesse momento a rede é retirada do mar, estendida para secar e lavar o lodo que começa a se formar, e costurada nos locais onde tem buraco. É uma pesca que dá trabalho, mas pode ser considerada uma das mais sustentáveis pois o pescado capturado no sacador permanece vivo, e os peixes pequenos poder ser devolvidos ao mar.



“ Cada duas semanas tem que tirar a rede pra concertar, porque tem peixe que rasga a rede. Aí você concerta a rede, fecha os buracos, lava porque dá muito lodo, põe as cortiças, troca algum pano que as vezes fica fraco. Tem que fazer esse trabalho de manutenção da rede”

Joaquim Meira, 72 anos, Tarituba, 2021

## ACORDO DE PESCA

“ O TAC é o Termo de Compromisso com a ESEC Tamoios. Desde 2012 nós tamo lutando. Eu e o Nilton nós fomos lá representando a Associação de Moradores. E aí tava nessa luta para criar esse Termo de Compromisso que o foi primeiro do Brasil, o nosso. A ESEC foi criada sem consulta pública, eles escolheram as ilhas que estariam dentro da ESEC”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", 63 anos, Tarituba

A elaboração do TAC formalizou um acordo que, independente do gestor da ESEC, tem que ser respeitado. A queima de um cerco fixo flutuante foi uma das motivações da formalização do Termo de Compromisso.

“ Expliquei tudo isso, a primeira pessoa [gestora da ESEC] aceitou tudo o que eu falei. Já o segundo, quando ela saiu, (porque muda de diretor, né?), veio de Santa Catarina. Foi aí que aconteceu a queima do cerco, porque não sei se ela passou as coisas pra ele, e como era uma coisa de boca e não documentada...

E aí numa das fiscalizações que veio de fora, de Angra dos Reis, eles tacaram fogo no cerco que estava enxugando para poder arrumar. Nessa situação eu queria saber o porquê de fazer isso, e ele falou que foi a mando da ESEC, mas já era outro diretor. Eu conversei muito com ele, falei

que a família estava passando dificuldade, que dependia do cerco, era caseiro da ilha, mas o dono da ilha também não estava pagando, tava atrasado e ele dependia do cerco. Depois quando eu ia na reunião do conselho, eu sempre falava: 'olha o homem tá ficando doente', porque ele vivia daquela coisa e ele ficou doente realmente e adquiriu um câncer e morreu. Eu acho que também por um pouco de tristeza disso tudo”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", 63 anos, Tarituba

A luta pelo reconhecimento de seus direitos pesqueiros nas áreas da ESEC foi um aprendizado para a comunidade de Tarituba que por anos conduziu um processo de diálogo com o Estado. Nessas ocasiões, a tentativa foi de considerar os saberes tradicionais na elaboração da proposta de acordo.

“ O biólogo aprende muito com a gente. Tanto é que eles disseram assim: vocês que vão falar qual é o tipo de pesca que não depreda. E aí a gente botou bastante coisa, vai que passa. Foi pra Brasília a primeira vez, não passou. Aí diminuímos, fomos peneirando. Mandamos pra Brasília de novo, voltou, não passou. Só passou na terceira, que ficou só pesca de anzol, espinhel, cerco flutuante. Temos condição de botar outro cerco porque quando eu botei o cerco foi o nosso que queimou. E aí agora botaram o do Ismael, mas dá pra botar os dois. E também uma rede de malha, malha 50, que é rede de tainha, rede de camarão, que é malha 30. E covó também”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", 63 anos, Tarituba

No Termo de Compromisso, as áreas pesqueira autorizadas para os pescadores de Tarituba dentro da ESEC só podem ser acessadas a remo, e nunca em embarcações motorizadas.

“ E por que que nós botamos canoa? Porque é o seguinte: a gente tinha que chegar, a gente tava vendo que estava vindo muita gente pro nosso lado, invasão e gente só comprando bote. Aí nós botamos canoa pra diferenciar, porque se a gente colocasse bote, esse pessoal ia tá tudo lá pescando com a gente. A canoa é diferente, ela é artesanal, é do caiçara”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", 63 anos, Tarituba

A exigência de canoas garante que apenas pescadores artesanais caiçaras possam usufruir dessa área de pesca, mas ao mesmo tempo cria uma dificuldade para as pessoas que não podem remar longas distancias. Além disso, o medo de multas e apreensões persiste por conta de ocorrências anteriores. Segundo relatos, a forma como a fiscalização é feita na área muda conforme muda o gestor da unidade, isso cria insegurança para os pescadores.



“ O problema todo é a Estação Ecológica de Tamoios que criaram aí, e não respeitaram as pessoas que já existia de muitas décadas. Passaram por cima e botaram as leis e a gente ficou sobre o domínio deles. A gente sai pra pescar com medo, porque volta de lá às vezes com multa, com um processo pra responder. Eles tinham que saber pelo menos quem eram os nativos do lugar e dar uma contrapartida pra gente, pra não cair nesse problema de levar multa e processo. Tem que respeitar o regulamento que eles criaram e a gente não tá satisfeito com isso. A gente tem que pescar, porque a gente sobrevive disso aí, depende de pegar o peixe pra sobreviver.

Eu mesmo fui pego em 2011 e até o ano passado eu recebi notificação que tem que ir lá pra apresentar recurso. O recurso que eu tinha que fazer eu já fiz! Fui pego botando um covão, eu pescador botando um covinho numa canoa. Numa ilha que tava uma mansão lá que não parou, a mansão tá direto construindo e fazendo cais tá lá tranquila. Até a canoa levaram preso. Depois de muito tempo que eu consegui pegar a canoa, toda estourada. Fica difícil pra gente trabalhar assim”

Ismael Bulhões, 75 anos, Tarituba, 2021

Então, os acordos de pesca embora representem um avanço no diálogo entre os órgãos ambientais e as comunidades para criar soluções para as proibições, por outro, impõem restrições que não fazem sentido para antigos pescadores que sempre tiveram a liberdade de pescar nesses locais.



A questão divide a comunidade entre os que são contra e só veem o lado ruim da Unidade de Conservação, e aqueles que ponderam e buscam o diálogo acreditando que, se por um lado a ESEC atrapalha, ela é um “mal necessário” na medida que ajuda a manter a reprodução dos peixes e a sustentabilidade do estoque pesqueiro na região.

## AMEAÇAS À PESCA

Entre as principais ameaças à pesca em Tarituba, uma das mais mencionadas foi a restrição causada pela ESEC Tamoios. Mas outras questões também foram levantadas.

A comercialização do pescado foi apontada como um gargalo, mas segundo relatos, hoje esse é um problema menor. E o excesso de motores de embarcações,

“ incluindo lanchas de turismo e jetski também impactam negativamente a pesca.

Antigamente era mais difícil para comercializar o pescado. Hoje é fácil comercializar, mas tá difícil adquirir certa quantidade de peixe. Cada vez mais escasso.

Os motores afugentam sim um pouco. Hoje não é só os motores de pescador. Tem o turismo, muito jet-ski. Aqui na nossa baía não compensa mais, tem que ir mais longe. E ir mais longe no remo, não dá”

Odil Meira Bulhões, Tarituba, 2021

A presença dos navios dentro da baía da Ilha Grande são vetores de impacto na pesca, segundo os pescadores de Tarituba.

“ O navio joga a ancora aqui onde é o pesqueiro deles, e aí faz buraco. Quando faz buraco a rede não passa. O navio ele traz muita coisa no lastro dele. Um tempo atras o pessoal da lula me disse, porque a lula vem no rastro do navio e o pessoal foi atrás da lula, o navio saiu e arrastou o barco. Me disseram que o navio, você tem que estar uns 500 metros fora dele.

Navio passando pra lá e pra cá, espanta os peixes, ele cala muito, vai muito no fundo do mar”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", 63 anos, Tarituba

## TURISMO

Quiosques, restaurantes, casas para alugar e pousadas são as principais estruturas de recepção turística em Tarituba. Entre os atrativos, além da própria praia de Tarituba e das pequenas praias vizinhas, passeios de barco são procurados.

As festas da comunidade também atraem bastante público e a Ciranda de Tarituba, muito conhecida em Paraty, no Estado do Rio e nos movimentos culturais caiçaras de todo o Brasil é um diferencial que potencializa o turismo na comunidade.

## FESTAS, FOLIAS, DANÇAS E HISTÓRIAS

“ Porque a coisa mais linda para mim, é você acordar com uma folia de Reis na sua porta.

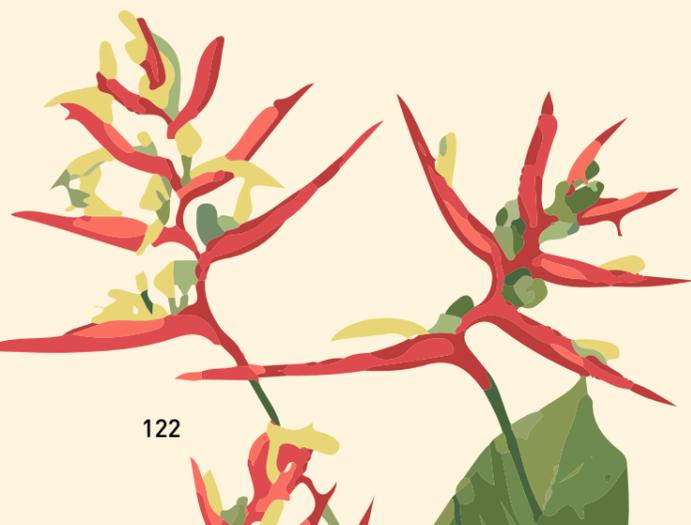
Não tem coisa tão bonita assim. A folia de Reis não é qualquer folia. Tem que tocar bem, são três vezes que entram em sintonia: o mestre, o contramestre e o triplo. O triplo é a pessoa que grita depois. Essas três vezes, quando entram em sintonia você parece que tá, assim, voando, sabe? É muito lindo. O triplo da folia de Reis, ele sobe, por isso que é muito difícil achar triplo para folia de Reis. Só tinha duas aqui que era Neuza e a Silma, minha irmã”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", 63 anos, Tarituba

A comunidade de Tarituba mantém vivas tradições culturais caiçaras que envolvem festas religiosas e não religiosas, além de um rico repertório de músicas e danças. O grupo de Ciranda de Tarituba mantém vivas as tradições culturais caiçaras e os mais velhos ensinam para as novas gerações os passos das danças, os versos e o modo de tocar os instrumentos. O calendário de celebrações de Tarituba está ligado à essas manifestações e conta com o importante trabalho da comunidade católica de Tarituba que além de zelar pelo espaço da igreja, cuida dos ritos litúrgicos.



Pesca e igreja de Santa Cruz, esteios do modo de vida tradicional caiçara de Tarituba



# CELEBRAÇÕES

Tarituba promove várias celebrações ao longo do ano na comunidade. O calendário de celebrações de Tarituba é o seguinte:

- Folia de Reis – de 8 de dezembro a 20 de janeiro
- Baile de Aleluia – Sábado de Aleluia
- Festa do Divino (Folia) – maio ou junho, conforme data da Páscoa
- Festa de Santa Cruz – 03 de maio, mas a novena começa no final de abril
- Festas Juninas: São Antônio, São João e São Pedro – junho
- Natal (Pastorinhas) – 24 de dezembro
- Carnaval

Essas celebrações envolvem muitas manifestações de música e dança que a própria comunidade desenvolve (ver a seguir). Além do calendário da comunidade, o pessoal de Tarituba participa de inúmeras celebrações, bailes e eventos em outras localidades de Paraty.

## FESTA DE SANTA CRUZ

A principal Celebração é Santa Cruz, padroeira de Tarituba, homenageada todo dia 03 de maio. A Festa de Santa Cruz acontece do final de abril até 03 de maio, e é marcada por 5 momentos principais: o levantamento do mastro em frente à igreja, no domingo de páscoa, novena com procissão, baile, almoço e missa.

Nove dias antes da missa acontece a novena, momento litúrgico que ocorre na casa dos moradores. No período da novena a comunidade organiza uma procissão, acompanhada por bandeiras e passam por uma ou duas casas por noite, junto com o grupo de Folia. As bandeiras circulam pela comunidade durante o dia e dormem na casa das pessoas. No dia seguinte volta pra igreja, de onde parte para a próxima casa. A missa ocorre na igreja no primeiro domingo após a realização da novena. Para levantar recursos para a Festa, a comunidade realiza bingos e fazem ofertório durante a novena na igreja.

A origem da festa e da igreja de Santa Cruz está associada à morte de uma mulher negra escravizada que fora enterrada bem no local onde mais tarde foi edificada a igreja. Alguns contam que as pessoas rezavam no local onde estava a cruz dessa mulher e começaram a ser atendidas em milagre. Mas nem todos em Tarituba conhecem essa versão da história.

“ De Santa Cruz, é a história da Tia Eva. Era uma escrava que antes da igreja ela morava lá em cima no morro, e ela descia pra pegar peixe, meu avô contava. Aí teve um certo dia ela não desceu, e acharam estranho, que ela descia junto com um cachorrinho. Acharam estranho, ela não desceu no primeiro dia, não desceu no segundo dia e no terceiro dia o cachorro desceu sozinho. Aí começou a latir, e os pescadores foram até a casa dela. Chegou lá e ela estava morta. Como era uma negra muito querida aqui, eles fizeram o túmulo dela lá onde hoje é a igreja, porque não era igreja. Enterraram ela ali e fincaram uma cruz, e ali começou a ir todo mundo ali fazer as orações e pedir. Daí fizeram uma capelinha pequenininha: “o nome da igreja vai

ser Santa Cruz”. E ficou Igreja de Santa Cruz. Todo ano tem a festa, é a festa da padroeira do lugar. É tradição.

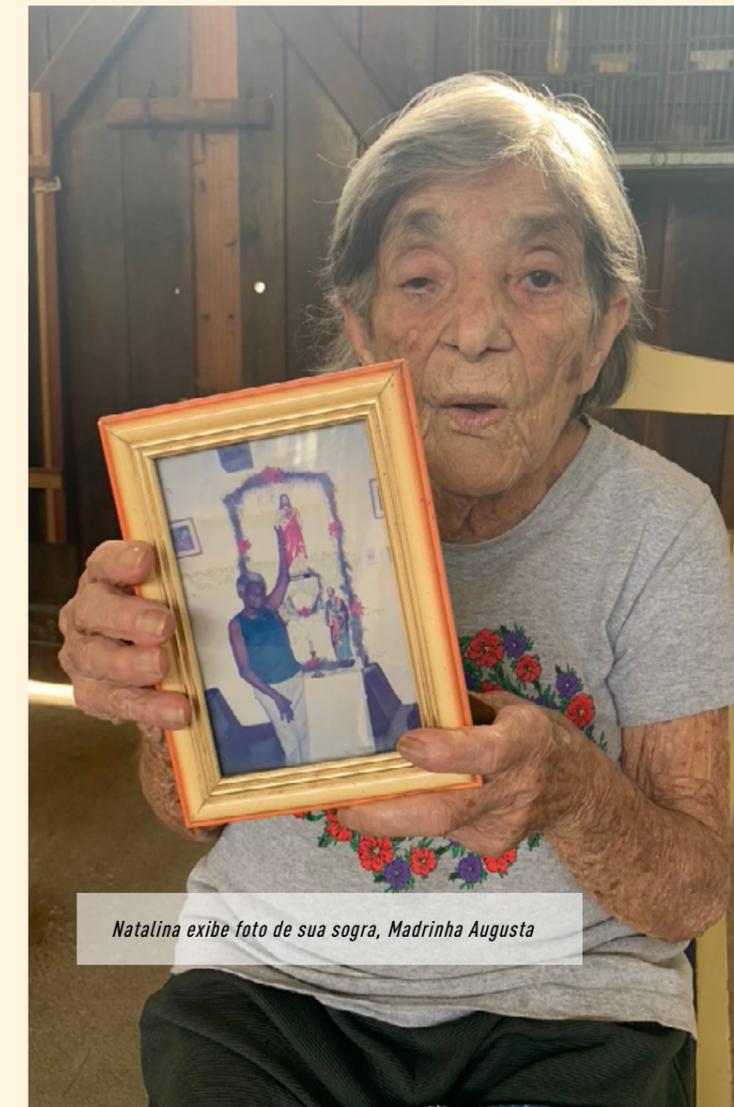
Tem gente que veste o filho de anjo até sete anos de idade na festa, que faz bandeira, carrega bandeira, que recebe a bandeira em casa. Interessante que isso não é só da comunidade, porque pessoas que frequentam Tarituba há muito tempo vem na festa. Às vezes a pessoa fala assim: “faz uma promessa pra mim que eu venho pagar na Festa de Santa Cruz”. E vem pagar, não é tio?”

Roberta Ferreira de Bulhões, 42 anos, Tarituba, 2021

A primeira capela de Santa Cruz foi construída pelos primeiros moradores de Tarituba, Bulhões e Meira, de taipa com cobertura de palha.



Santa Cruz, padroeira de Tarituba



Natalina exibe foto de sua sogra, Madrinha Augusta

## FESTA JUNINA

A comunidade organiza 3 festas juninas. A primeira é em devoção a Santo Antônio. Antigamente acontecia no pátio da escola, depois passou a ocorrer na frente do mercadinho, perto da entrada de Tarituba. Essa festa é organizada pela Luciana. Tem comes e bebes, fogueira. A festa de São João recentemente passou a ocorrer na frente do bar da Paulinha, na entrada de Tarituba. Antes acontecia nos locais mais amplos da comunidade, como no campo, na escola ou na praça. Tem fogueira, comidas típicas, canjica, quentão, milho cozido, caldo. Cada família leva um bolo, um salgado ou um refrigerante. Às vezes tem a Ciranda, às vezes tem quadrilha.

E a Festa de São Pedro tem um festeiro que geralmente muda a cada ano e é indicado pelo festeiro anterior. Os festeiros costumam ser pescadores. Primeiro tem uma procissão marítima, na qual levam 3 andores: um com Santo Antônio, outro com São João e outro com São Pedro. Depois tem a missa na igreja, e finaliza com baile de forró e comidas típicas.

## FOLIA DE REIS E FOLIA DO DIVINO

A celebração de Reis ocorre entre 08 de dezembro e 20 de janeiro, e conta com a presença de foliões e música ao vivo nas ruas da comunidade. Esse festejo é uma tradição da comunidade, e os mais velhos contam como era.

A Folia é organizada por um grupo de pessoas que tocam e cantam e passam na casa dos moradores para abençoar os lares. Cada Folia carrega a sua bandeira. Os instrumentos utilizados são violão, viola, cavaquinho, pandeiro e triângulo ou garrafa de vidro vazia (que substitui o triângulo e caixa).

“ Era folia de reis mesmo, que eu acho bonito. Eles cantavam de casa em casa nas famílias. Chegava na casa do cara dormindo, a noite, cantava verso pra ele, homenageando a família e desejando que Deus desse muita saúde. Aí parava e entrava dentro de casa, tomava café a vontade. Nisso, a outra folia que estava pra outro lado chegava cantando na mesma casa. Aí o que acontecia? Tinha que fechar a casa, que é pra poder a outra chegar. Alguém na frente avisava: ‘Ó, a folia tá vindo aí e vai cantar aqui’. O dono da casa fechava a casa e ficava todo mundo quietinho. O outro grupo que tava tocando ficava lá dentro quietinho esperando. Eles já sabiam que o grupo estava lá. Cantavam e jogavam versos para a folia que estava lá, que eles chegaram na frente, foram mais espertos, já comeram. Mas era interessante, depois reunia todo mundo e saiam pra cantar”

Joaquim Meira, 72 anos, Tarituba, 2021

As visitas de casa em casa hoje são combinadas previamente, já no passado eram surpresa. As pessoas apagavam a luz de suas casas e mantinham a mesa do café pronta para o caso da folia chegar em sua porta e acordar os moradores.

“ Eram 3 folias: Folia de Seu Bidico, Folia de seu Chiquinho e a Folia do pai de Roberta Ferreira Bulhões (Não diz o nome) Quando se encontram, um desafia o outro através de versos”

Benedito Hilário de Bulhões, 79 anos, Tarituba, 2021

“ Papai (Bidico) ensaiava muito pra poder sair o Reis aí na Tarituba, ele ensaiava muito e eles dizia assim: "Não quero barulho, não quero barulho que o pessoal está dormindo. Eu quero quando chegar na porta eu assustar o pessoal que está dormindo". Assim que ele dizia. Ele amanhecia o dia cantando reis. Ele vinha aqui 7, 8 horas. Gostava, ele gostava mesmo. E carnaval, ele também gostava.

Natalina De Bulhões Reis, 90 anos, Tarituba, 2021



Mestre Benedito Rosa de Bulhões

A folia do Divino vem de fora, da cidade. Ela circula em todas as comunidades, inclusive em Tarituba, fazendo a arrecadação de casa em casa para a igreja, durante o dia. Já Folia de Reis é de noite e não tem arrecadação. No passado, a Folia de Reis saudava o presépio, e segundo Simone era uma saudação longa porque homenageava um por um dos santos e personagens do presépio.

## CIRANDAS E OUTRAS DANÇAS

Na construção do seu painel de patrimônio cultural, a comunidade de Tarituba incluiu muitas manifestações culturais de dança, música além de histórias e lendas que fazem parte do imaginário simbólico compartilhado, não apenas entre comunidades da região, algumas dessas histórias fazendo parte do repertório popular de lendas encontrados em muitos lugares do Brasil. Algumas dessas histórias ainda são contadas para os mais jovens. São histórias e versos que atravessam o tempo tem um valor e uma função importante até os dias de hoje.

Entre as “formas de expressão”, a comunidade identificou:

- Danças: Ciranda; Xiba; Tontinha; Caranguejo; Flor do Mar; Passarinho; Arara; Canoa, Caterete; Cana-Verde, marrafa, urubu, entre outras. Mazuca e rancheira também eram dançadas no passado.



“ Mestre Chiquinho dizia que se não dançasse o chiba-cateretê na entrada do baile, o sapateado, o baile ficava chulo, ficava sem importância”

Simone Ferreira de Bulhões, Tarituba, 2021

- Versos das músicas; tanto das folias de santa cruz, folia de reis, do divino, como os versos das diversas modas de ciranda
- Histórias: boitatá (é um fogo, e sumiu por causa da iluminação, energia elétrica), lobisomem, curupira, saci, mãe-d'água, mãe de ouro (a mãe de ouro saía do pico da Burra até o Frade e até o Cuscuzeiro);
- Jongo (memória)
- São Gonçalo (memória)
- Pastorinha no Natal

## CIRANDA

A Ciranda de Tarituba existe desde a geração do avô de Pardino, os filhos do Pedro Candinho. Não se sabe quando a ciranda começou em Tarituba. Os relatos dos mais velhos contam que desde que nasceram ouviam seus pais tocando

ciranda, e os pais dos seus pais também. Os filhos de Pedro Candinho (Chiquinho, Zé Pedro e Bidico) foram os primeiros que a atual geração de Tarituba conheceu tocando ciranda. Mas antes deles não souberam dizer se tinham tocadores, e nem com quem aprenderam.

Os bailes de ciranda no tempo dos mais velhos acontecia nas casas dos moradores, espontaneamente, não tinha um grupo fixo. Ocorriam em comemoração a boa pesca, boa colheita, batizados, casamentos, lua cheia e festejos do calendário religioso. Só mais tarde, na década de 60 que, a partir de convites para apresentações e gravações fora de Tarituba, o pessoal se organizou para se apresentar fora. Assim surgiu o Grupo de Ciranda de Tarituba tal como se conhece hoje. O primeiro registro da ciranda de Tarituba na cidade de Paraty é de 68.

“ O mais velho era José Pedro Boaventura de Bulhões. Depois o Benedito José de Bulhões, que é o nosso avô. E o Francisco José de Bulhões, que é o Chiquinho, o nosso mestre da ciranda. Todos os três são mestres, faziam de tudo. Esse aqui, o mais velho, ele tocava muito. Ele tocava ciranda, quando a ciranda começou com o grupo. Quando o grupo de ciranda começou aqui foi através deles. O meu avô Benedito tocava viola, era o violeiro, era violeiro da folia de Reis. O tio Chiquinho, ele tocava viola ao contrário porque ele teve um problema na mão dos fogos, aí então era invertida as cordas da viola e eles eram pares das esposas na dança, né? E eles dançavam, cantavam, tocavam e sapateavam. Tudo ao mesmo tempo”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardino", 63 anos, Tarituba e Simone Ferreira de Bulhões

Em 1974 foi feito o primeiro registro fonográfico da Ciranda de Tarituba. Mas antes disso, no início dos anos 70, a ciranda já tinha participado da gravação do Filme Reis dos Milagres.

Pula compadre, pula comadre  
Pula comadre mais  
um bocadinho  
Vamos dançar essa rancheira  
Vamos dançar bem puladinho  
Por isso hoje veio aqui  
Compadre Chico  
com sua mulher  
Veio ensinar dançar rancheira  
Só não aprende quem não quer

Versos de rancheira, por José Felix, Tarituba



Ciranda na Festa de Santa Cruz em Tarituba, em 2022



Pardino e a Viola, um instrumento indispensável da Ciranda Caiçara

“ Eles gravaram 1974, foi lá no Museu do Folclore, e foi a professora Cássia Frade lá da UERJ que levou eles e eles gravaram quatro canções do nosso repertório num vinil, foi a primeira gravação que a gente teve. Foi o Xiba Caterete, “Caranguejo”, “Caboclo velho” e “Tonta”. É um registro bonito, a gente precisava ter isso, era daquele “Reis dos Milagres”. Aparece o tio Chiquinho jovem, de bigode preto, lá no carramanchão, com a tia Rosa. outro registro foi a participação no filme Reis dos Milagres, rodado em 1”

Simone Ferreira de Bulhões, Tarituba, 2021

A maior parte das danças mencionadas acima faz parte do baile de Ciranda. Cada moda evoca passos e dinâmicas diferentes na coreografia.

Os versos das modas são criados no improviso e falavam das coisas do cotidiano, dos nomes de lugares, falam de pesca e de roça, do mar, do amor. Refletem aspectos da cultura caiçara e expressam sentimentos universais do ser humano. Saber fazer e tocar os instrumentos também faz parte da manutenção dessa tradição. Viola, rabeça, pandeiro, bandurra, adufo, Piegas, que são castanholas usadas no Xiba e cavaquinho são alguns dos instrumentos utilizados pela Ciranda de Tarituba.

Antigamente, pra fazer instrumento, usava madeiras tirada do mato e parte de animais, principalmente o couro da cotia. Usavam os materiais que tinham a disposição: “tirar o bucho do cação pra fazer o couro do pandeiro! Então, a dificuldade faziam eles criar”

“ No Xiba Caterete, na dança de abertura, no baile, entra um instrumento que não existe em outros grupos de ciranda, só existe pra gente, que é o mancado. O mancado é uma caixa de madeira tocada com as mãos calçadas no tamanco, porque o mancado vai dar o tom do sapateado. Só existe no Xiba Caterete. O chiba e o cateretê são a mesma coisa, é a entrada, a abertura do baile. Mestre Chiquinho, ele dizia, que se não dançasse o chiba-cateretê na entrada do baile, porque é o sapateado, o baile ficava chulo, ficava sem importância. Porque a batida do tamanco do mancado vai fazer o chamamento, ela vai chamar e vai dar energia necessária para o início. As danças do meio do baile chamam “miudezas”, vamos fazer “miudezas”. A ciranda é uma dança de meio de baile: flor do mar, caranguejo, arara, cana verde. Todas essas danças são chamadas miudezas. Quando está amanhecendo que dança o final, o fecho do baile é a tonta ou tontinha. A tonta também é chamada “barra do dia” ou “ave da manhã” porque ela fecha o baile, ela amanhece. Todo mundo já está meio tontinho, cansado, né? Tomou umas cachacinhas, mas aí que serve o roxo forte.”

Simone Ferreira de Bulhões, Tarituba, 2021

Os versos das músicas de Ciranda refletem aspectos da cultura caiçara. Evocam nomes de lugares, falam de trabalho na roça, na pesca, do mar. E também falam de amor.

“ A música fala de todo modo de vida do caiçara: da pesca, da relação com o meio ambiente, da agricultura. Por quê? As letras eram o que eles vivenciavam. E do que é que eles viviam, eles viviam da pesca, da agricultura, da banana, da mandioca que plantava...”

Simone Ferreira de Bulhões, Tarituba, 2021



Simone e o pandeiro utilizado pelo Grupo da Ciranda de Tarituba



Carramanchão onde costumavam acontecer os bailes de ciranda em Tarituba



*Conjunto da Ciranda de Tarituba durante Festa de Santa Cruz em 2022. Hugo de Bulhões Lara, Benedito Rosa de Bulhões, Joaquim Meira dos Santos Filho, Benedito Hilário de Bulhões, Otacílio Meira de Lara, Aldo de Bulhões Lara, João Carlos Rosa de Bulhões, José Félix*

## CARNAVAL

Existiam dois blocos de carnaval em meados do século XX em Tarituba. Um deles, era o Caprichosos Unidos de Tarituba (azul e branco), participavam Madrinha Augusta, Natalina, Bidico. E o bloco da Mocidade (verde e amarelo), que a turma que participava era o Seu João, Vicentina, Vidoca, Maria. O bloco dos caprichoso Unidos saía de São Gonçalo e vinha para Tarituba, juntava com o pessoal de Tarituba.

“ Eles cortavam galão de 200 litros de lubrificante de ferro pra fazer os tambores”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", 63 anos, Tarituba

Contam que tinha moradores de outros lugares, como o Ezequiel do Taquari que participavam do bloco da Mocidade.

Natalina também se envolvia na brincadeira, chegou a sair de rainha do carnaval. Ela guarda na memória versos das músicas, as bandeiras que carregava como porta estandarte e mostra as fotos do álbum com sorriso e brilho no olhar, a alegria desses momentos:

O carnaval em Tarituba resiste por meio do Bloco das Piranhas - homens vestidos de mulher e mulheres vestidas de homem - que ganha as ruas nas noites de folia. As crianças às vezes também celebram o carnaval: já fizeram máscaras de papel machê, instrumentos de sucata e saíram na rua em bloco tocando e cantando. Antes da pandemia, um baile de carnaval foi realizado na sede da associação cultural

Dizia que os caprichados não saiam  
Pra que ele, os três dias de folia  
Eu digo, eu digo, tenho honra de dizer  
Que o nosso bloco é que vai vencer  
Pega o estandarte Natalina  
quando requebra é boa menina  
eu digo e digo, tenho honra de dizer  
que o nosso bloco é que vai vencer.

Versos do Vadinho, marchinha de carnaval do Bloco Caprichosos Unidos da Tarituba

## PASTORINHA

Pastorinhas são um auto de Natal. Uma encenação com muitos personagens que vem para saudar o presépio. O auto foi retomado dois anos antes da pandemia, e parou quando a pandemia se instalou.

“ As Pastorinhas é só na época do Natal, porque ela é uma saudação ao presépio. Então é um Auto de Natal. Participa figuras da noite de Natal e personagens culturais, da cultura, tem a sereia, sabe? São trinta e poucos personagens se for fazer ela completa outros personagens fundamentais são o anjo formoso, o sol, a lua, a estrela, a sereia, o barqueiro, o jardineiro, anjo mudo”

Simone Ferreira de Bulhões, Tarituba, 2021

Contam que as pastorinhas existem há quase 100 anos em Tarituba. Dona Natalina, hoje com mais de 90 anos, conta que desde a década de 30 as crianças participavam do auto. O auto era encenado nas casas. Ficou um tempo sem acontecer, deu uma parada e depois voltou. No início somente mulheres e homens

virgens podia fazer, então isso limitada a participação. Hoje as pessoas da comunidade participam do auto independente dessa condição.

O grupo envolve pessoas de todas as idades, crianças, jovens, homens, mulheres e idosos. Pardinho considera o grupo da ciranda uma das coisas mais importantes para manter a comunidade unida e há muitos anos se dedica em zelar pela sua continuidade.

Para Pardinho, esse patrimônio imaterial que Tarituba preserva e promove é uma missão de vida. Desde cedo ele percebeu que essa é uma forma de manter a comunidade unida e de realizar muitas outras coisas a partir da organização cultural da comunidade. A dedicação, alegria e generosidade que deposita nessa história são visíveis.

“ Desde pequeno eu sempre gostei de cuidar das coisas que os mais velhos pediam para cuidar. Ajudar os mais velhos, ouvir eles. Quando eles pediam para cuidar, pra não deixar a ciranda acabar, eu me dediquei eu não consegui terminar os meus estudos. Ou eu ia pra fora e acabava ou eu não ia e a coisa não acabava. Eu sabia até que ponto eu conseguia segurar aquilo e que ninguém ia fazer isso que eu tava fazendo, por amor. Eu deixei de estudar e segurei com meu dinheiro até as coisas melhorarem. Fiquei muitos anos segurando, limpando lá, não tinha dinheiro para pagar alguém, cuidava das telhas quando quebravam”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", 63 anos, Tarituba



Edson dos Reis, filho de Madrinha Augusta mostra o estandarte do bloco de carnaval Caprichosos Unidos de Tarituba, de 1944.

A transmissão das histórias e brincadeiras de Tarituba para as crianças é fundamental para dar continuidade à essas tradições culturais. Mestre Pardinho - uma alcunha que ele mesmo ainda não reconhece, mas que faz sentido quando se percebe o seu papel agregador dentro da comunidade - evoca essa questão na sua fala, com o entusiasmo habitual. É no dia-a-dia, e dando o exemplo, que as crianças se familiarizam com esse universo e se encantam pelas tradições culturais caiçaras.



Lápides de Mestre Chiquinho (1906-1992), um dos mais animados cirandeiros e foliões de Tarituba e de sua companheira Maria Raymunda (1901-1996)

“ Eu quero falar para as crianças, tem muita história para contar e eles não sabem! Teve um time daqui que era inscrito na liga do Rio de Janeiro, o pessoal, tinha gente tão boa de bola que foram fazer teste pro Fluminense. E quando fazia brincadeira de carnaval tinha bloco, tinha mestre sala, tinha tudo isso que o próprio grupo criava. O povo lá do sertão fazia fantasia de folha banana seca. Muita coisa legal e queria reforçar a importância dos festejos de Santa Cruz pra união da comunidade. A Festa de Santa Cruz traz gente que nunca vem na igreja, a bandeira traz todo mundo e une a comunidade. Resgata pessoas adormecidas na comunidade que as vezes nunca vem na missa, e aflora a cultura da comunidade.”

Aldo de Bulhões Lara, “Pardinho”, 63 anos, Tarituba, 2021

## PRÁTICAS DE CUIDADO / SAÚDE

“ O que mais me encanta é que a história dela, sinceramente, eu não conheço uma mulher tão forte. Uma mulher que colocava no mundo e ser coveira, e ainda enterrar filho. Ela era muitíssimo forte”

Maria Antonia Bulhões, 51 anos, Tarituba, 2021

Madrinha Augusta, a Maria Augusta dos Reis, era parteira conhecida em toda a região norte de Paraty. Ela não nasceu nem se criou em Tarituba, mas passou boa parte de sua vida adulta nessa comunidade, onde moram até hoje um de seus filhos, Edson, suas netas e seus bisnetos. Por essa razão, a história dela aparece um pouco na caracterização de São Gonçalo, mas foi nos relatos de seus parentes de Tarituba que sua biografia teve mais detalhe.

“ Maria Augusta dos Reis, minha mãe. Ela nasceu no Taquari. O pai dela era o Sebastião Cruz. A mãe dela era Emília. Ela contava uma história que ela foi enfermeira no Rio, num hospital, quando era solteira. Ela aprendeu enfermagem lá. Ela só assinava o nome. Meu pai morava em São Gonçalo, Benedito Reis. Quando ela veio de lá do Rio de Janeiro, foi que eles constituíram família aqui. A gente morava ali ao lado da Vila São Vicente, chama Estrada do Caraguatá, aqui pra cima em Tarituba. Eu nasci aqui e meus filhos todos nasceram aqui também.

Só que, depois de um certo tempo, ela saiu daqui e morou lá em São Gonçalo. Foi para lá para um lugar que é da White Martins, o nome daquele lugar ficou como Canto Feliz. Ela pariu sozinha os próprios filhos. Ela foi parteira dos filhos todos. Ela não chama ninguém, ela mesma fazia os partos dela.

Edson Brasil do Reis, 82 anos, Tarituba, 2021

“ Ela foi morar lá, era bem na beira da praia. E lá ela montou um camping, tinha uma vendinha, a casa dela e a casa de farinha. Eu lembro deles fazendo farinha lá, ela e meu avô.

Marcia Antonia Bulhões Reis, 51 anos, Tarituba, 2022

Dona Natalina, nora de Madrinha Augusta fez os seus 3 partos com ela. Ela transmitia muita segurança e acalmava os familiares que ficavam ansiosos e nervosos no momento da mulher ganhar o bebê. Quando tinha data mais ou menos marcada para o nascimento, ela já ficava perto da mãe, se a casa fosse longe, já se deslocava para lá com antecedência. E pelo menos uma semana depois do parto, Madrinha Augusta ainda cuidava da mãe. Para crianças que não estavam encaixadas ela fazia massagem, sabia virar. Para evitar que o umbigo se enrolasse no pescoço da criança, Madrinha Augusta recomendava que as grávidas evitassem alguns movimentos, como passar por cima de cordas de prender os animais.



Madrinha Augusta e sua neta durante cortejo com a Bandeira do Divino em Tarituba. Foto do acervo familiar

“ Ela ficava pelo menos uma semana na casa da paciente dela, tratando. Fazia o banho e a comida diferenciada dos outros”

Edson Brasil do Reis, 82 anos, Tarituba, 2021

“ Ela ia a todas as festas das comunidades. Até Paraty ela apregoava leilão. Naquela época tinha esse negócio de leilão.

Maria e Marcia, Tarituba, 2021

Em Tarituba, os entrevistados Benedito Hilário de Bulhões, hoje com 80 anos, e Joaquim Meira de Bulhões, hoje com 73 anos nasceram nas mãos de Madrinha Augusta. Segundo eles, quase todo mundo na comunidade nasceu com ela. O Posto de Saúde de Tarituba recebeu o nome dela, como homenagem.

“ Ela fez o parto até do meu pai, e de todo mundo aqui. Meu pai falava, que ela trazia ao mundo e ela enterrava. Era parteira e coveira”

Roberta Ferreira de Bulhões, 42 anos, Tarituba, 2021

Os benzimentos também são práticas de cuidado mencionados nos relatos. São práticas de cura para diversos males, e um dos componentes da eficácia é a fé. Alguns rezadores e benzedoras foram lembrados:

Manel Saturnino, um dos mais antigos, rezava para vento caído, espinhela caída, cobreiro, benzia de tudo. O irmão do Manel também era benzedor, pra icterícia. Dona Petronília, Mãe Antonia e Cremelina também eram benzedoras. Além desses também foram mencionados Benedito Martiniano, Geraldina, Zulmira e Dalva.

Aldia lembra que sua bisavó Antonia costurava osso quebrado, e cortava tromba d'água. Seu pai Pardinho já rezou quando ela teve espinhela caída e melhorou. E até os mais jovens da comunidade sabem rezar. Antonia passou o conhecimento para Jodith, sua filha.

“ Meu pai era Benedito Martiniano de Bulhões, um homem muito religioso. Quando formava aqui uma tromba d'água que é uma nuvem fazendo tração em cima do mar e enchendo as nuvens, aquele negócio preto, enchendo de água pro vento rodar, onde ela bate é um dilúvio, acaba com tudo. Quando formava ali, na divisão de Paraty, o pessoal saía correndo procurando ele. Onde ele tava, levava, ele ajoelhava na praia e rezava uma oração e dizia assim: "Ela varre água agora" e o povo de Tarituba é testemunha. Benzia com a faca quando dava aqueles relâmpagos, até pedia para as pessoas se afastar. As pessoas tinham cobreiro na perna de sapo, de qualquer coisa, ia chamar ele pra rezar. Ele levava lá na cachoeira, rezava, no outro dia tava pronto, sarado. Muita gente se curava de 'zipra', 'zipela', 'vento virado' essas coisas todas que existem”

Benedito Hilário de Bulhões, 79 anos, Tarituba, 2021

Além das rezas, os benzedores também indicavam a cura por meio das ervas. Depois dos partos, por exemplo, as mães tomavam garrafada e faziam banhos de assento com ervas. As crianças pequenas usavam breves com folhas ou sementes dentro; era uma prática preventiva para diversos males. Os adultos tinham uma "boneca" que parece uma trouxinha de peteca, com ervas, cinzas e sementes, conforme o tipo de proteção que precisava fazer.

A sabedoria que faz com que os benzimentos alcancem a cura vem de Deus.

Os relatos de Natalina e Pardinho contaram sobre a prática da homeopatia que Benedito José de Bulhões aplicava para curar as pessoas.



A família reunida, descendentes de Madrinha Augusta: Edson, Maria Antonia, Natalina e Marcia Antonia



“ O meu avô era médico homeopata. Ele não era formado, mas ele tratou de muita gente. Operou gente e tudo, sem ser formado. Ele me ensinou algumas coisas. Quando ele morreu, eu cuidei dele. Quando passado o mês o filho dele veio falar comigo: o teu avô deixou pra você, que foi o único que se interessou. O livro da homeopatia e deixou a faca dele de pescar.

Aí eu comecei a criar minhas filhas com homeopatia.

Meu avô saía com fifó a noite, aquele fifó um bambu que a gente deixava o gomo e botava querosene e uma estopa e você andava com ele. Tinha uma história que a mulher tava muito mal pra morrer e mandaram o rapaz vir buscar a homeopatia pra ele fazer. E aí esse rapaz chegou aqui tinha um baile e o rapaz foi pro baile e de madrugada a hora que acabou o baile, ficou com medo de acordar meu avô, foi na bica e encheu o vidrinho. Chegou lá a mulher tava quase morrendo. A fé das pessoas é tão grande que deram a água pra mulher e a mulher ficou curada!”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", 63 anos, Tarituba

“ O meu pai era homeopata, mas ele não estudou, ele estudava no livro. Ele ganhou o livro do sogro dele, o livro já estava muito velhinho. Depois o pai da minha cunhada deu um livro novo para ele, e esse livro tá lá com o neto dele, o Pardinho. Por ali, ele sabia. E ele ia lendo, ia lendo, ali dava homeopatia. Dava homeopatia assim colherezinhas de meia em meia hora; quando ia melhorando, você aumentava para uma hora. Ele explicava direitinho.

Olha, vinha gente até da Prainha. Uma vez veio um senhor, o nome dele era seu Joaquim Malvão. “Ô seu Bidico, eu vim aqui para o senhor ir lá”, não sei se era a esposa dele ou era a cunhada que estava muito mal. Ai papai foi, levou o livro e chegou lá foi dando o remédio. Eu não sei se ele veio à noite, não sei se ele veio no outro dia, eu era pequena. Mas a mulher ficou, graças a Deus, ficou boa”

Natalina Bulhões dos Reis, 90 anos, Tarituba, 2021

Em alguns partos, quando tinha alguma complicação, Madrinha Augusta chamava Seu Bidico, homeopata, para auxiliar a mulher e receitar alguma medicação necessária. Nesses casos, eles trabalhavam em conjunto para manter a saúde na comunidade e nas comunidades vizinhas também.

Quando fala da capacidade de cura por meio de benzimentos e rezas, Pardinho acredita que é um conhecimento ameaçado:

“ A sabedoria que Deus dá, se hoje as pessoas não tem mais temor a Deus, não vão aprender mais nada”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", 63 anos, Tarituba

Seu Bidico era muito procurado para atender pessoas com problemas respiratórios como bronquite. E muitas vezes, as crises de bronquite ocorrem a noite e de madrugada, e ele era chamado pra acudir a hora que fosse.

Contam que quando os casos de saúde eram mais graves, o Bidico chamava, pelo telégrafo, o médico de Paraty, Doutor Felipe. Teve uma vez que uma mulher chegou com um nódulo no seio e ele viu que era grave. Ele de lá de Paraty foi ensinando como fazer o corte para retirar. Ele fez o procedimento que o médico foi falando e a mulher ficou curada. Outra coisa que ele sabia fazer era aplicar soro anti ofídico para picada de cobra.

## ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E BANDEIRAS DE LUTA

“ Eu sempre fui um cuidador do meio ambiente. A gente tem que cuidar da onde a gente tira o pão.

E sempre fui de unir as pessoas, porque eu vivi isso, vivi antes e depois da Rio-Santos, eu conheci como funcionava antes da Rio-Santos. Era assim uma harmonia muito grande”

Aldo de Bulhões Lara, "Pardinho", Tarituba, 2021

A comunidade caiçara de Tarituba possui um histórico de organização comunitária bastante consolidado. Mesmo antes da criação e formalização das associações, os relatos trazem a importância dos festejos católicos e as expressões artísticas tradicionais como forma de união das famílias e fortalecimento comunitário.

A Associação Cultural Recreativa e Folclórica de Tarituba (ACRFT) foi registrada em 1975, e Associação de Moradores de Tarituba (AMOT) foi criada em 1987.

O Grupo de Danças Folclóricas de Tarituba que envolve a Ciranda de Tarituba e outras manifestações culturais caiçaras, também é um coletivo criado pelos mais velhos e hoje já conta com jovens ajudando na organização.



Equipe durante sobrevoo de drone para captação de imagens do território de Tarituba.

A comunidade católica de Tarituba também tem uma organização específica e participa da organização das celebrações religiosas e ritos litúrgicos na igreja. Como já mencionado, Tarituba é a comunidade caiçara de Paraty que mais realiza festejos associados às datas católicas, mantendo vivo um aspecto importante do modo de vida caiçara tradicional.

As ações realizadas pela comunidade no âmbito da escola também refletem o grau de organização e engajamento de comunitários na melhoria das condições de trabalho e educação da comunidade.

Desde que a escola foi criada em Tarituba, tem uma relação de proximidade com as práticas tradicionais desenvolvidas na comunidade.

“ A minha avó Neusa, mãe da minha mãe, era merendeira da escola e foi quem começou a dar oficina de ciranda e contar história para os alunos. Depois dela, a minha mãe também, e minha tia Sibelia. Já nessa época começaram a chamar os mais velhos para irem na escola contar as histórias mais antigas, ensinar a fazer rede, covo, brinquedos artesanais de madeira e de bambu. Até na escola da Ilha Grande o pessoal foi lá. A Sibelia, a Nonô, a Neusa, todas elas foram pra Ilha Grande, na Escola do Abraão. E lá elas foram como um trabalho mesmo, remunerado. Quando eu assumi as atividades na escola de Tarituba foi quando eu tava grávida da Valentina, uns 11 anos atrás. Eu lia histórias, mostrava as músicas e os versos, dava atividade

de artes, então dei continuidade a essa parceria com a Ciranda, ensinando a sabedoria tradicional local na escola. Também fazíamos oficinas com tio Odil, Biduca, Didito, Dito, meu pai (Pardinho), o Pedrinho, todos eles foram lá contar os causos da ciranda. E as mães eram chamadas também para dar oficinas na escola, de costura, de bordado, uma forma de ensinar os seus saberes, a Vaninha, a Terezinha. Em Tarituba, esse trabalho sempre foi uma forma promover a valorização da cultura local, e sempre voluntário”

Aldia de Bulhões Lara, 36 anos, Tarituba, 2022

Em 2017, Aldia desenvolveu atividades de horta na escola para estimular o ensino da agricultura, e gestão de resíduos orgânicos. No final de 2019 começou o trabalho de gestão de resíduos na escola. A partir de 2020, e com a pandemia, as crianças passaram a acompanhar o trabalho ligado a composteira comunitária. Nesse período foram compostadas cerca de 2 toneladas. A horta da escola aproveitou boa parte do composto gerado nesse processo, e as crianças participaram fazendo os plantios na horta quando as aulas voltaram. Também foi criado um acervo de livros na comunidade. A Associação da Ciranda recebeu uma doação de livros infantis e assim começou a estruturar a biblioteca e realizaram a Felita - Festa Literária de Tarituba. Em 2021, uma demanda da comunidade era obter o reconhecimento das ações como iniciativas concretas de educação diferenciada, do mesmo modo que o trabalho em outras escolas de comunidades tradicionais que já contavam com o respaldo da Secretaria de Educação.

Em 2020, começaram em Tarituba as obras do sistema de saneamento. Até 2022 a obra ainda não estava totalmente finalizada e a rua principal de Tarituba ficou desnivelada empoçando água. , quando a caracterização foi realizada ainda não estava concluído, faltavam a interligação de algumas casas ao sistema. Segundo Roberta, presidente da Associação de Moradores, foi uma luta de mais 20 anos pelo saneamento em Tarituba.

A comunidade de Tarituba continua se organizando para garantir o bem viver da comunidade. É visível buscam conhecer e elaborar todas as ferramentas que possibilitem a governança autônoma do território. Entre os problemas que gostaria de enfrentar é a organização do uso da praia, disputada para diferentes finalidades. Essa questão passa pelo enfrentamento do individualismo, que também foi citado como um fator que atrapalha as soluções dentro da comunidade.



## O QUE FOI MAPEADO (DESCRITIVO DA CARTOGRAFIA SOCIAL)

Muitos espaços e edificações foram mapeados na cartografia social de Tarituba. Os elementos levantados revelam os múltiplos usos do território. Moradia, trabalho, lazer, educação, celebrações religiosas, cuidados com a saúde, tudo acontece no território.

A cartografia realizada em Tarituba levantou os nomes de muitos lugares. Toda a costeira é nomeada. Além da praia de Tarituba, que seria o local central de referência, há outras pequenas praias, seguindo pela costa no sentido norte, que compõem o território tradicional caiçara de Tarituba, como por exemplo: Praia de Taritubinha onde tinha o cartório antigamente, Praia da Figueira, Praia das Pedras, Praia da Tapera, Praia do Maracujá, Praia do Costão, Praia do saco Agudo, Prainha, Praia da Batanguera (hoje alguns chamam praia do Coqueiro, e os antigos tinham roça lá). Além disso, tanto na direção norte como sul, foram nomeados as principais pontas, sacos e pedras, muitos dos quais são pesqueiros, tais como a Ponta da Timbuíba, Ponta do Guaretá, Pedra da Mesa, Saco Agudo, Costeira do Manuel Gomes (da família Gomes mencionada no capítulo da Ilha do Cedro). O caminho que os pescadores sempre usaram para acessar a Ponta da Timbuíba também foi mapeado. Outros caminhos como o Caminho para a Prainha, o caminho das Águas Lindas, o Caminho de Cava e outros davam acesso a áreas agrícolas da comunidade. No sertão, o Pico da Burra, mencionado por outras comu-

nidades do Norte de Paraty, também aparece como referência, assim como cursos d'água.

Alguns dos topônimos colocados no mapa de Tarituba situam-se em São Gonçalo e Iriri evidenciando uma noção ampliada de território, que leva em conta os usos e as relações de vizinhança que as comunidades estabelecem entre si e com lugares mais afastados do seu entorno imediato.

Diversas ilhas mencionadas por várias comunidades do Norte do Paraty também aparecem no mapa de Tarituba e também integram seu território marinho, mostrando que o mar é um espaço de uso comum.

Além disso, Tarituba mapeou muitos espaços e edificações coletivos na área onde se concentram as moradias, como a igreja, o cemitério, a praça, a sede da Associação Folclórica, o campo de futebol – onde ocorrem também as festas da comunidade – a praça, e equipamentos públicos como a escola, o posto de saúde e o cais.

Edificações privadas ou familiares relacionadas com geração de renda e segurança alimentar também apareceram, como ranchos de pesca, quiosques, bares e restaurantes, campings e pousadas, além do mercado. Do lado do sertão fica a infraestrutura de captação e armazenagem de água que abastece a comunidade e foi relatado em 2021 que estava havendo conflitos de acesso a água provocado por um condomínio recém chagado no território e que conta com algumas piscinas.

A tabela abaixo reúne os elementos levantados no mapa falado, e evidenciam a riqueza e os múltiplos usos e sentidos do território.



Pardinho exhibe mapa que desenhou de Tarituba



Oficina de cartografia: identificando elementos do território nas carta imagem de Tarituba

## ELEMENTOS DO MAPA FALADO DE TARITUBA

### Costeira Sentido Norte

Taritubinha (local tinha uma escola antigamente)	Praia do Costão + 1 prainha (nome a confirmar) tem um túnel por baixo da terra que dá no Frade
Ponta do Guaretá	Ponta do Saco Agudo
Pedra da Mesa (antigo local de pescar com covão)	Saco agudo e prainha
Pedra da Quirera (pesca)	Cachoeirinha
Praia da Figueira	Ponta (nome a confirmar)
Praia das Pedras	Prainha côncava (tem restinga, mangue e mata atlântica)
Praia da Tapera	Morro do Silvo
Praia do Maracujá	Praia da Batanguera (hoje alguns chamam praia do Coqueiro, os antigos tinham roça lá)
Fogão (pesca)	Morrinho
Saco da Cabaceirinha (pesca)	Praia de Mambucaba

Ponta da Timbuíba

### Ilhas presentes no Maritório:

Ilha do Cesto	Ilha do Sandri
Lage dos Meros	Ilha Samambaia
Ilha Comprida	Ilha Algodão
Lage do Cação	Lage do Fundo
7 Cabeças	Ilha ou Rochedo São Pedro
Ilha do Caroço	Ilha Araraquarina
Ilha do Cedro	Ilha Araraquara
Lage da Vitória	Ilha Jurubaíba
Lage Alagada	Ilha Lage Branca
Lage Velha	Ilha Araçaíba
Parcel dos Meros	Ilhote Grande
Lage Preta	Ilhote dos Cabritos

### Costeira Sentido Sul:

Ponta (nome a confirmar)	Praia de São Gonçalo
Costeira Manuel Gomes	Canto Feliz (canto direito da Praia Grande de São Gonçalo)
Praia do Lolô	Praia do Cão Morto
Ponta do Lolô	Prainha do Tatu (tem um castelo)
Ponta do Arpoá	Praia do Iri
Praia São Gonçalinho	

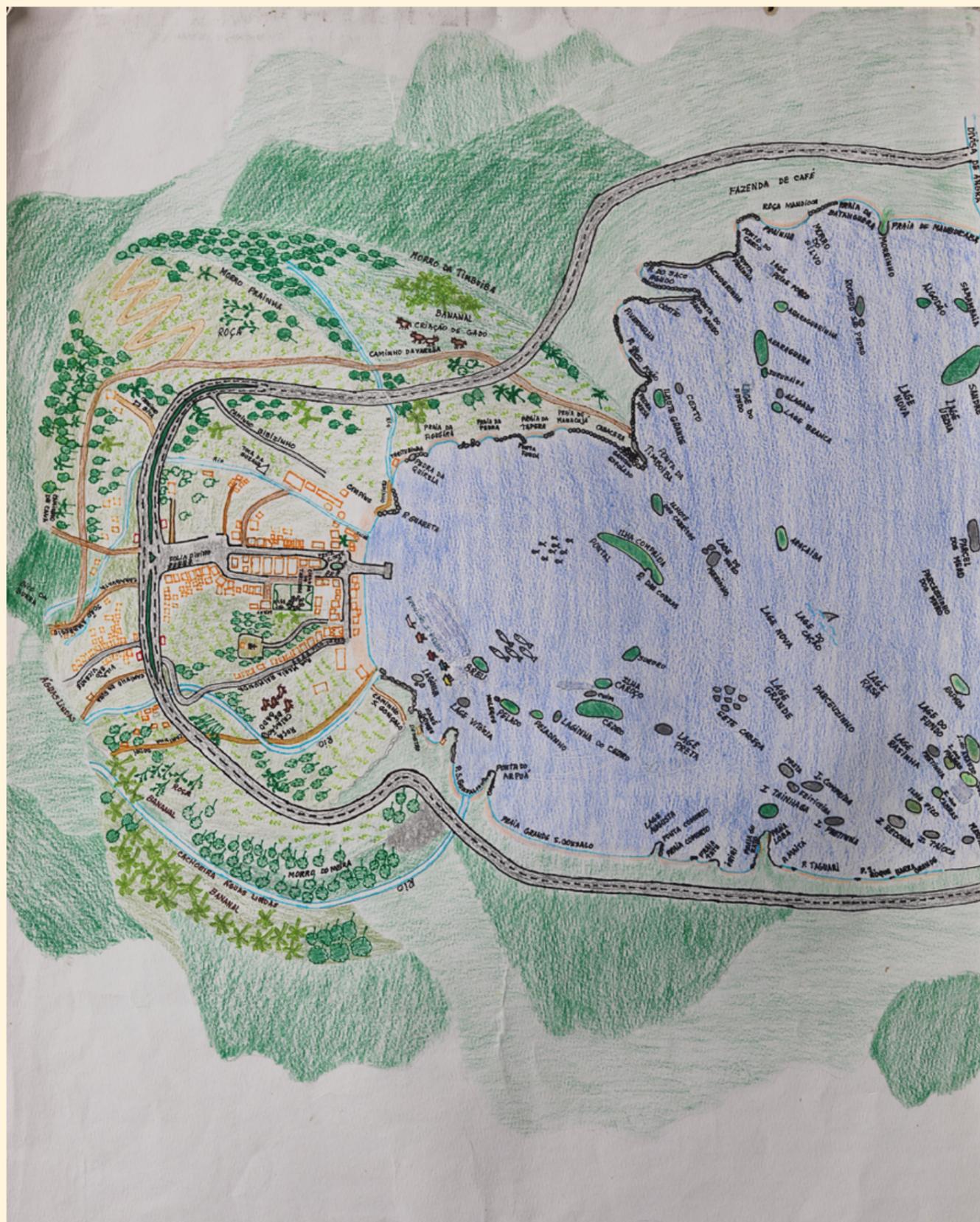
## ELEMENTOS DO MAPA FALADO DE TARITUBA

### Espaços e edificações

Cais	Campo de futebol
Quiosques	BR 101
Ranchos (atrás dos quiosques)	Trevo
Igreja	Caminho da Bica D'água
Caminho do Cemitério	Casas caiçaras
Cemitério (ativo)	Caminho da Prainha
Praça	Caminho de Cava (iam para roça e mata)
Escola	Caminho do João Ambrósio (para Caraguatá, estrada passou)
Posto de Saúde	Vila São Vicente
Casa do Mestre Vadinho	Caminho das Águas Lindas (para cachoeira; tem bananal do tio do Pardino)
Casas de veranistas (3)	Pico da Burra
Associação Folclórica de Tarituba	Caminho Dodói (Família Meira; Luxor Hotel comprou; vai até a Igreja e faz divisa com fazenda White Martins)
Caminho para Pousada	Rua Maria Raimunda Meira (área que não foi vendida e deu origem a uma vila ocupada por casas de parentes)
Pousada Tarituba	Caminho de São Gonçalo
Camping Stela Mar	Caminho dos pescadores até a Ponta do Timbuíba
Casa da Luciana	Vale do Taritubinha
Casa do Silvio e família	Morro da Ponta do Timbuíba
Casas caiçaras ao longo da Av. Bulhões	Rio dos Meira (vem das águas lindas)
Estacionamento	Cachoeira João Ambrósio
Rio (usava para lavar roupa, tinha o nome da pessoa que usava em cada trecho: mauro, Damazia)	Caminho do Céu.

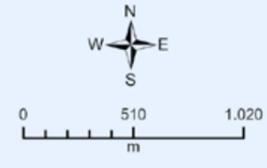
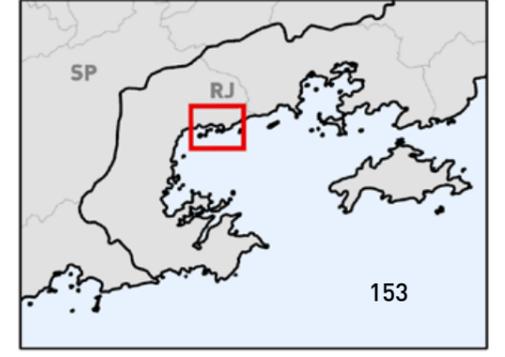
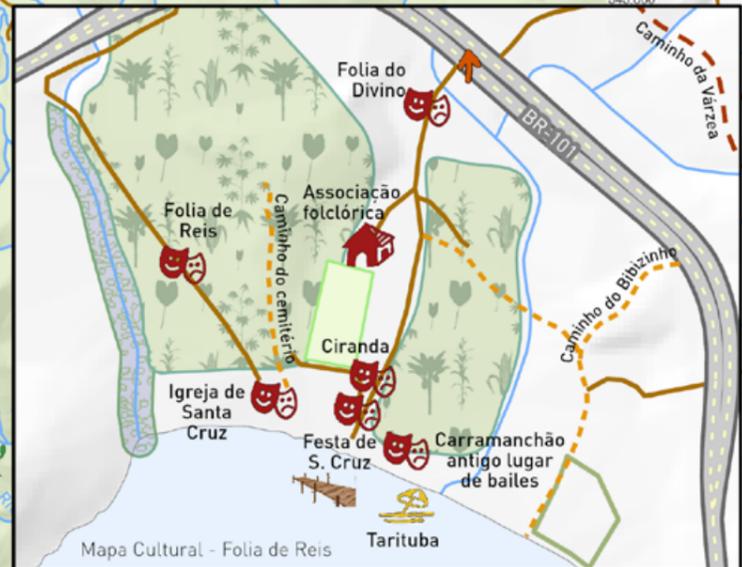
# MAPAS FALADOS

## PRODUZIDOS PELAS COMUNIDADES



# COMUNIDADE CAIÇARA DE TARITUBA

- |  |   |
|--|---|
| <b>Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica</b> | <b>Turismo e comércio local</b>                         |
| Extrativismo   | Camping de não caiçara                                  |
| Bananal  | Área de camping não caiçara                             |
| Captação de água                                       | Pousada de caiçara                                      |
| Maricultura  | Pousada não caiçara                                     |
| Pesca artesanal  | Comércio de caiçara                                     |
| Cerco de pesca   | Praia   |
| Rancho de pesca  | Rota de turismo   |
| Mangue   | <b>Infraestrutura e serviços públicos</b>               |
| Saco   | Posto de saúde  |
| Casa de caiçara  | Escola  |
| Casa de caiçara antiga                                 | Pier  |
| Casa   | Infraestrutura  |
| Campo de futebol                                       | <b>Conflitos socioambientais e ocupação não caiçara</b> |
| Igreja   | Conflito de território                                  |
| Cemitério  | Conflito de uso da água                                 |
| Sede da Associação                                     | Conflito de território                                  |
| Expressões culturais                                   | Ocupação não caiçara                                    |
| Cartório antigo  | PARNA da Serra da Bocaina                               |
| Toca   | <b>Outros elementos</b>                                 |
| Ruína  | Acesso; Rua   |
| Bananal  | Rio, córrego  |
| Campo de futebol                                       | Rodovia   |
| Mangue   | Outras Estradas; Ruas                                   |
| Ocupação caiçara                                       |   |
| Ocupação caiçara e não caiçara                         |   |
| Pasto  |   |
| Pesca de camarão                                       |   |
| Pesca de covo  |   |
| Pesca de mergulho                                      |   |
| Roça   |   |
| Roça antiga  |   |
| Trilha   |   |
| Trilha antiga  |   |
| Rota de pesca  |   |



Laje Preta do Cedro 152

153

# PRAIA GRANDE

Das comunidades caiçaras do Norte de Paraty, Praia Grande é a que se localiza mais perto da cidade. Além do núcleo de ocupação formado no entorno da praia, outros núcleos e localidades vizinhos fazem parte da Praia Grande, como a Prainha, Água Boa, desde a Várzea do Corumbê até a Toca do Pastel. Na parte alta a Praia Grande também abrange as ocupações do outro lado da BR, subindo o morro, de onde se tem uma vista privilegiada da Baía de Paraty e da Ilha do Araújo.

“ A Prainha e a Praia Grande é como se fosse uma coisa só, antes era como se fosse tudo Praia Grande”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos, Praia Grande, 2021

Praia Grande é o território caiçara mais populoso considerando todas as localidades que o constituem, mas assim como as outras localidades do Norte de Paraty, boa parte dos moradores já não são nativos do lugar.

Na Praia Grande há uma escola até o quinto ano, e o posto de saúde que atendem todas as localidades vizinhas, demarcando a importância regional da Praia Grande. Inclusive os eleitores da Ilha do Araújo votam na Praia Grande.

O território pesqueiro cotidiano da comunidade vai, pela costeira, até a Praia do Jabaquara (sentido sul) e até o Canto do Morro (sentido norte), mas hoje já não se costuma pescar muito em direção à cidade porque a água foi afetada pela urbanização e a quantidade de peixe diminuiu. Toda a baía da Ilha Grande pode ser considerada território pesqueiro pois às vezes a atividade ocorre em locais mais afastados da costa.

## HISTÓRIA DA LOCALIDADE

“ A Prainha lá quem morava era minha tia, a tia Rosa, o Amelio, Alziro, Maria Cecília, Zalmir, Zinho. Esse pessoal eram os moradores que tinha lá dentro. Aconteceu que venderam tudo por lá. Teve três ou quatro famílias que foram desapropriadas. Hoje ainda tem o Zinho aqui em Praia Grande, sofreu muito com a venda, mas perdeu o que tinha”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos, Praia Grande, 2021

Na Praia Grande tinha o Lotero mestre de Reis, morava lá encima do morro onde tem o bambuero; João Pequeno, a cava da casa dele ainda tá lá atrás da peixaria; Juvêncio, pai do Zé Luís; Eduardo, era mestre de redagem e tinha várias canoas; Madrinha Bilaia que era parteira de todo mundo; o Alcides que era do Sono, daí morou na Ilha do Algodão e depois veio pra Ilha do Araújo e acabou morando na Praia Grande; o Zé Joana mineiro matador de boi que casou com Dona Marina; o Alzirão, pai do Ruy, que era mestre de rede e foi dono do armazém de mercadoria, lá vendia o maço de cigarro Urca e Continental, e alguns consideram Alziro o “fundador” da Praia Grande, embora ele não seja nascido na Praia Grande. Ele tinha uma casa com cupiá, assoalhada e construída fora do chão, suspensa; e outros nomes de pessoas do lugar que viveram em Praia Grande nos últimos 100 anos.

Os relatos falaram do tempo dos alambiques, da relação com a Fazenda Graúna, tempo em que o “sertão era tudo cana” e a produção agrícola, vinha em lombo de boi por um caminho de tropa que cortava por dentro, da Praia Grande até o sertão da Graúna. Por causa dessa relação direta, alguns conheciam como Praia Grande da Graúna.

A maior parte da produção da Graúna era transportada para a Ponta da Figueira (ver mapa), onde até hoje tem um porto de pedra, muito antigo. Mas quando dava ressaca, vinham para Praia Grande, porque a baía da Praia Grande é protegida pela Ilha do Araújo. Então

tinham dois caminhos: o caminho do Cambucaero (Graúna-Praia Grande) e o Caminho da Ponte de Pedra (Graúna – Ponta da Figueira). O caminho da Ponte de Pedra era maior, passava carro de boi com quatro a seis animais na tração. Já o caminho que vinha da Graúna direto para Praia Grande era caminho de tropa. O transporte da produção era em burro com cançangalha e jacá feito de taquara.

Esses caminhos entre as localidades eram muitos usados antes da construção da BR. O caminho de tropa que ligava a Praia Grande ao sertão da Graúna era um percurso que durava cerca de 1 hora.



Ruy mostra foto da Praia Grande tirada antes da construção da BR

“ É uma trilha de tropa que eles chamavam. Pra escoação da banana, produtos da roça, banana, milho, feijão, farinha. Tudo vinha do sertão da Graúna. Ali tinha cana, mandioca, côco também. Então toda concentração era lá. E a estrada saía aqui, passava pelo Cambucaero até Indaiatiba que existe hoje”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos, Praia grande, 2021

E foi mencionado também um caminho que sobe a Serra até Cunha.

“ Porque essa estrada vai assim, ó, de curva. Você sobe aqui, mas ela vai assim. Lá de cima, do alto da Serra, ela vai virando para lá. Aqui, na Barra Grande, tem um caminho que o pessoal vai a pé até Cunha”

Ruy Dutra Nascimento, Praia Grande, 2021

As Fazendas Barra Grande e Taquari também foram mencionadas, porque parte da produção de banana dessas fazendas vinha em tropa de burro e era armazenada na Praia Grande esperando a embarcação vir buscar.

“ As embarcações na época eram Grajaú, Ipiranga, Nossa Senhora da Paz, Santo Antonio. Pegava ali e levava pra Ilha Grande e Mangaratiba. Levava galinha, pato, porco, tudo amarrado no convés. Era uma época boa, era muita fartura”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos, Praia Grande, 2021

“ Antigamente não tinha energia elétrica, não tinha estrada. Para se deslocar até Paraty era canoa a remo. O pessoal vinha de Barra Grande, Graúna, São Roque a cavalo, do lado do bar do Rui tinha uma árvore gigantesca com uma figueira cheia de argola pregada ali para deixar o cavalo. E meu pai levava o pessoal para fazer compra. Depois quando voltava, botava nos burro e levava cada um a sua compra”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos, Praia grande, 2021

O relato de Aroldo mencionou também que no tempo em que as Fazendas ainda estavam ativas na produção agrícola, vieram trabalhadores capixabas e muitos trabalhavam como meeiros, dividindo com os donos das terras a produção na Fazenda São Roque e Barra Grande. Seu Malaquias, um dos moradores mais antigos de Praia Grande, contou que veio com seu pai de Minas Gerais e trabalhou nesse sistema na Fazenda Graúna a vida toda.

Diferente das comunidades tradicionais caiçaras mais afastadas, onde até os anos 70 o acesso à terra era livre e a principal atividade agrícola era a roça de subsistência, nessa região próxima ao centro de Paraty, os fazendeiros mantiveram empregados na agricultura até o ciclo do turismo se consolidar. Só então as fazendas deixaram de ter produção agrícola e os núcleos urbanizados de ocupação começaram a surgir de forma mais intensa a partir da abertura da estrada. A Igreja do Corumbê é uma das mais antigas do município de Paraty, e as famílias da Praia Grande frequentavam as celebrações nessa igreja, antes da construção da igreja de São Cristóvão na comunidade.



“ As festas eram no Corumbê, a missa. iam a pé, as moças solteiras, os mais velhos. A rua era da largura de um metro. Contam que teve um casamento na igrejinha do Corumbê, uma família da Ilha do Araújo saiu na canoa, pegaram tempestade e morreram, hoje tem uma cruz na Ponta da Cruz, entre o Corumbê e a Praia do Rosa. ”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos, Praia Grande, 2021



*Prainha: onde antes havia uma comunidade caiçara virou área particular de um único dono.*

Os moradores nativos da Praia Grande contaram que na década de 1950 Jamil Klink, turco, chegou em Paraty começou a comprar terra em vários lugares. Nesse movimento, boa parte do território caiçara da Praia Grande foi comprado. Jamil e depois Timur contratou famílias caiçaras para cuidar da sua “propriedade”, para o pessoal não invadir.

“Praia Grande foi propriedade do Jamil. Ele fez uma cerca de arame farpado, botou búfalo e boi holandês, ameaçava os moradores pra irem embora, até helicóptero passou aí. Na Prainha foi o Cícero Foz, primo da dona da Pousada do Sandi. Tem um caminho que liga na praia do Engenho que hoje o pessoal chama da Praia da Pitanga, mas esse caminho tá fechado”

*José Luís Cananéa Soares, 61 anos, Praia Grande, 2021*

A comunidade resistiu à insistência dos Klink em remover os caiçaras nativos. Jamil ainda ficou com uma casa na Praia Grande, e mais tarde vendeu.

O processo de desapropriação na Prainha é sentido até hoje pelos atuais moradores da Praia Grande. Onde antes havia uma comunidade se tornou um terreno de um só “dono” que tomou conta de toda a extensão da praia, tentou fechar os acesso para privatizar a praia, mas não conseguiu, e descaracterizou a paisagem caiçara que existia. A estratégia adotada foi conseguir fazer com que uma das famílias vendesse sua terra, e começar uma pressão para que as outras fizessem o mesmo. Diferente das outras praias localizadas entre o Taquari e o centro de Paraty, que são enseadas de mangue com muita lama, a Prainha tem fundo de areia e água cristalina, sendo, das praias próximas da cidade, uma das mais visitadas.

“A Prainha hoje é de um dono só. Mas antes ali era uma comunidade. Foi expulsa. De uma forma ou de outra saíram dali. Foi o capitalismo mesmo. Seu Amélio, um grande cirandeiro da cidade também, quando ele perdeu as terras na Praia Grande, ele acabou vindo pra cidade, como vários outros. Em Paraty toda aconteceu isso, e até hoje acontece se a gente não tomar cuidado. Hoje a gente tá mais antenado, mas os nosso antepassados não tinham esse conhecimento”

*Emanuel Gama, 34 anos, Praia Grande, 2021*

“Eles vieram nos anos cinquenta morar já na propriedade ali, para tomar conta. Tinha uma casa grande também, que era uma casa antiga, e ele administrava. Lá em cima, no alto do morro, onde tem um condomínio hoje, também tinha um curral, que era um curral geral, que tirava leite. Tinha bastante. Nos anos setenta trouxeram os búfalos para cá”

*Emanuel Gama, 34 anos, Praia Grande, 2021*

## IMPACTO DA BR

“Quando iniciou a Rio-Santos, que eles começaram a quebrar pedra, eles gritavam: Vai fogo! A gente corria tudo pra praia. A casa do meu pai que era de sapê várias vezes ficou cheio de pedra na casa. Depois que parava aí a gente subia pra casa. Depois teve um acidente que teve uma enchente da Rio-Santos [deslizamento] e derrubou a casa. Minha mãe tinha cento e poucos animais de criação, pato, peru, ganso, ficou tudo soterrado. E aí nós

fomos morar em Paraty, a firma pagou 90 dias pra gente morar em Paraty de aluguel. Aí a firma fez uma casinha, uma sala e dois quartos. A gente não gosta nem de ficar comentando porque a facilidade que chega [com a BR], tem uma outra coisa que chega junto, e não só no nosso bairro, chega em tudo. Antigamente você dormia com porta e janela aberta. Hoje não pode. Hoje se você botar uma canoa na praia e deixar com uma rede ali, de repente vc vai perder”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos, Praia Grande, 2021

“ Outro impacto foi a aberração da Rio-Santos. Como é que foi mal feita! Assoreou. Teve um impacto muito grande. Essa reta que antecede a cidade de Paraty, a várzea da Jabaquara... É aterro! Aquilo ali é uma área de manguezal. Quando aterrava, a gente não tinha recurso para filmar, nos anos 70. Botava terra, as máquinas vinham, não era máquina apropriada não, eram tratores desses que vinham para compactar. Dez metros lá as árvores começavam a cair, aperta aqui e a lama sobrava lá. Aí fizeram esses aterros que acabaram com o manguezal do Jabaquara, da Barra Grande. Aí vem a coisa da ganância das grandes empresas, Camargo Correia, Paranapanema”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos, Praia Grande, 2021

## PESCA AGRICULTURA E EXTRATIVISMO PESCA

A pesca sempre foi uma atividade muito importante para o sustento das famílias da Praia Grande. E se aprendia desde cedo. De maneira geral, os pescadores contam que começaram a aprender ofício de pescador ainda crianças, a partir dos 7 anos, acompanhando os mais velhos na pescaria, aprendendo na prática.

A enseada de mangue do Saco Grande era um local de pesca das famílias caiçaras da Praia Grande e localidades próximas. Entretanto, atualmente, a pesca nesse local não rende mais resultado.

“ No Saco Grande, muitos anos atrás, você chegava ali e tinha 60 canoas pescando. Eu com 11 anos eu saía no caminho que tinha e ia levar café pro meu pai lá no ranchinho que tinha porto do pinto, no saco grande. Aí ele dividia com os pescadores que estavam do lado dele. Cada um dava a mistura que tinha, era biju, pão, fazia parceria, dividia com o outro. Hoje é totalmente diferente”

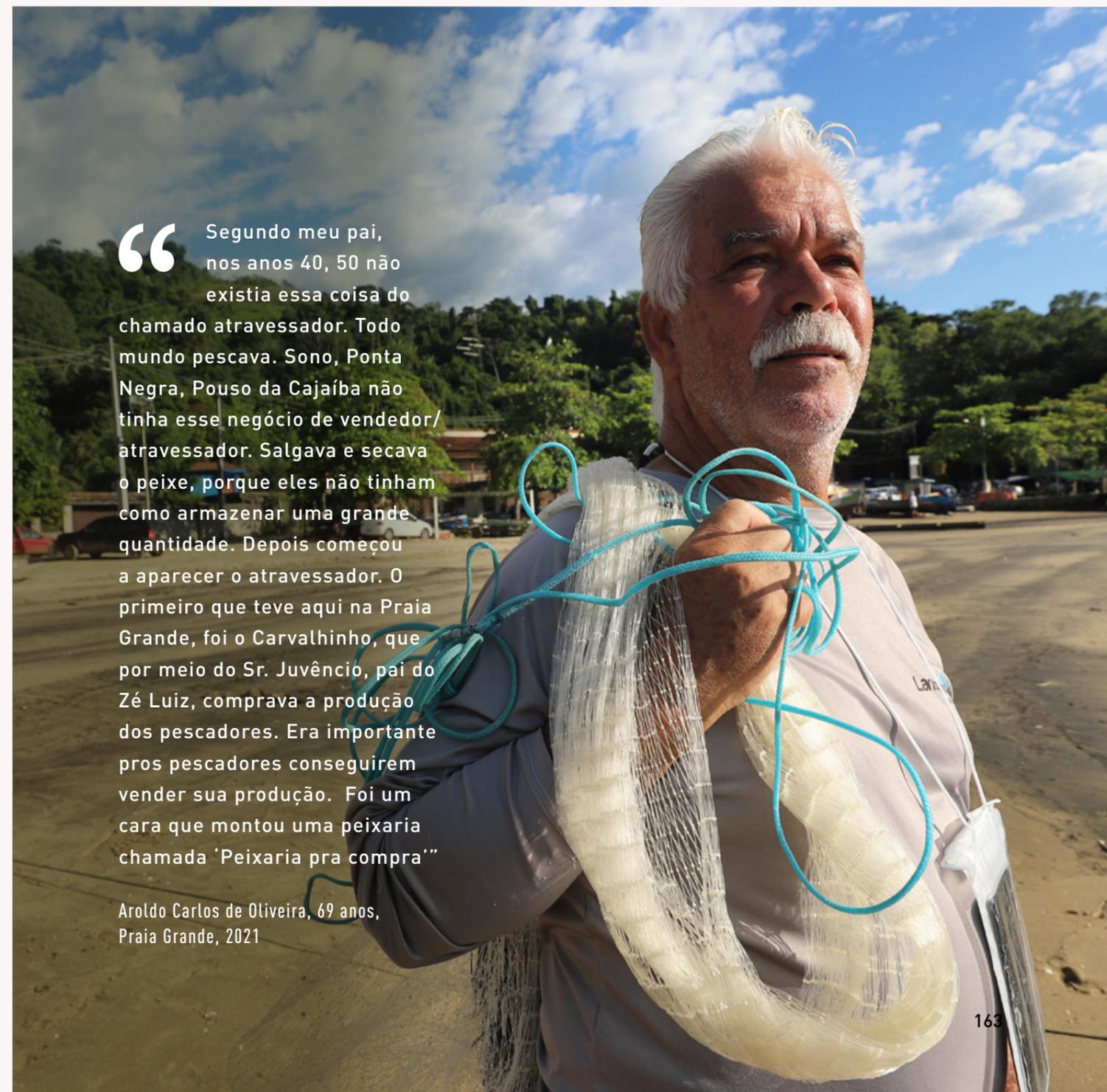
José Luís Cananéa Soares, 61 anos, Praia Grande, 2021

O peixe era escalado, uma técnica de conservação do peixe. Os pescadores salgavam e secavam o peixe, depois vendiam em Paraty, não existia a figura do atravessador, a pessoa que vendia o peixe dos pescadores.

Apesar das mudanças, a pesca segue sendo uma atividade importante em Praia Grande. Há uma peixaria perto do cais da Praia Grande onde é vendida a produção de pescadores de Praia Grande, Ilha do Araújo, Barra Grande e Tarituba. A peixaria pertence ao Sinésio, filho do Alzirão, irmão do Ruy.

## TÉCNICAS PESQUEIRAS

Os relatos sobre pesca mencionaram diversas técnicas pesqueiras em Praia Grande: pesca de puçá, covo, linha, cerco de tainha, pesca de camarão. E a pesca de fisga, que só foi possível enquanto havia os peixes grandes passavam com frequência perto da costeira, coisa que não acontece mais.



“ Segundo meu pai, nos anos 40, 50 não existia essa coisa do chamado atravessador. Todo mundo pescava. Sono, Ponta Negra, Pouso da Cajaíba não tinha esse negócio de vendedor/atravessador. Salgava e secava o peixe, porque eles não tinham como armazenar uma grande quantidade. Depois começou a aparecer o atravessador. O primeiro que teve aqui na Praia Grande, foi o Carvalhinho, que por meio do Sr. Juvêncio, pai do Zé Luiz, comprava a produção dos pescadores. Era importante pros pescadores conseguirem vender sua produção. Foi um cara que montou uma peixaria chamada 'Peixaria pra compra'”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos, Praia Grande, 2021

**Pescar com Fisga:** a pessoa fica em cima da pedra, numa posição onde é possível ver o peixe se aproximar e fisga-lo. As espécies de peixe mais comuns eram Robalo, Pampo, Sernambiguara, Cavala e Pescada. Um tridente feito de forma artesanal.

“ A pesca nossa era artesanal mesmo. Pesca com camarão vivo. Não tinha rede ainda, meu pai não era pescador de rede. Ele fazia em casa o próprio material dele que era um tridente. Ele comprava o material, um cano galvanizado e vergalhão ou prego. Pregos grandes, prego de cumieira. Ele fundia em casa, fazia um fogão com uma minúscula boca e botava o ferro ali, e depois ia batendo na bigorna, dobrava e fazia o tridente com farpa com tudo como se fosse soldado. A Ilha do Araújo tem vários pontos de pesca de fisga, e todas as ilhas tem um ponto onde o peixe passa mais próximo. Os dois tipos de peixes que ele pegava com mais frequência era o principal o robalo, depois a pescada e assim outros tipos de peixes, o pampo a sernambiguara. Mas peixe de valor era só o robalo. Ele ficava em cima de uma pedra que dá pra ver, sempre preparado. Quando o peixe ultrapassava o ângulo de visão, que via ele, ele fisgava de cima da pedra, uns dois a tres metros de profundidade”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia Grande, 2021

Zé Luís exhibe rede do puçá que pertenceu ao seu pai Juvencio



“ Meu pai ele vivia com a bunda da calça rasgada sentado na pedra olhando o robalo passar, pra fisgar. Dois pontos que ele ficava Ponta da Baleia e Ponta do Araujo”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos,  
Praia Grande, 2021

**Pesca com Puçá:** O puçá é uma armadilha de pesca muito utilizada pelos pescadores mais antigos de Praia Grande para captura de isca, pois se adequa ao tipo de ambiente marinho presente nessa região, caracterizado por baías rasas, água calma e fundo de lama. Existem dois tipos de puçá, um com uma rede em formato de coador de café preso a uma haste; e um puçá maior e mais elaborado, com uma vara amarrada em formato de triangulo, revestida por uma rede, puxada pela canoa com remo a mão e usada em baixio até 1,5 metro de profundidade. Esse tipo de puçá tem uma corda que controla a abertura da rede. Zé Luís mostrou a técnica de uso do puçá quando a equipe o acompanhou numa pescaria no Saco Grande.

“ O puçá foi os primeiros tipos de pesca aqui em Paraty. Aquele fio ali é fio 8. E aquele puçá ali é herança do meu pai. A vara foi eu que fiz”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos,  
Praia Grande, 2021

“ Amarrasse assim, amarrasse aqui, uma é maior que a outra que é pra ficar um cabo. Aí amarra e depois gira ela. A rede é assim, ela é uma meia lua. Aqui na boca ela é reta e aqui ela forma uma meia lua, com uma cordinha, fica esticada e seguro no dedo. Segura nessa parte, apoia na perna e rema com uma mão. Quando o camarão entra lá, você sente na cordinha, é um cordão fino. Você sente e daí solta, daí a boca da rede se fecha e o camarão fica preso”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia grande, 2021

“ Quando o camarão entra na puçá, a corda que ta presa no dedo, voce sente no dedo, mesmo que seja um camarão bem pequeno”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos,  
Praia Grande, 2021



Pesca com puçá



Aroldo prepara o lança da tarrafa

**Pesca de Linha e Anzol:** Pesca com linha e anzol: realizada de dentro da canoa. A pesca usa isca viva de camarão, baratinha, caranguejinho.

#### **Captura de isca:**

“ Meu pai enrolava a folha de bananeira num tronco de bananeira [pra tirar a medida roliça], botava um peixe dentro e colocava encima de uma pedra. Aí ia lá um monte de caranguejo e barata na beira da pedra, que dá muito. Aquilo era isca viva dele, ele conseguia. Não é qualquer um que consegue botar um camarão vivo no anzol. Se der pra uma pessoa leiga, vai matar o camarão. Ele tinha o ponto certinho que ele conhecia pra não ferir mortalmente o camarão. O caranguejinho é a mesma coisa, ele botava lá pra baixo, e quando puxava o caranguejo tava vivo. Ele fisgava esse caranguejo pelo sistema reprodutor, onde cria a

ova naquela casquinha ali, e a baratinha também na parte de trás, a baratinha sai querendo nadar dentro d’água, e o peixinho vê aquilo ali e pimba ”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia Grande, 2021

#### **Rede de Espera:**

“ A rede de espera, de robalo, coloca num ponto de um dia pro outro. Tem que contar com a sorte, se passar o peixe pega, se não passar não pega”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia Grande, 2021

**Pesca da Tainha:** com uma rede grossa, estendida entre duas canoas e se movimentam para cercar a tainha em círculos.

“ O cerco de tainha faz uns 300, 400 metros da costa. Eu vejo ela pular e aí eu cerco. Na pesca da tainha, por ser um santuário isso aqui, que foi, hoje em dia não é mais acabou também a pesca da tainha. Nossa mãe do céu, eu nem sei como é que poderia. Uma rede áspera, grossa. Hoje em dia é nylon, mono filamento, transparente, engana o peixe. Aí o pessoal saía lá, buzinavam com um berrante, num chifre de boi ou num litro quebrado pra avisar que eles visualizaram um cardume de tainha, saia da ilha do Araújo ali. Tinha o João Dôdô e seu Antonino. Tem dois filhos dele ali. Aí saia duas canoas, com rede de um lado e rede do outro, e começa cercar assim, cerca em redondo”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia Grande, 2021

#### **Pesca de Tainha com rede de interparo:**

“ O povo daqui da Praia, meu pai e outros tinham um outro sistema chamado interparo, era o tipo de rede. Era incrível aquilo ali, eu ainda vi isso aí por várias vezes. Aí chegava lá, eles cercavam o cardume da tainha. Devido a rede ser grossa a tainha não dava na malha. Então eles tinham que pegar uma, quebrar, e com o sangue elas afundam e param de saltar por cima da rede. A tainha é um peixe inteligente como o golfinho. O golfinho pode cercar ele redondo, que eles saem, um por um, de dentro da rede. Não malham de jeito nenhum. “Ah, mas tá na água suja ali” Não tem problema, ele sabe se virar lá. E a tainha também. Então ficava um bambu amarrado, uma canoazinha pequena, um bambu amarrado aqui na frente, outro atrás preso e uma rede. A tainha salta, bate na rede, e pumba, cai dentro da canoa. Aí era três por uma, se pegasse três, uma era do aparador e duas eram do dono da rede

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia Grande, 2021



**Arrastão L:** Técnica utilizada em encostas e ilhas. Na parte de cima da rede é colocada uma boia e na parte de baixo, chumbo para afundar. A malha do arrastão 15 – 20 milímetros.

“Tinha outro tipo de rede também, o arrastão L. Essa rede, por exemplo se normalmente tinha 70 braças, que dá... sete vez cinco, trinta e cinco, 105 metros de comprimento. Esse arrastão L tinha um sacador. Era uma rede reta, como uma rede de espera e no final tinha o sacador, um funil. Então bota lá, corre, cerca a rede, joga a rede aqui. Duas pessoas, quatro pessoas numa canoa só faziam isso: soltar a rede e correr o cabo feito de embé, acabava com a mão da gente, porque o embé é um cipó áspero horrível. Aí torcia. O meu pai era técnico em fazer isso. Quando eles colhiam [o embé], chamavam meu pai pra torcer, porque ele pegava um gancho de goiabeira, ele enfiava aquele gancho em uma bananeira. Não tinha táboa, era numa bananeira, a ponta varava e ele amarrava o embé lá no outro lado e ele ia girando aquele gancho. O gancho era como uma manivela. E ele ia girando, torcia uma parte, depois torcia outra, torcia três partes e depois encostava uma na outra e ia torcendo pra fazer aquele cabo. Aí essa rede, o arrastão L, não precisava muita rapidez, porque puxava, e ia puxando e ia batendo os cabos... bate daqui, bate dali e o peixe ia pra lá encostava e ia pro sacador. Então puxava e tirava”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia Grande, 2021

**Arrastão de Tróia:** Pesca feita com uma rede para até 12 metros de profundidade, puxada por duas canoas.

“Essa rede já tinha uma altura maior. Pra pescar no baixo também, mas ela tinha uma média de uns 8, 10 metros de altura. Quer dizer, bota numa altura de 12 metros de profundidade. Quanto mais rápido chegar lá [no fundo], melhor porque aí puxa o chumbeiro. Esse tipo de pescaria era duas canoas. Era um negócio fora de série: chegava, puxa o chumbo todo pra dentro da canoa, o peixe fica solto. Por exemplo chegava lá vinha 10 espécies de tamanhos diferentes. A pescada eles só aproveitavam... calculando... que tinha que ter mais de 1kg”

“A pesca de rede L e a pesca de tróia são técnicas pesqueiras não predatórias porque o peixe fica vivo dentro da rede e os pescadores podem selecionar os peixes pelo tamanho e devolver ao mar, ainda vivos, os peixes que são muito pequenos ou as espécies que não interessam”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia Grande, 2021

#### Pescaria de Covo:

“O covo é um balaio feito de taquara, ele parece um bumerangue. Aí bota lá dentro, então ele tem umas pontas assim e tem um buraco aqui. O peixe, o guaiá, santola, siri, até lagosta entram e não conseguem sair porque é todo espetado”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia Grande, 2021



Aroldo durante pesca com tarrafa

### Arrasto de camarão:

“ O arrastão de camarão veio com os espanhóis e portugueses no fim da década de 60. Para pesca de camarão a melhor época é lua de quarto. Porque a maré não sobe, não tem vazão de maré, e não dá correnteza. Agora quando dá maré sudoeste, a maré sobe demais, dá arrebentação, vendaval, aí não sai pra pescar” Antigamente usava a puçá, no Saco Grande, Jabaquara, Saquinho”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia Grande, 2021

### Assobiar ou Catar Guaiá

“ Eu sou neto de pescador, sou sobrinho de pescador, mas não exerço a pesca, minhas ocupações são outras. Mas sou um grande pescador de guaiá. Minha mãe ensinou muito bem a gente. Até hoje eu vou pra costeira pegar guaiá, é uma das coisas que eu mais gosto. Mas quando eu era criança tinha muito guaiá, hoje não tem mais como antigamente, hoje você luta pra encontrar”

Emanuel Gama, 34 anos, Praia Grande, 2021

### Mariscar:

“ A Praia Grande era muito bonita e ali onde tinha a peixaria tinha muito marisco, sapinhoá, tarioba. Hoje ainda acha marisco ali, mas devido às fossas e esgoto não se come mais”

Emanuel Gama, 34 anos, Praia Grande, 2021



Manejo do Puçá requer prática e sensibilidade nas mãos para fechar a rede na hora certa.

As histórias memoráveis de pescarias de grandes peixes permanecem vivas e são contadas para que as novas gerações saibam da fartura e como eram grandes os peixes capturados no passado. O mero é um peixe que cresce muito, e quase não se encontra mais em Paraty. Seu Zé Luís contou de um caso envolvendo um dos maiores Meros pescados na Praia Grande.

“ Aqui tem um pescador, Lorival José dos Santos, e tem uma ilha aqui na frente, a Ilha das Cabras. Toda vez que meu pai ia lá matar garoupa, meu pai escutava um mero, um estouro baixo [reproduz o som]. Meu pai falava pro Lorival e o Lorival falava: ah, o que será isso aí?

Meu pai dizia: isso aí pra mim é um mero muito grande que mora na toca das Cabras. Quando foi um dia, eles foram pra lá matar robalo com rede de aperto, o fio era do miolo da casca da imbaúba [é que nem a rede de tróia, mas a malha é 70 milímetros entre nós, muito grande. Chegaram lá, cercaram na ponta das Cabras e prenderam lá em baixo. Duas canoas: três pescador numa canoa que soltava a rede e um pescador na canoa que subia o cabo. Aí eles pegaram a rede toda e prenderam, amarraram nas canoas e levaram para uma pequena praia que tem nas Cabras. Aí pegaram. No outro dia foram pesar, deu 220 kg. Uma coisa ignorante, era um mero. Isso foi quando eu tinha uns 14 anos”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos,  
Praia Grande, 2021

### **Pesca Predatória / ameaça:**

Segundo relatos dos pescadores, a pesca tem deixado de garantir o sustento das famílias na Praia Grande. Além do pescado, os mexilhões, e todas as espécies de marisco, guaiá, siri, também estão desaparecendo. As principais ameaças apontadas pelas atividades de pesca foram a poluição no mar, e para alguns, o arrasto do camarão está afetando a capacidade de reprodução dos peixes dentro da baía da Ilha Grande.

“ A pesca ela tá mudando por que, porque ela tá fracassando. E se a pesca está fracassando, a maior parte do povo procura outro destino. A pesca somente hoje, não dá. Nossa baía está muito poluída. Você vai tirar uma rede e do meio pra cima ela tá de lodo, grossa. O nosso governante tem que olhar mais um pouco pela pesca. Até o nosso marisco que tinha muito, não tem mais. A poluição vai encostando na pedra e mexilhão morre, ostra morre”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos,  
Praia Grande, 2021

Algumas espécies de peixes não são mais encontradas. Aroldo citou algumas: bagre urutu, sardinha savelha, tubarão enxofre, tubarão martelo (cambeba amarela), e atribui o sumiço ao impacto provocado pela construção da Rio-Santos, principalmente a destruição do manguezal. A iluminação da costa e a chegada dos grandes navios também são fatores que contribuem.

O antigo estaleiro Verolme, atual Brasfels foi instalado em Angra dos Reis em 1959, e teve seu auge em 1979, sendo por muitos anos o maior estaleiro do Brasil. Esse estaleiro é responsabilizado frequentemente por depositar lixo no mar. Há cerca de 15, 20 anos atrás, segundo relatos de pescadores da Praia Grande,

em uma limpeza do cais da Verolme foram jogaram aproximadamente 60 mil toneladas de lixo (rejeito, ferro, crosta de pintura) no fundo do mar contaminando a baía da Ilha Grande.

## **AGRICULTURA E EXTRATIVISMO**

A atividade agrícola era realizada por moradores da Praia Grande até os anos 60, 70. A maior parte das famílias tinha roça de subsistência e outras trabalhavam também na produção e venda de banana e cana. Algumas famílias produziam e vendiam farinha de mandioca.

Depois disso, começaram a abandonar a prática e hoje existem alguns quintais com frutíferas e ervas, mas a agricultura não é mais realizada.

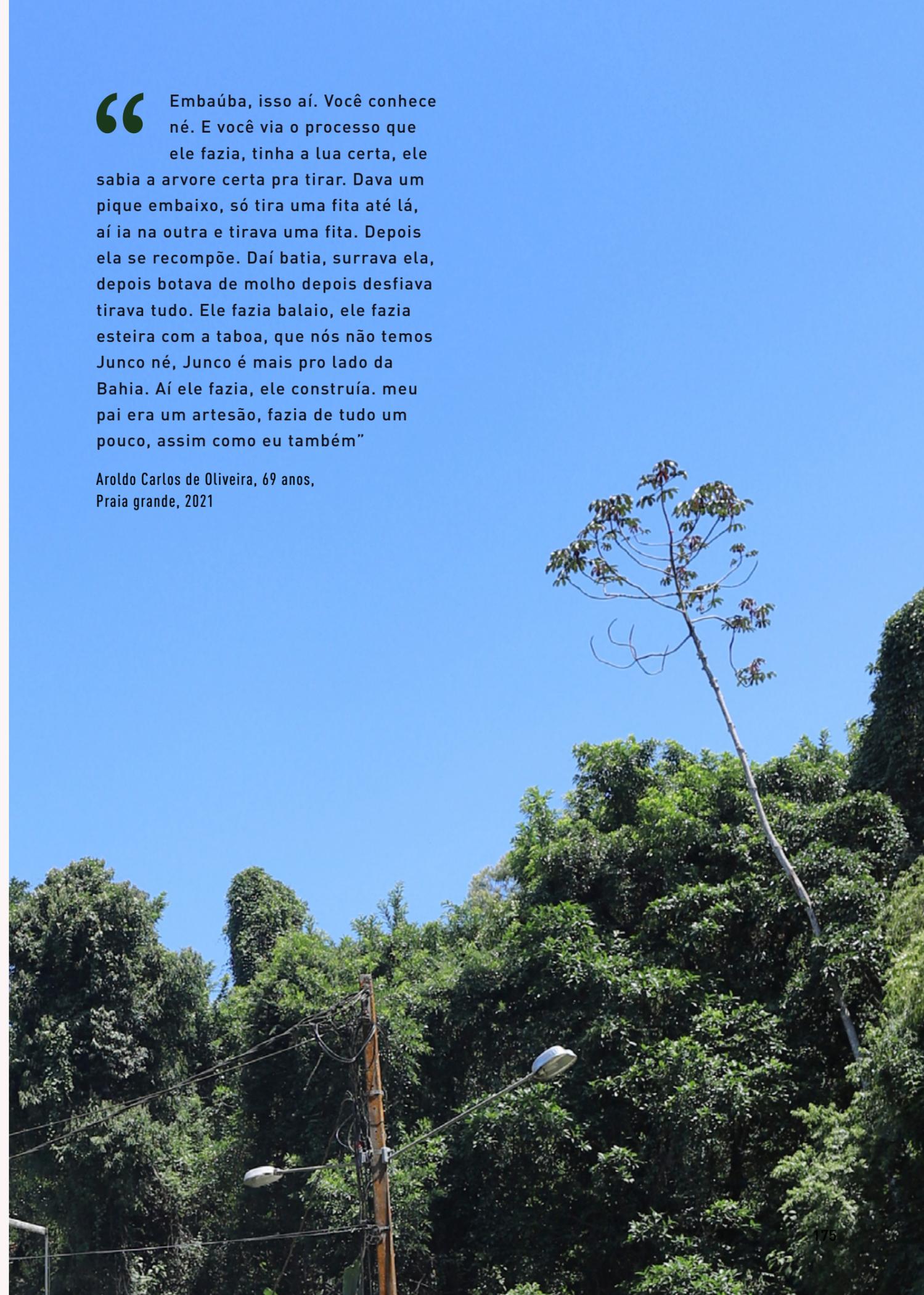
Foram mencionados diversos petrechos de pesca que utilizam fibras e cipós extraídos da mata, e essa relação com o espaço da floresta para coleta desses materiais era mais comum antes. O covo feito de taquara, os cabos de rede feitos de embé torcido, varas de bambu usados no puçá são alguns exemplos de materiais da mata usados na pesca.

Entrevistas sobre o passado da Praia Grande mencionaram a feitura de casas de pau a pique com madeiras coletadas na mata, além das canoas, embarcação ainda presente na Praia Grande.

A fibra da embaúba sempre foi muito utilizada para confeccionar a embira, uma corda resistente que por muito tempo serviu para diversos fins: nas redes e armadilhas de pesca, na fixação do sapê na cobertura das casas, na amarração das esteiras de taboa.

“ Embaúba, isso aí. Você conhece né. E você via o processo que ele fazia, tinha a lua certa, ele sabia a árvore certa pra tirar. Dava um pique embaixo, só tira uma fita até lá, aí ia na outra e tirava uma fita. Depois ela se recompõe. Daí batia, surrava ela, depois botava de molho depois desfiava tirava tudo. Ele fazia balaio, ele fazia esteira com a taboa, que nós não temos Junco né, Junco é mais pro lado da Bahia. Aí ele fazia, ele construía. meu pai era um artesão, fazia de tudo um pouco, assim como eu também”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos,  
Praia Grande, 2021





Servidão em Praia Grande

## TURISMO

O Turismo na Praia Grande é a principal fonte de renda atualmente. Como se pode visualizar nos mapas, há alguns comércios como restaurantes, pousadas, quiosques, padaria e peixaria, e também casas de aluguel. E há uma particularidade na localidade que é o turismo de pesca. Até trinta anos atrás Praia Grande era forte em camping.

“ Praia Grande é uma das únicas comunidades de Paraty que faz o turismo de pesca. Tem várias pessoas que vem principalmente do vale do Paraíba, e da baixada pra fazer essa pesca, que não é artesanal, é pesca esportiva. Tem também o turismo da Prainha e tem o turismo da Ilha do Araújo que são as casas de veranistas”

Emanuel Gama, 34 anos, Praia Grande, 2021

## CELEBRAÇÕES E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Na história que foi contada da Praia Grande, os festejos e celebrações tem um papel importante. Foram mencionadas:

- Festa de Nossa Senhora dos Navegantes
- Festa de São Cristóvão
- Festival do Camarão
- Festa de São Pedro e São Paulo
- Folia de Reis

Nossa Senhora dos Navegantes é padroeira de Praia Grande, junto com São Cristóvão.

“ A festa da padroeira da Praia Grande é Nossa Senhora dos Navegantes e o padroeiro principal é São Cristóvão. Antigamente, não é da minha época, é da época da minha mãe, existia uma procissão pra Nossa Senhora dos Navegantes. Saía da Praia Grande, dava a volta na Ilha do Araújo e voltava pra Praia Grande de novo. A Festa de São Cristóvão até hoje é forte lá. E tem uma procissão de caminhoneiro ainda, se cultua ainda, é uma novena”

Emanuel Gama, 34 anos, Praia Grande, 2021

O Festival do camarão ocorre depois do defeso do camarão, que se estende por 3 meses, março, abril e maio. Quem iniciou o Festival do camarão foi Carmosina na Praia Grande, depois passou a ocorrer na Ilha do Araújo e colabora para levantar recursos para os festejos de São Paulo e São Pedro, que ocorrem logo depois.

“ A Festa típica da Praia Grande é o Festival do Camarão, que é uma festa muito famosa. Foi da Praia Grande que surgiu para a Ilha do Araújo, alguns pensam que foi o contrário, mas não. A festa surgiu com a Carmosina, ela não é mais viva na Praia Grande, mas a família sim, é a família do Malaquias. Eles fundaram essa festa. Depois teve a Festa da tainha que não foi muito famosa, mas existiu”

Emanuel Gama, 34 anos, Praia Grande, 2021



Peixaria em Praia Grande

A festa de São Pedro e São Paulo começa com uma procissão marítima que traz a imagem de São Pedro de Paraty para Ilha do Araújo. A missa é realizada após a chegada da procissão. Após a missa acontece o leilão de prendas. A festa é acompanhada de ciranda, congada, e quando chega a noite, tem forró. Uma semana antes da procissão é realizada a novena, e quando tem o levantamento do mastro o padre vem de Paraty e faz uma missa (em qual igreja?).

Atualmente são realizados três dias de festa (sexta, sábado e domingo), as comidas são as mesmas do Festival do Camarão (bobó e camarão frito).

O Carnaval da Praia Grande também foi mencionado, teve um tempo em que o pessoal da cidade vinha pra vivenciar o

carnaval, ocorria no espaço da praia, o pessoal tocava samba, marchinha. Mas deixou de ocorrer ao longo da década de 80, foi parando e agora só no centro.

A Folia de Reis circulava pelas casas da praia grande no período entre o natal e o dia de Reis. A Folia era formada por um grupo de quatro ou cinco pessoas, acompanhada de instrumentos como viola, violão, cavaquinho, pandeiro, triangulo, zabumba e caixa. O grupo passava de casa em casa cantando versos. Os moradores preparavam algumas comidas, como cuscus, café e caldo de cana. Até os anos 80 a Folia ainda tocou na Praia Grande.

A bandeira do Divino também tinha um pessoal da Praia Grande que tocava.

“ Meu avô Alcides era cirandeiro e também fazia cantigas de folia de Reis. O que mais existia na época era folia de Reis nas roças. O povo ia, cantava na casa das pessoas, tinha aqueles comes e bebes, era uma tradição”

Emanuel Gama, 34 anos, Praia Grande, 2021

“ Começava dia 25 de dezembro e ia até janeiro. Parece que é dia de São Sebastião. Aí tocava, e não avisava pra ninguém, mas como o povo já sabia, todo mundo ficava preparado, por exemplo, com um biju, um cuscus, um café de caldo de cana, deixava pronto, tudo preparado lá, mas era sempre surpresa. Aí ia pra sua casa, cantava na porta, se você abrisse a porta

tudo bem, se não iam pra outra. Sempre em silêncio, em harmonia muito grande. Eu tocava o triângulo e gritava de triple, que é uma pessoa que tem que gritar um grito longo depois de cada verso cantado. Zabumba eu tocava quando ia fazer uns pontos, as coisas que eles falavam de macumba, que pra mim, não tinha nada de macumba, eu tocava zabumba ali. E tocava pandeiro na Folia do Divino. A Folia do Divino era de dia, de casa em casa, sai tocando aquele tarolzinho, tipo um tambor, lá, aí depois chega na casa... todo mundo sabe, todo mundo já está esperando.”

Aroldo Carlos de Oliveira, 69 anos, Praia Grande, 2021



Panorâmica da Praia Grande, com Ilha do Araújo ao fundo.

## PRÁTICAS DE CUIDADO

Durante as oficinas, encontros e entrevistas, os moradores da Praia Grande relataram que tinha uma parteira, benzedoras e rezadores na comunidade. Dona Paula que era mãe da Mariinha, uma figura icônica dos festejos religiosos mais tradicionais de Paraty era uma grande benzedora. Era um trabalho de fé, e vinham até pessoas de fora pra fazer essas rezas. Dona Anésia mencionou a parteira Vicentina e Seu Zé Luís lembrou da Madrinha Bilaia.

“ Ela era parteira de todo mundo. Era madrinha de parto, todo mundo quando encontrava ela pedia a benção”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos, Praia Grande, 2021

Ainda hoje Zé Luís é benzedor para espinhela enfraquecida. Esse problema costuma dar mais em adultos: vomito, tontura. A espinhela vira para dentro, e a pessoa fica com receio de se alimentar.

“ O médico aplica medicamento, mas não tem nada a ver com medicamento. E só piora. Isso aí é só medir, eu tenho o barbantino em casa. Já fiz muito isso aí. Ontem veio um de Ponta Grossa, veio aí, bateu na minha porta pra eu rezar”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos, Praia Grande, 2021

## ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

“ O sonho que eu tenho é de um dia ver a nossa comunidade mais unida”

José Luís Cananéa Soares, 61 anos, Praia Grande, 2021

A Associação dos Moradores da Praia Grande (AMORPG) se formou nos anos 1990 e teve papel importante no processo de implantação de algumas estruturas públicas dentro da comunidade da Praia Grande, como o saneamento, implantado no tempo do prefeito Zé Claudio.

“ Associação dentro das comunidades é uma coisa complicada. Só quem é da comunidade entende. É que nem briga de parente”

Emanuel Gama, 34 anos, Praia grande, 2021

## ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS

A Associação passou um tempo desativada, e no momento em que este trabalho estava sendo desenvolvido, um grupos de pessoas da Praia Grande estava dialogando para retomar a associação. Uma das questões que a comunidade estava refletindo era sobre se a Associação deveria ou não ter pessoas não nativas do lugar na diretoria tomando as decisões e representando a comunidade caçara tradicional.

Entre as questões que os comunitários relataram que a Associação da Praia Grande precisa buscar solução é com relação ao uso do estacionamento da Praia Grande. Buscar diálogo com moradores da Ilha do Araújo que também se utilizam desse estacionamento.



Estacionamento em Praia Grande

## O QUE FOI MAPEADO (DESCRIPTIVO DA CARTOGRAFIA SOCIAL)

Os mapas produzidos pela comunidade da praia grande incluíram diversos lugares de referência do território, terrestres e marinhos, além de edificações importantes e caminhos antigos.

Entre os principais topônimos, destacam-se na costeira: a Ponta da Helena, Ponta do Morcego, Pedra do Canguá, Ponta do Morcego, Canto do Morro, Praia Grande, Prainha, Saco Grande e o Morro da Praia Grande. Foram mapeadas também estruturas coletivas, como o cais pesqueiro e de turismo, o estacionamento, o ponto de ônibus; edificações de referência como os ranchos de pesca, Bar do Ruy, peixaria, padaria, trailer, as casas caiçaras, a Escola e a Igreja de São Cristóvão. Como memória, foram traçados os antigos caminhos, as antigas áreas agrícolas, e o local onde morava a parteira.

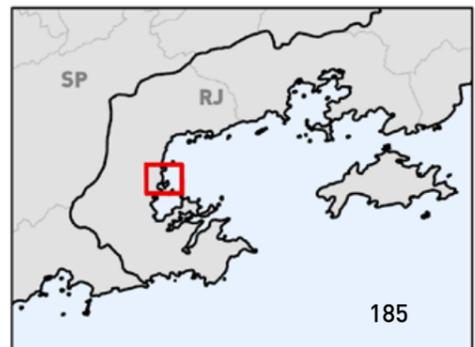
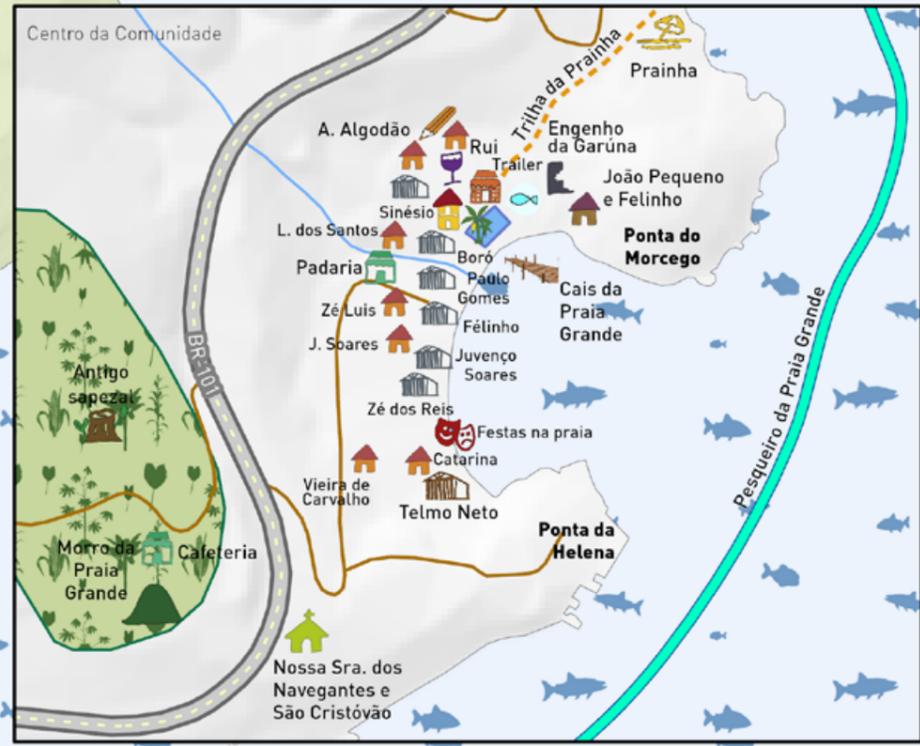
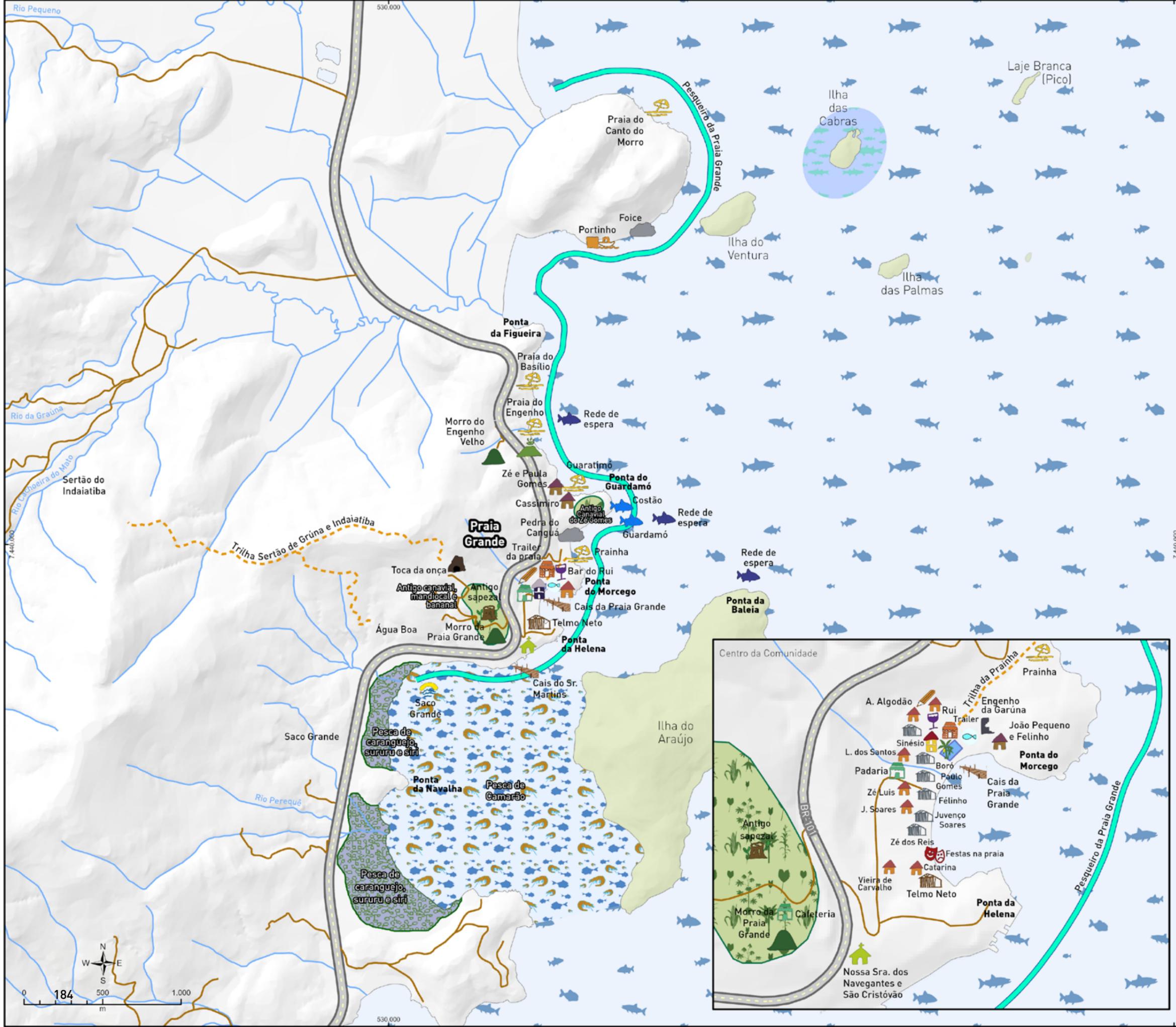
## MAPAS FALADOS



Emanuel e Zé Luís na elaboração do mapa falado

# COMUNIDADE CAIÇARA DA PRAIA GRANDE

- |  |   |
|--|---|
| <b>Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica</b> | <b>Turismo e comércio local</b>           |
| Rede de espera   | Comércio caiçara                          |
| Lajes e parcéis  | Trailer                                   |
| Rancho de pesca  | Peixaria                                  |
| Rancho de pesca antigo                                 | Bar                                       |
| Casa de caiçara  | Pousada de caiçara                        |
| Casa de caiçara antiga                                 | Mirante                                   |
| Sapezal antigo   | Praia                                     |
| Antigo depósito de banana                              | <b>Infraestrutura e serviços públicos</b> |
| Igreja católica  | Escola                                    |
| Morro  | Cais                                      |
| Pedra  | Porto                                     |
| Ilha   | <b>Outros elementos</b>                   |
| Saco   | Rodovia                                   |
| Toca   | Outras Estradas; Ruas                     |
| Ruína  | Rio, córrego                              |
| Festas culturais e religiosas                          | APA do Cairucu                            |
| Trilha   |   |
| Pesca artesanal  |   |
| Pesca artesanal  |   |
| Pesca de camarão                                       |   |
| Pesca de mero  |   |
| Mangue   |   |
| Roça antiga  |   |
| Área coletiva (estacionamento)                         |   |





# ALDEIA KANĀ PATAXI ÜÏ TANARA - PATAXÓ

MINHA ALDEIA É A NATUREZA

"Esse território representa vida, é um território sagrado pro nosso povo, é um território que a gente encontra paz, o carinho da natureza, a proteção. A gente trata a nossa mãe terra como nossa mãe, aqui é um território que tem vida, a gente tá aqui pra proteger da melhor forma possível "

Leonardo Muniz Ribeiro, "Hägüi", 33 anos, cacique da Aldeia Pataxi do Iriri, 2021

# LOCALIZAÇÃO

A aldeia Pataxó Há-ha-Hãe se chama, na língua dos pataxó, Kanã Pataxi ũi Tanara. Está localizada no Iriri, norte do município de Paraty, há 28 quilômetros do centro. O território ocupado pelos indígenas envolve os dois lados da BR 101: incluindo a área que dá acesso à cachoeira e a área que dá acesso à praia. As moradias, a oca sagrada, chamada kijeme mirauê, e outras estruturas comunitárias estão situadas do lado do sertão, no caminho para a cachoeira do Iriri. Também desse lado ficam as principais áreas de uso agrícola e extrativista, a trilha educativa e a captação de água que abastece a comunidade. Do outro lado da estrada os indígenas fazem a gestão da área que dá acesso à praia, e a utilizam também para coleta de plantas medicinais, além de manterem as lojinhas de artesanato,

chamadas "pahai", em patxohã, e a área de reflorestamento com mudas nativas, medicinais e coqueiros. Nessa área também são realizadas várias atividades com os grupos de vivências na aldeia.

Todas as vezes que a equipe do Povos esteve na Aldeia, foi recebida na oca sagrada, com fogueira acesa, com uma roda de abertura e cânticos em um ambiente de acolhimento e seriedade com o trabalho que estava desenvolvendo na cartografia.

## HISTÓRIA DA ALDEIA PATAXÓ DO IRIRI

Para entender como se formou a aldeia Pataxó do Iriri é preciso conhecer a situação dos Pataxó em seu território de origem: a Mata Atlântica da Bahia. E para entender a situação dos pataxó da Bahia, é preciso remontar a história de contato dos Pataxó desde os primeiros anos da colonização portuguesa.

A narrativa sobre a história do povo Pataxó é muito potente, pois mostra a sua força e resistência, mas também triste, porque evidencia a violência e descaso dos colonizadores e das autoridades governamentais com os povos originários desse país chamado Brasil. Brasil que vem de Pau-Brasil, madeira abundante no território indígena Pataxó no tempo da invasão portuguesa.

A história de contato dos Pataxó com os colonizadores é uma das mais antigas no processo de exploração colonial. Os Pataxó, assim como os Tupinambá, povo com o qual os pataxó têm um histórico de relação ancestral, estão entre os primeiros povos a serem contatados pelos portugueses no século XVI. Conta a historiografia oficial que o Monte Pascoal teria sido o primeiro marco em terra avistado por Pedro Álvares Cabral em sua viagem de exploração nas águas do Atlântico sul.

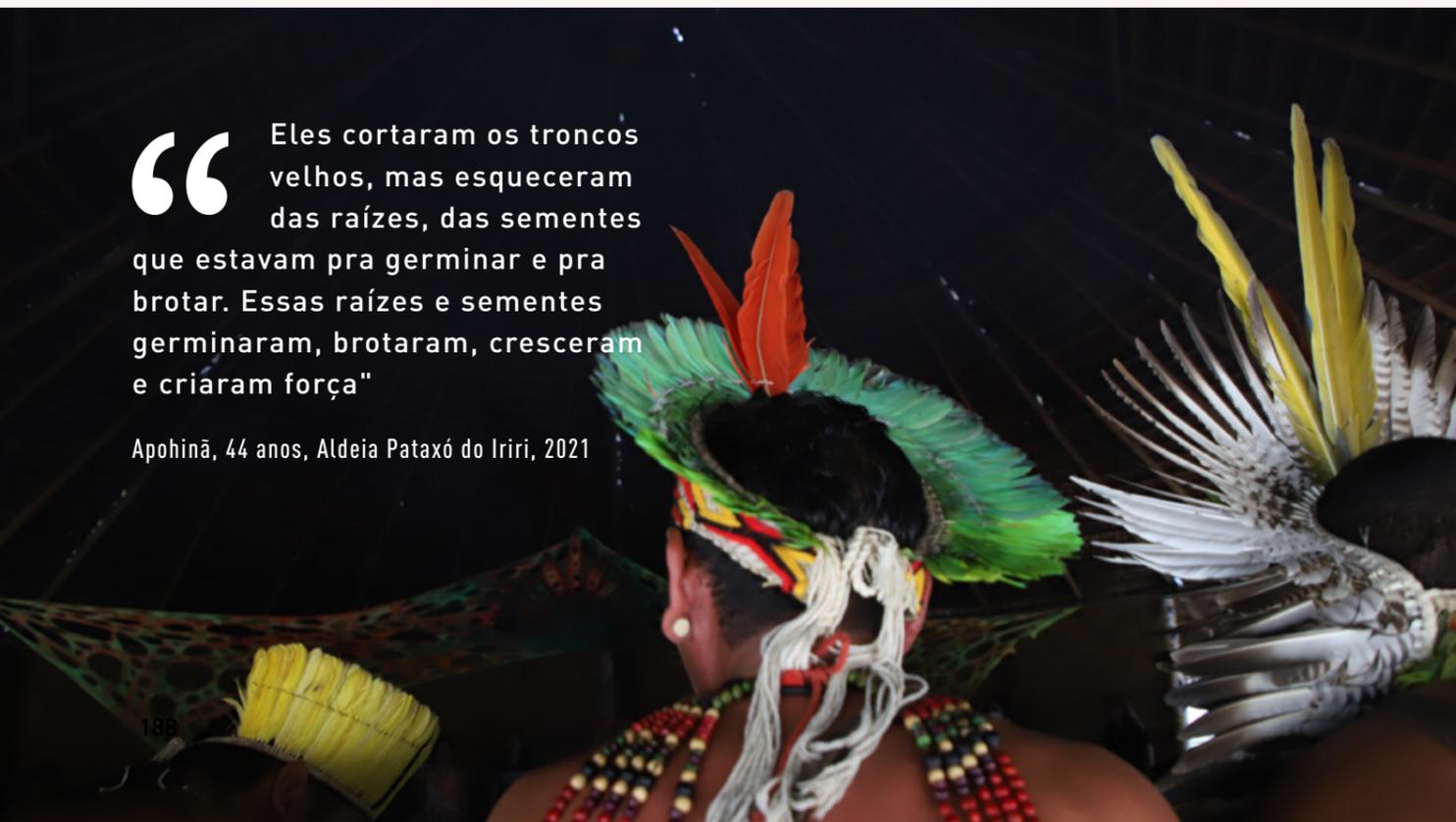
“ O nome ‘índio’ foi dado pelo colonizador quando ele chegou. Porque eles desviaram a rota deles chegando ao Monte Pascoal, o marco do descobrimento, onde foi realizada a primeira missa em Santa Cruz de Cabrália. Ele viu pessoas iguais ao povo da Índia e falou ‘estou na Índia!’ e chamou nós de índio. E era tudo igual, na época ninguém falava quem era os seus povos”

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos, vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

Os Pataxó que hoje habitam o Iriri vieram do sul da Bahia, da aldeia mãe Caramuru Paraguassu, onde vivem os pataxó Há-Há-Hãe, um dos grupos étnicos pataxó que moram no sudeste da Bahia. O povo pataxó sofre historicamente com o coronelismo em conflitos de terras que trazem na memória casos de extrema violência sofrida, como o chamado “Fogo de 51” – uma sequência de acontecimentos desse triste episódio que resultou na repressão policial, morte e prisão de indígenas que estavam lutando para defender seu território e culminou com o incêndio de uma aldeia que expulsou de lá os pataxó. Segundo fontes historiográficas e relatos orais, os conflitos causaram migração de famílias pataxó para o norte de Minas Gerais e para áreas não férteis da Bahia.

“ Eles cortaram os troncos velhos, mas esqueceram das raízes, das sementes que estavam pra germinar e pra brotar. Essas raízes e sementes germinaram, brotaram, cresceram e criaram força”

Apohinã, 44 anos, Aldeia Pataxó do Iriri, 2021



Artesanato vendido no espaço da praia

“ Eu fico olhando que desde o massacre de 1951, que existiu um “fogo de 1951”, que o governo do Estado da Bahia tentou dizimar os índios Pataxó. Os Pataxó vivem em uma parte do seu território, tirou aquele povo dali e jogou para a beirada da costa, onde a terra era de areia branca, pra tentar matar o povo de fome porque não tinha como plantar nada. Mas a gente sempre acredita na nossa ancestralidade e na nossa espiritualidade, que guiaram a gente para lugares mais ricos de comida, onde existia o mangue e a beirada da praia. Então, às vezes não prestava a terra pra lavoura, mas tinha riqueza de alimento e foi onde muitos Pataxó ganharam muitas habilidades e na região do Caramuru não é diferente.”

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos, vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

Durante os anos 70, em plena ditadura militar, quando Antônio Carlos Magalhães foi governador da Bahia, os conflitos de terra entre fazendeiros e os Pataxó se acirraram, com relatos de tortura e assassinato de indígenas para “dar o exemplo”. Esse histórico violento de expropriação gerou uma desagregação comunitária pataxó que está presente até hoje na região sul da Bahia. Com a morte dos anciãos, algumas aldeias acabaram ficando sem orientação. Somando isso ao preconceito contra os pataxós nos centros urbanos e às condições de vida difíceis em Caramuru – pois a aldeia fica há cerca de 230 quilômetros de Porto Seguro, e a água, mesmo de poço artesiano, é salobra – algumas famílias resolvem sair.

“ O governador na época era a pessoa do ACM. Ele deu títulos de terras para muitos grileiros que depois se tornaram fazendeiros a fim de dizimar aqueles povos. Mas como a gente fala, o nosso povo não morre, ele adormece. Eles cortaram os troncos velhos, mas esqueceram das raízes, das sementes que estavam para germinar e para brotar. Essas raízes e sementes germinaram, brotaram, cresceram e criaram força. Até que em 1982 vieram e resgataram todo o seu território. Foram muitas lideranças embora, mortas nesse processo de retomada do território. Na aldeia Pataxó Hahahãe, que é de onde a gente veio, pessoas foram castradas vivas, com crueldade mesmo, para intimidar o resto da população indígena, mataram ele, furaram, arrancaram unha, furaram o olho, torturaram até a morte.

Eu lembro que na aldeia mãe, no Posto Indígena Caramuru, Catarina Paraguaçu, Município de Pau Brasil, antigamente tinha um correntão na beirada da estrada e tinha um mata burro. Todo mundo que queria ir, poderia ir, mas todo mundo comunicado. E foi passando, foi passando, foi morrendo os caciques velhos, foi vindo a nova geração e a nova geração não deu muita importância para aquelas ideias dos anciãos, que aquilo tinha que ser protegido de acordo como a comunidade queria, que a aldeia tem que ter ordem, não pode virar bagunça. Aqueles anciãos não tinham o conhecimento do que hoje está acontecendo, mas eles previam isso”

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos, vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021



Foi então que os núcleos familiares pataxó saíram da Bahia e vieram para o sudeste. Passaram 10 anos em Angra dos Reis até chegarem em Paraty, em 2016. Esse território foi indicado pelos encantados. Os pataxó seguem a orientação da ancestralidade e espiritualidade.

“ Minha Mãe, Muriã, é tupinambá e meu pai é Pataxó, a gente veio pra essa terra (Paraty) em busca de coisas melhores através dos nossos antepassados, sempre buscando em nossos rituais pedindo que eles nos orientassem. E assim eles nos orientaram, pra gente ir em busca de uma terra que era pra gente cuidar, então a gente veio em busca dessa terra. Nós ficamos um tempo na cidade [Angra dos Reis], porque os nossos encantados não mostram a localidade, eles mostram sempre em visões as regiões, então a gente por 10 anos ficou em busca até a gente encontrar essa área, uma área que já foi ocupada pelos tupinambás há muito tempo. Então a gente recebeu esse chamado para vir pra essa área onde seria feito um resort e a tendência era acabar com toda essa natureza que nós temos hoje na Aldeia”

Leonardo Muniz Ribeiro, "Hägüi", 33 anos, cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

“ Dentro dos nossos rituais sagrados vieram os encantados, e falaram que a gente tinha que vir proteger esse território, senão eles iriam destruir toda a mãe terra com a criação de grandes empreendimentos. Então a gente está com essa missão de estar aqui protegendo não só para nós indígenas, mas para toda a nação do nosso país, onde a gente luta pra proteger a biodiversidade, onde tem as plantas, onde tem os animais, onde a gente busca todo recurso pra se manter na parte da alimentação, e também as medicinas da floresta”

“Pau-de-chuva é usado nos trabalhos de meditação, dentro dos nossos rituais, e durante os cânticos têm as medicinas da floresta, que a gente usa pra fazer desde chás, a banho de ervas medicinais, medicinas que a gente trabalha pra cicatrizar feridas, coceiras, banhos, defumação, ayahuasca, rapé, sananga, a gente luta pra proteger toda essa biodiversidade das plantas e que ainda existe”

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos, vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

O local onde está situada a aldeia dos Pataxó no Iriri consta como área da Fazenda São Gonçalo, o mesmo grupo empresarial que comprou da White Martins as terras. Como a Fazenda está nesse momento buscando encerrar a Ação Discriminatória movida pela PGE em curso desde 2003, representantes da Fazenda ofereceram ao Estado desmembrar a área onde está situada a aldeia, na porção do sertão, e doar para usufruto indígena. Os trâmites desse acordo têm sido acompanhados pela FUNAI e pelo ITERJ e até 2022, quando esse trabalho foi concluído, ainda não havia um desfecho nesse processo.

## PARENTESCO E ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Atualmente vivem 15 famílias na aldeia Pataxó do Iriri, um total de 52 pessoas, todos parentes e com um senso de comunidade baseado na ideia de igualdade e partilha.

Muriã, anciã da aldeia, é tupinambá e mãe do cacique Hägüi, da Nawã e da Atekey. Na aldeia existem 4 gerações convivendo: Muriã é bisavó, Nawã já é avó e sua filha já é mãe. Nem todos os núcleos familiares tiveram condições de construir uma casa até o momento, então a tendência é que com o tempo surjam novas casas na aldeia.

“ Aqui é tudo parente: pai, mãe, irmão, cunhado, cunhada. É tudo uma família só, da mesma família, da mesma aldeia, todo mundo junto, não tem ninguém diferente, todo mundo é igual. A mesma coisa que a gente comeu hoje a gente come amanhã, e é para todo mundo, divide as coisas para todo mundo, o que chega vai para a cozinha e todo mundo come.”

Nawã, Aldeia Pataxó do Iriri, 2022



“ Tem muitas famílias que ainda não tem condições de construir. A minha casa mesmo está parada, estou na casa da minha filha e minha filha está na casa do meu pai, e aí vai se ajudando. Quando minha casa estiver pronta vai morar eu, Nawã, Itohã meu filho, Xohã, Puhui, Tamikuã, Naô e Ju. Sete pessoas”

Nawã, Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

Toda aldeia pataxó tem um cacique e um vice cacique, lideranças políticas que desempenham o papel de mediação com o mundo não indígena e atua para atender as necessidades da aldeia. O pajé tem sabedoria e cuida da saúde da aldeia, no aspecto físico, espiritual, psicológico. Tanto o cacique como o pajé nascem com um dom, e desde criança os mais velhos conseguem identificar quem possui o perfil para essas funções.

“ Numa aldeia o pajé é a sabedoria, e o cacique administra as demandas da Aldeia. O pajé nasce pajé, pode ser até uma criança que acabou de nascer, ela não se torna pajé. Aquele que nasce com esse dom, nós ajudamos quando ele é criança, jovem, para que ele consiga administrar seus dons. Então quando a gente percebe a sabedoria naquela criança a gente encaminha ela até o pajé pra ele passar os ensinamentos. Para se tornar cacique também vem desde de pequeno se mostrando diferente, com o poder de liderar. E é ensinado a liderar com respeito para que todos da aldeia vejam como é um

bom cacique. É ensinado a orientar e a delegar funções. Um bom cacique faz com que todos entendam que o que é bom para um, é bom para todos”

Leonardo Muniz Ribeiro, "Hägüi", 33 anos, cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

A aldeia pataxó do Iriri não possui um pajé. Quem conduz os rituais na aldeia são Apohinã e Nawã. Por isso, manter as conexões com o pajé da aldeia mãe na Bahia é fundamental. Os Pataxó de Paraty buscam fazer intercâmbios regularmente com os parentes que permaneceram na aldeia na Bahia. Nessa visitas, aproveitam para trazer artesanatos e matérias primas para o artesanato e manter fortalecido o laço político, o laço espiritual e a identidade cultural Pataxó.

No Segundo Encontro de Mulheres conseguiram trazer um ônibus com parentes da aldeia Caramuru Catarina paraguassu.

Os pataxó integram ativamente os movimentos nacionais indígenas, participam do Acampamento Terra Livre em Brasília e outras ocupações de reivindicação de direitos aos povos originários.

“ A gente tá sempre indo lá, o nosso pajé ainda é da Bahia, na Aldeia do Iriri não tem nenhum pajé ainda, então a gente tá sempre indo pra lá fazer nossos trabalhos espirituais, a gente vai lá buscar força, sabedoria, a gente nunca esquece da nossa mãe. Estamos sempre em conexão, a gente vai em grupo pra lá, queremos trazer um grupo de lá pra visitar a nossa Aldeia, sempre vem um ou dois, a gente quer trazer um grupo grande de parentes”

Leonardo Muniz Ribeiro, "Hägüi", 33 anos, cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021





## LÍNGUA, CULTURA E EDUCAÇÃO

“A gente tá sempre em busca de melhorias dentro da nossa cultura, que é uma cultura viva e verdadeira do nosso país e a gente tá sempre lutando para manter as nossas origens, a nossa maior fonte de riqueza que é a nossa cultura, hoje o indígena que perde sua cultura, ele perde tudo”

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos,  
vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

A comunidade pataxó do Iriri tem muita preocupação com a continuidade de suas tradições culturais. Justamente pelo histórico de violência e expropriação, transmitir conhecimentos e práticas ancestrais para as crianças é um ato de resistência da identidade étnica desse povo. O Patxohã (“língua do guerreiro pataxó”) que faz parte do tronco linguístico macro-jê, família maxakalí, está entre as referências culturais do povo pataxó. A língua não é mais falada, mas existe em algumas aldeias da Bahia um trabalho de pesquisa e revitalização da língua que envolve não só palavras (o léxico) mas também cantos.

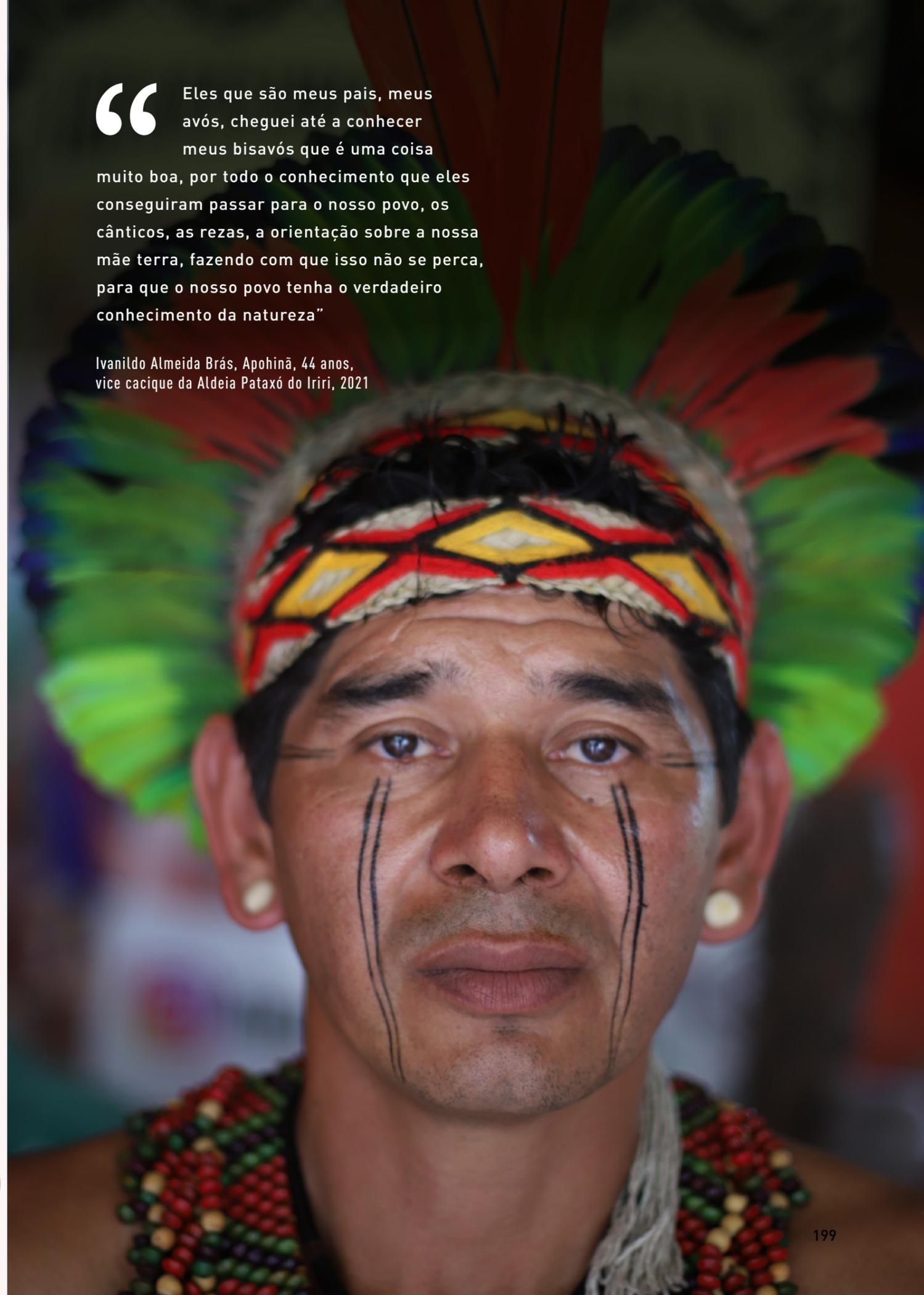
“A questão da língua, é passada no dia a dia, no tempo que você tem de convívio com aquela criança. Se for na parte de medicina, é quando a gente vai pro mato buscar as ervas e as crianças chegam pra perguntar pra quê vai servir aquela medicina, e é onde a gente fala pra todos para que elas servem, a gente explica para o que cada uma delas serve, se for pra curar uma ferida, para melhorar a imunidade ou pra fazer banho pra tirar as energias ruins a gente vai falar e explicando tudo. A gente busca no dia a dia aperfeiçoar os conhecimentos para passar para os mais novos, para não perder o que resta da nossa cultura. Há muito tempo atrás tinham muitas etnias e hoje já se foi pra mais da metade, junto com os que restaram nós estamos lutando para conseguir seguir em frente e fortalecer essa cultura”

Leonardo Muniz Ribeiro, “Hägüi”, 33 anos,  
cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

A transmissão oral de saberes sobre o passado do povo pataxó, sobre plantas, artesanatos, língua patxohã e espiritualidade são o cerne da educação pataxó. Esses conhecimentos e práticas são repassados pelos pais, avós e bisavós, no dia a dia e em ocasiões especiais.

“Eles que são meus pais, meus avós, cheguei até a conhecer meus bisavós que é uma coisa muito boa, por todo o conhecimento que eles conseguiram passar para o nosso povo, os cânticos, as rezas, a orientação sobre a nossa mãe terra, fazendo com que isso não se perca, para que o nosso povo tenha o verdadeiro conhecimento da natureza”

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos,  
vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021



# RITUAIS E MEDICINAS SAGRADAS

O cuidado e a devoção à mãe terra e à natureza - em todas as suas expressões - são esteios da cosmovisão pataxó. Os naô são espíritos ou encantados ligados ao mundo da natureza e eles dão orientação e força aos humanos pataxó. Os ritos que os pataxó realizam na aldeia são performáticos, incluem cantos, maracás, chocalhos nos tornozelos, dança circular ao redor da fogueira, os homens e mulheres indígenas usam indumentárias, grandes cocares, braceletes, uma saia de imbiruçu e pintura corporal. A defumação no ambiente junto com essa performance cria uma atmosfera ritual potente.

A Oca sagrada é o local onde esses rituais ocorrem. É uma casa redonda, coberta de piaçava, com meia parede que areja e ilumina, pé direito de cerca 7 metros de altura sem esteio central, o que confere uma área interna ampla. A fogueira é acesa no centro da oca.

“ Todos os rituais, todos os trabalhos que são feitos dentro da Aldeia, é realizado primeiro uma oração. São cantos de união, de alegria e de agradecimento a Deus e a Mãe natureza, sempre pedindo licença, para que tudo dê certo, para que não tenha nenhum empecilho, pois todos os nossos recursos para fazer os trabalhos são retirados da natureza. Nossa intenção é unir e reunir pessoas para somar junto a causa de todos que é a luta contra o desmatamento, a luta pela proteção do planeta, nossa mãe terra, nossa natureza”

Leonardo Muniz Ribeiro, "Hägüi", 33 anos, cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

As celebrações que os pataxó realizam, ou participam, são:

- Dia do Índio (19/04)
- Festa de Comemoração da aldeia (16/05)
- Ritual Awê Heruê (inclui cantos, rezos, banhos, medicina, jogos e comidas típicas como kauim, mukusi na patioba (peixe na folha do pati) (sem data fixa)
- Encontro de pajés (em aldeias pelo Brasil)
- Celebrações diárias: ao amanhecer ou anoitecer, consigo mesmo, invoca os naô (espíritos da natureza, os encantados, dão força e orientação)
- Encontro de Mulheres (sem data fixa)
- Conexão Ancestral (vivência ritual realizada em dezembro, evento aberto aos visitantes)

Já foram realizados 4 Encontros de Mulheres na aldeia pataxó do Iriri. O objetivo do encontro é valorizar o papel das "mulheres que trazem todos os ensinamentos, desde o nascimento do bebê, até o casamento. Toda a preparação são as mulheres que fazem (Apoihinã). Participam as mulheres da aldeia e convidadas de fora. Alguns homens também vem, pois há alguns momentos em que os homens integram o coletivo. ocorrem rodas de conversa só entre mulheres e troca de mudas durante o evento.



“ Awêry Tupã, a nossa força vem da mata e juntos somos um. A força de nosso maracá. Porque onde a gente estiver e balançar o nosso maracá e acender o nosso timbero, a gente sente a força da nossa ancestralidade e o nosso pessoal nunca vai nos abandonar”

Ivanildo Almeida Brás, Apoihinã, 44 anos, vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

Os cantos de proteção individual ou coletivo são em língua patxohã. Tem cantos de boas-vindas dos parentes para limpar a energia de quem tá chegando.

Na praia, fazem também os jogos tradicionais, que envolvem moikã xohã, jogos de guerreiros: corrida de maracá, arco-e-flecha, cabo de guerra, corrida de tora, natação, luta corporal "partiumiukay".

“ Dentro dos nosso rituais somos guiados pela nossa ancestralidade e nossa espiritualidade onde praticamos até os dias de hoje, e vamos continuar para as futuras gerações”

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos, vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

Para que as medicinas consagradas nos rituais tenham eficácia, é preciso acreditar nelas. Os rezos entoados durante a consagração das medicinas são puxados pelos rezadores (apohinã e Nawã) e o coletivo acompanha.

“ Se eu não acreditar e confiar na medicina da floresta, ela não vai ter poder sobre mim, a cura não é uma promessa, a promessa por meio das medicinas é mostrar o caminho da cura, e o caminho da cura depende de cada um”

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos, vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

Nem todas as medicinas utilizadas são tradicionais do povo pataxó, caso do ayahuasca que aprenderam com parentes huni kuin. Há uma relação de troca de conhecimentos com outros povos e que fazem parte da reconstrução do ser indígena e identidade pataxó. Os pataxó do Iriri possuem uma agenda intensa de recepção de grupos de vivências ligadas às práticas de cura com medicinas ancestrais, desenvolvendo um trabalho sério e que tem importância também na renda comunitária.

“ Dentro desse conhecimento ancestral das medicinas, cada povo fortalece o outro, assim como é o ser humano que estuda para ler e escrever, às vezes aprendem outros idiomas, assim, dentro do nosso território é o nosso povo, além do seu conhecimento ele busca outros conhecimentos, em outras medicinas, e com outros pajés.

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos, vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

A pintura corporal também foi mencionada como uma prática tradicional pataxó. Usam o jenipapo, o urucum e argila. O preto do jenipapo representa a ancestralidade; o vermelho do urucum, é o sangue do povo; o amarelo é a riqueza do nosso povo.

“ Dentro do nossos trabalhos tem também o grafismo, que é uma forma de mostrar nossa identidade, fazemos durante os rituais também, usamos o Jenipapo para tingir, urucum que é vermelho, para nós indígenas o vermelho é o símbolo do nosso povo, representa o sangue que corre o tempo todo dentro de nós. Nós temos Jenipapo plantado”

Apohinã, 44 anos, Aldeia Pataxó do Iriri, 2021



# ATIVIDADES PRODUTIVAS E GERAÇÃO DE RENDA

## AGRICULTURA

Realizam plantios nas áreas do entorno das casas, com a presença de plantas medicinais, mandioca, banana e outras frutíferas, árvores para uso das sementes e madeiras. Se interessam pelo manejo da jussara e já fizeram coleta dos cachos.

No espaço da praia possuem uma área de reflorestamento com mudas nativas, como ipê. Plantam também coqueiros e possuem uma horta com plantas medicinais. Costumam fazer uma atividade de troca e doação de mudas para os participantes das vivências.

## ARTESANATO

O artesanato pataxó é uma importante fonte de renda da comunidade e passa pela atividade agrícola na medida que muitas das matérias primas tradicionais, como madeiras e sementes, não são encontradas na Mata Atlântica paratiense. Para superar essa carência, os pataxó estão plantando algumas espécies nativas da região de origem para garantir futuramente o acesso a esses materiais.

“ Quando a gente chegou aqui, muitas dessas sementes não existiam, então todas as sementes que tá aqui hoje, que foi feito o artesanato, a gente tem muitas plantas dessas sementes já plantadas, algumas já estão florindo, outras já deram fruto, e já tem algumas plantadas quase no ponto de colher.



Artesanato pataxó vendido nas lojinhas na praia do Iriri



Aqui a gente tem o Tento que é essa árvore vermelha, que muitos chamam de Pau-Brasil, tem Salsa da Praia, nós temos Tinguí, Maui, Pacari, Juerana e Mata Passo, olho de pombo, sabão de macaco e açai.

As madeiras que a gente usa pra fazer o artesanato, a gente usa a nossa, aqui tem várias como o jequitibá, jueraninha, às vezes tem umbu, o vinhático que vem da Aldeia mãe. Pau-de-chuva feito com imbaúba e semente de pariri, colares, pulseiras e brincos de sementes, brincos de pena, maraca, cesta e lanças feitas de Pau Brasil Brejaúba e ou Pati.”

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos, vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

Na lojinha de artesanato, chamada Pahai, os pataxó vendem artesanatos feitos por outros povos, como é o caso da cestaria guarani. A ideia é enriquecer o espaço do artesanato com peças de outros grupos.

## TURISMO (EDUCATIVO, VIVÊNCIAS COM MEDICINAS E LAZER)

O Turismo é uma atividade essencial para a comunidade Pataxó do Iriri. O público varia: são visitantes a lazer e grupos pre-agendados para realização de vivências educativas (estudantes universitários e escolas) ou vivências espirituais. No roteiro da aldeia, os visitantes conhecem a oca sagrada e lá participam de uma roda de conversa sobre a história pataxó e suas tradições culturais, na beira do fogo. Fazem a trilha pela mata, onde os indígenas identificam plantas

e falam da forma como se relacionam com a natureza, a cachoeira do Iriri, além da alimentação servida na cozinha comunitária e uma lojinha de artesanato onde são vendidos os artesanatos tradicionais dos pataxó, feitos principalmente madeira, sementes, cipós e penas. Há uma casa de apoio para hospedagem, banheiros coletivos usados pelos visitantes.

“ Antigamente as aldeias não eram abertas para o público, e hoje nós abrimos para as pessoas que querem ter o conhecimento sobre o nosso povo, que querem entender nosso modo de vida, a gente dá oportunidade das pessoas virem dentro da Aldeia, conhecer um pouco da nossa cultura, para tirar a visão que o não-indígena tem sobre nós.

A gente trabalha com o turismo, com as escolas, fazendo atividades e rituais com consagração de medicinas artesanais. Para receber o turismo, tem um horário, que é de 8h da manhã às 5 da tarde, a gente faz o papel de conscientização sobre a preservação e também sobre o que a gente investe, que são a parte do artesanato, e parte também de vivências que muitos vem fazer aqui dentro da Aldeia. Então aqui esse espaço que a gente chama de “Pahai”, que é uma casa de comércio onde a gente expõe todos os nossos artesanatos, que é o meio de sobrevivência do nosso povo, e as pessoas que vem fazer vivência também contribui com a renda, a gente dispõe nosso tempo em prol deles”

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos, vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021



*Cachoeira do Iriri, local sagrado para os Pataxó*

Cuidar do território e zelar pela tranquilidade da comunidade é um compromisso dos Pataxó na relação com os visitantes. Como a aldeia foi retomada no entorno do acesso a um atrativo turístico conhecido da cidade de Paraty, a cachoeira do Iriri, hoje os Pataxó têm regras de visitação, com horários definidos e proibição de bebidas alcoólicas na cachoeira.

“ Dentro da Aldeia tem algumas restrições, do lado de lá onde fica a praia do Iriri, os turistas podem levar bebidas, fazer churrasco na praia, mas desde que não deixe o seu lixo, já do lado da cachoeira não pode nem entrar com bebida e nem fazer churrasco, então nessa questão da conscientização e preservação da floresta, muitos acham ruim, não gostam das restrições e alguns chegam a querer discutir. Então essas pessoas, com esse tipo de atitude aqui na Aldeia já não são bem vindos, só é permitido a entrada de quem vem com o coração pra curtir a floresta e também zelar por esse povo que está aqui”

Ivanildo Almeida Brás, Apohinã, 44 anos, vice cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

## AMEAÇAS

“ E hoje a gente está presente aqui, lutando para que esse território seja logo regularizado, porque não era pra nós indígenas estarmos brigando por um pedaço de terra para sobreviver.”

Apohinã, 44 anos, Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

A principal ameaça sentida pelos Pataxó do Iriri é a questão fundiária que ainda não está resolvida e a luta pela área da praia que ainda está em negociação.

“ A gente sabe que quando se fala de área indígena sempre tem um empecilho, desde sempre uma luta muito grande pela demarcação, a gente está junto ao estado e ao ministério público, em negociação com o “dono” das terras, que não possui nenhum documento que comprove que ele é de fato dono, estamos negociando a doação das terras onde está localizada a Aldeia, para o povo Pataxó, para que não haja mais conflitos.”

Leonardo Muniz Ribeiro, “Hägüi”, 33 anos, cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021



Com a fogueira acesa no centro da Oca Sagrada, a equipe do Povos desenvolve atividade da cartografia na comunidade.

Outro fator de ameaça é o preconceito que os pataxó enfrentam. Muitas pessoas não reconhecem a identidade indígena pataxó e se esquecem que foram os próprios colonizadores que impuseram costumes, que forçaram o abandono da língua, o uso de roupas, a transformação dos territórios.

“ Eles vieram na intuição de enganar o nosso povo com espelho, com utensílio, bijuteria, pra enrolar nosso povo pra fazer o nosso povo vestir. Hoje nosso pessoal veste e falam que queriam ver o índio pelado. ‘Mas vocês não falam só no idioma!’. Muitos chegam aqui e falam: ‘fui visitar a aldeia Guarani, eu fiquei lá besta, porque eu não consegui interagir com eles’. Aí eu falei: ‘mas você reclama porque o índio fala português, e lá você ficou abestalhada porque você...’ Não achou bom também.

**Ninguém sabe entender. Às vezes eu falo com meus filhos em patxohã: ‘o que você falou? Tá vendo, isso aí foi onde o colonizador fez de tudo para que a gente perdesse a nossa cultura’**

**Nawã, Aldeia Pataxó do Iriri, 2022**

Na relação com turistas que visitam o Iriri, às vezes ocorrem conflitos com visitantes que se recusam a aceitar a gestão indígena desse território, com estabelecimento de horários e uma contribuição qualquer pela manutenção do estacionamento.

Outra ameaça apontada é o turismo predatório, com a presença de lixo e a entrada de drogas e alcoolismo na comunidade.

“ Uma dor é saber que os governantes sabem que somos nativos desse país, sabem dos nossos direitos. Quando todos eles chegaram aqui, já existiam os indígenas, e os indígenas até hoje em pleno século XXI estão morrendo, muitas vezes por falta de alimentos. A dor do indígena é não ter a sua terra demarcada”

“E pra mim a maior alegria de ser indígena é ver que meu povo mantém a sua cultura, é saber que eu sou respeitada em todo o mundo, as pessoas que tem o conhecimento da nossa história e do nosso povo, eles tratam a gente com respeito”

**Nawã, Aldeia Pataxó do Iriri, 2022**



## PROJETOS FUTUROS

Os pataxó aguardam a regularização da terra para organizarem melhor as atividades que já desenvolvem com vivências, trilhas educativas e consagração das medicinas na aldeia. Obter as áreas dos dois lados da rodovia é essencial para que o território pataxó possa ser efetivamente uma fonte de subsistência segura da comunidade, gerando renda com o turismo na praia e na cachoeira com as vivências educativas e rituais.

“ A gente quer envolver os dois lados [da estrada]. A praia precisamos também, nós temos os jogos indígenas e a maioria das coisas que a gente faz é lá mesmo. Estamos seguindo nosso pai Tupã, pra que acabe tudo bem, que a gente conquiste. Se a gente não conquistar, fica muito ruim pra gente. Para fazer os nossos rituais, as nossas atividades. Viver em paz, né?”

Nawã, Aldeia Pataxó do Iriri, 2022

No espaço da praia, os pataxó tem intenção de construir um centro cultural, ou museu, para mostrar a história e cultura pataxó. Nesse espaço, inspirado na exposição que participaram no Museu do Amanhã em Niterói, haveria uma exposição fixa de vídeos, fotos, registros sonoros. E também seria o lugar para continuarem as atividades que já desenvolvem com os visitantes, para estruturar melhor o turismo educativo e as vivências.

Faz parte desse olhar para o futuro a valorização de tradições culturais e sua transmissão para os mais jovens.



Auíri, juventude pataxó no território

“ O nosso objetivo é manter e buscar melhorias dentro da nossa cultura, que é uma cultura viva e verdadeira do nosso país. A gente tá sempre lutando pra manter as nossas origens, para que nosso futuro, nossas crianças tenham a mesma oportunidade que nós temos hoje, de poder ter uma cachoeira sem poluição. A nossa maior fonte de riqueza que é a nossa cultura, hoje o indígena que perde sua cultura, ele perde tudo.”

Eu luto dia a dia com esse compromisso que é de liderar um povo, de proteger, e se for preciso a gente dá a vida pra proteger um ao outro, então a gente tá sempre nessa conexão de proteção, a gente sempre luta pela proteção de todo membro da nossa comunidade, é um protegendo o outro”

Leonardo Muniz Ribeiro, "Hägüi", 33 anos, cacique da Aldeia Pataxó do Iriri, 2021

Os Pataxó recebem visitas de estudantes universitários, têm parcerias com escolas públicas e privadas, além dos parceiros que colaboram na organização das vivências. Parceria IAB - fortalecimento da cultura contra o preconceito.

A aproximação que aconteceu com o FCT (Fórum de Comunidades Tradicionais) por meio do projeto POVOS também abriu possibilidades de fortalecimento mútuo.

A aldeia tem necessidade de sistemas de saneamento ecológico e de assessoria jurídica nas questões que envolvem a demarcação do território.



Muriã Tupinambá, anciã da aldeia pataxó e juventude trabalham na elaboração do mapa do território.

## O QUE FOI MAPEADO (DESCRITIVO DA CARTOGRAFIA SOCIAL)

Os espaços de uso mapeados pelos pataxó, incluem áreas de mata, o espaço da aldeia, onde estão localizadas as casas e principais estruturas comunitárias e plantios, e a área da praia, onde fazem a gestão do estacionamento e mantêm uma cozinha/restaurante para servir refeições nos encontros e vivências que promovem.

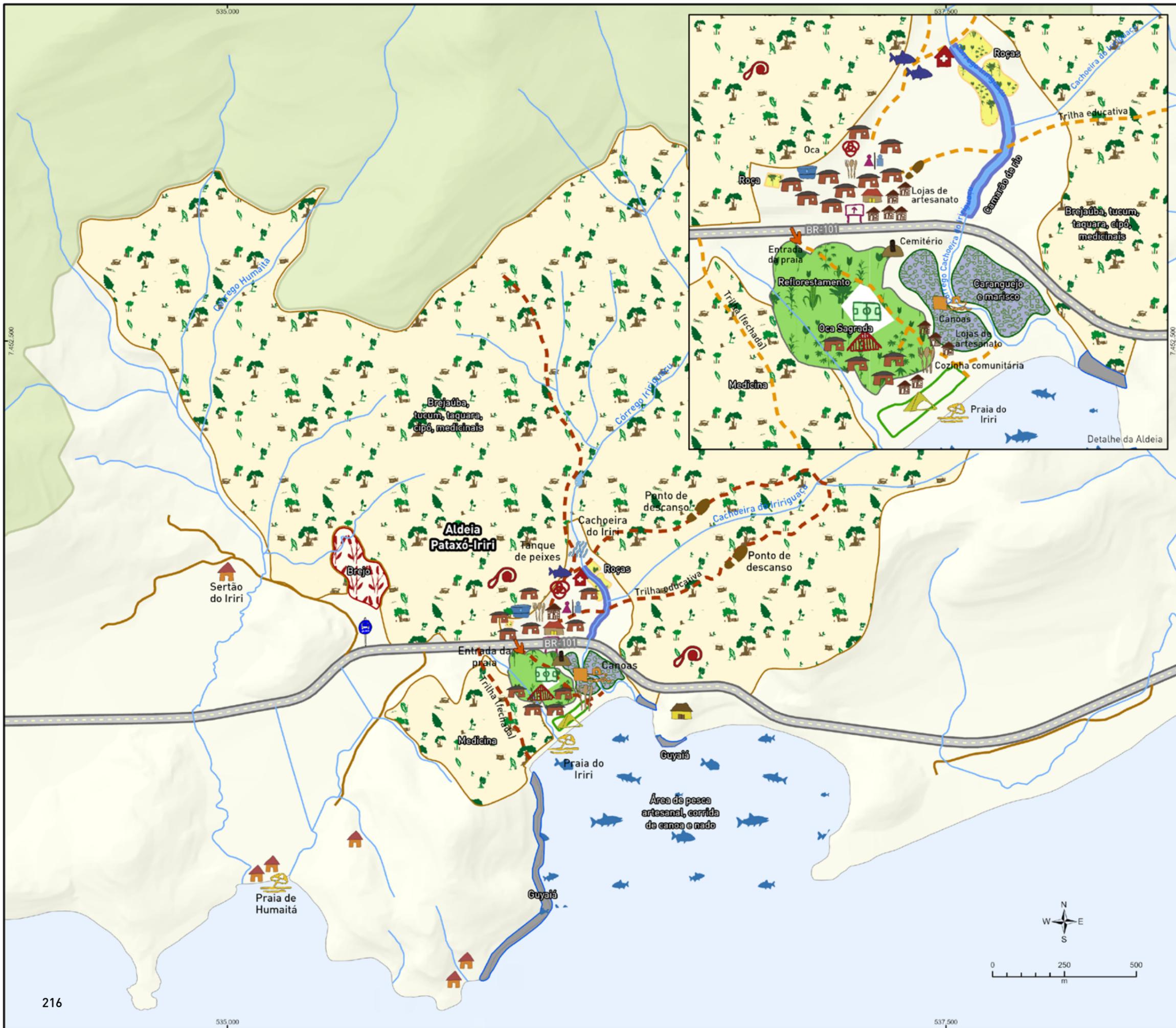
*Cachoeira do Prumirim - imagem de drone tirada pela Rafaela durante a oficina do projeto POVOS com a juventude da comunidade.*

Alguns destaques do mapa pataxó são: a Oca Sagrada, espaço comunitário para reuniões; casa de apoio / hospedagem; cozinha comunitária; cachoeira do Iriri, praia do Iriri, rio; lojinha de artesanato; banheiros comunitários; Trilha educativa e turística; campo (utilizado para vários esportes e atividades); estacionamento / caminho de acesso à praia; restaurante comunitário (na área da praia); área de plantio ao lado das casas dos moradores área de reflorestamento e horta de plantas medicinais próximo à praia.

O espaço da mata possui uma variedade de plantas utilizadas pelos pataxó, como madeiras, cipó e ervas medicinais, e abriga também uma série de animais com quem os pataxó convivem: teiú (lagarto), porco do mato, cotia, tatu, jaguatirica, onça, macaco prego, gambá, tamanduá, tucano, gavião, jacu, sabiá, coruja, macuco, bem-te-vi.

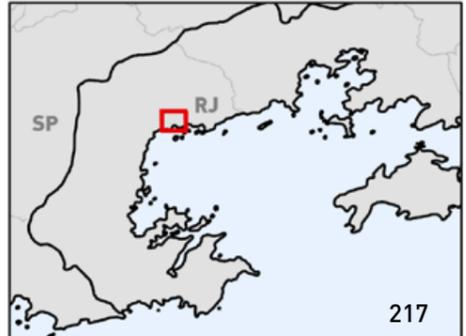
## MAPAS FALADOS PRODUZIDOS PELAS COMUNIDADES





# ALDEIA INDÍGENA PATAXÓ-IRIRI

- |  |   |
|--|---|
| <b>Áreas de uso e ocupação tradicional e histórica</b> | <b>Turismo e comércio local</b>                             |
| Tanque de peixes                                       | Camping comunitário   |
| Cachoeira  | Camping comunitário   |
| Nascente   | <b>Infraestrutura e serviços públicos</b>                   |
| Captação de água                                       | Posto de saúde  |
| Caixa de água  | Ponto de ônibus   |
| Banheiro comunitário                                   | <b>Conflitos Socioambientais e ocupação não comunitária</b> |
| Campo de futebol                                       | Casa de não-comunitário                                     |
| Casa de indígena                                       | PARNA da Serra da Bocaina                                   |
| Oca Sagrada  | <b>Outros elementos</b>                                     |
| Casa de apoio  | Acesso  |
| Casa de artesanato                                     | Trilha  |
| Oca comunitária  | Rio, córrego  |
| Cemitério  | Rodovia   |
| Cozinha/restaurante comunitário                        | Outras Estradas   |
| Entrada da Aldeia                                      | Trilha educativa - pontos de descanso                       |
| Porto de canoas indígenas                              | Pesca artesanal   |
| Praia  | Pesca de camarão no rio                                     |
| Extrativismo   | Pesca no costão (Guyaiá)                                    |
| Mangue   | Roça  |
| Pesca artesanal  | Taboa   |
| Pesca de camarão no rio                                | Área de regeneração   |
| Pesca no costão (Guyaiá)                               | Casa de caiçara   |



# TERRITÓRIOS DO NORTE DE PARATY

Projeto **POVOS**  
Território, Identidade e Tradição

Executante



Empreendedor



Órgão Licenciador



A realização do Projeto Povos é uma exigência do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama.

Parceiros

